



Universidade Federal do Ceará
Centro de Tecnologia
Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design
Curso de Graduação em Design

Maria Eduarda Guimarães Corrêa de Araújo

*

**Presença da Ausência: representação do luto
de forma sensível e humanizada**



FORTALEZA, 2024

MARIA EDUARDA GUIMARÃES CORRÊA DE ARAÚJO

PRESENÇA DA AUSÊNCIA:

REPRESENTAÇÃO DO LUTO DE FORMA SENSÍVEL E HUMANIZADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Design do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aléxia Carvalho Brasil

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A69p Araújo, Maria Eduarda Guimarães Corrêa de.
Presença da ausência : representação do luto de forma sensível e humanizada / Maria Eduarda Guimarães Corrêa de Araújo. – 2024.
158 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Design, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Aléxia Carvalho Brasil.

1. Livro experimental. 2. Design. 3. Luto. 4. Experimentação. I. Título.

CDD 658.575

MARIA EDUARDA GUIMARÃES CORRÊA DE ARAÚJO

PRESENÇA DA AUSÊNCIA:
REPRESENTAÇÃO DO LUTO DE FORMA SENSÍVEL E HUMANIZADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Design do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em: 01/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Dra. Aléxia Carvalho Brasil
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor(a) Dra. Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor(a) Ma. Lia Alcântara Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Paula Aragão de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

**À minha família,
no céu e na terra.**

AGRADECIMENTOS

À minha família, Fátima, Sara, Raquel e Rebeca por sempre me apoiarem e incentivarem a seguir meus sonhos, e por sempre manterem viva e presente a memória dos que já se foram. Aos meus sobrinhos, Miguel, Rafael e Gabriel, por me cativarem com sua pureza e sensibilidade. Vocês me formam, me guiam e me fortalecem.

À professora Aléxia Brasil, pela excelente orientação nesse trabalho e por todas as conversas, trocas e aprendizados. Por sempre apoiar as mais mirabolantes ideias e por me tranquilizar ao longo de todo o processo. Às professoras participantes da banca examinadora, Lia Alcântara e Lilu, por embarcarem nessa jornada e abraçarem o projeto. Todo meu agradecimento a essas professoras maravilhosas que inspiram e potencializam um design sensível e humano. À Paula Aragão, pelos comentários e contribuições que enriqueceram o trabalho.

Ao professor Gustavo Moura, por suas diversas indicações de leitura no campo da psicologia e disponibilidade para retirada de dúvidas. À Cecília Bichucher, por compartilhar suas produções artísticas e seus conhecimentos, proporcionando inúmeras reflexões que enriqueceram a pesquisa e o produto a ser desenvolvido.

Ao meu filho de quatro patas, Ciano, que amassou diversos pãezinhos em mim nos momentos que mais precisava.

Ao Bruno, por ser a minha dupla e me apoiar incondicionalmente.

Aos meus amigos e colegas da Turma 9, em especial, Davi, Gabriel, João Pedro, Letícia, Marco e Rodrigo por todos os conselhos, risadas, trocas e momentos que vivemos juntos nesta trajetória. Pelas pizzas compartilhadas nos intervalos e por superarmos todas as dificuldades juntos. Ter a oportunidade de acompanhar a trajetória de cada um é uma grande inspiração.

Há livros de que apenas é preciso provar, outros que têm de se devorar, outros enfim, mas são poucos, que se tornam indispensáveis, por assim dizer, a mastigar e digerir.

(BACON, Francis, 1625.)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo representar o luto a partir da união entre arte, experimentação e design, ocasionando na criação de um produto físico, tátil, humanizado e interativo. Tal finalidade é obtida a partir da criação de um livro experimental, tendo por base as vivências pessoais da autora. Buscando aprofundar sua compreensão sobre esse processo, a autora procura expressar, de maneira artística e experimental, uma vivência que é simultaneamente subjetiva e universal. Devido ao caráter multidisciplinar do projeto, foram realizadas pesquisas nas áreas da psicologia, com foco no luto, e do design, com o estudo das possibilidades de livro experimental. A metodologia utilizada para seu desenvolvimento foi uma adaptação da proposta por Bruno Munari em seu livro "Das coisas nascem coisas". Assim, o projeto se desenvolve por meio de 7 etapas de análise, síntese e desenvolvimento. Por fim, apresenta-se o memorial descritivo resultante do projeto proposto, descrevendo o processo experimental e os resultados obtidos por meio de um protótipo.

Palavras-chave: design; experimentação; livro experimental; luto.

ABSTRACT

The aim of this work is to represent grief through the union of art, experimentation and design, resulting in the creation of a physical, tactile, humanized and interactive product. This goal is achieved through the creation of an experimental book, based on the author's personal experiences. Seeking to deepen her understanding of this process, the author seeks to express, in an artistic and experimental way, an experience that is both subjective and universal. Due to the multidisciplinary nature of the project, research was carried out in the areas of psychology, with a focus on mourning, and design, with the study of the possibilities of an experimental book. The methodology used for its development was an adaptation of the one proposed by Bruno Munari in his book "From things things are born". Thus, the project is developed through 7 stages of analysis, synthesis and development. Finally, the descriptive memorial resulting from the proposed project is presented, describing the experimental process and the results obtained through a prototype.

Keywords: design; experimentation; experimental book; grief.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama adaptado de Clive Phillpot.....	33
Figura 2 - Metodologia de Bruno Munari.....	37
Figura 3 - Adaptação do método de Bruno Munari.....	38
Figura 4 - Capa do livro "A história da saudade".....	42
Figura 5 - Página dupla do livro "A história da saudade".....	43
Figura 6 - Capa do livro "Fico à espera".....	45
Figura 7 - Página dupla do livro "Fico à espera".....	46
Figura 8 - Representação da perda no livro "Fico à espera".....	47
Figura 9 - Capa do livro "Preciso saber".....	49
Figura 10 - Páginas dupla do livro "Preciso saber".....	50
Figura 11 - Proposta de origami do livro "Preciso saber".....	51
Figura 12 - Páginas do livro "A Câmara Perphyry".....	54
Figura 13 - Páginas do livro "A Câmara Perphyry".....	55
Figura 14 - Capa do livro "De dentro".....	57
Figura 15 - Páginas dupla do livro "De dentro".....	58
Figura 16 - Páginas dupla do livro "De dentro".....	59
Figura 17 - Capa do livro "Djamila".....	61
Figura 18 - Páginas dupla do livro "Djamila".....	62
Figura 19 - Páginas dupla do livro "Djamila".....	62
Figura 20 - Capa e base do livro "Não vale a pena".....	64
Figura 21 - Capa e base do livro "Não vale a pena".....	65
Figura 22 - Detalhes do livro "Não vale a pena".....	65
Figura 23 - Totalidade do livro "O tempo que o mundo parou".....	67

Figura 24 - Detalhe do livro "O tempo que o mundo parou".....	68
Figura 25 - Capa do livro "Caderneta".....	70
Figura 26 - Páginas dupla do livro "Caderneta".....	71
Figura 27 - Capa do livro "A Lenda de São Julião o Hospitaleiro".....	73
Figura 28 - Páginas do livro "A Lenda de São Julião o Hospitaleiro".....	74
Figura 29 - Páginas do livro "A Lenda de São Julião o Hospitaleiro".....	74
Figura 30 - Página do livro "A Lenda de São Julião o Hospitaleiro".....	75
Figura 31 - Listagem final das peças.....	81
Figura 32 - Obra de Guilherme Borsatto.....	83
Figura 33 - Testes com algodão.....	84
Figura 34 - Arquivo final caixa.....	85
Figura 35 - Processo de gravação, corte e dobragem em acrílico.....	86
Figura 36 - Protótipo da caixa.....	86
Figura 37 - Processo de colagem da caixa.....	86
Figura 38 - Gravação em tamanho real.....	87
Figura 39 - Plantas desidratadas.....	88
Figura 40 - Processo de desidratação.....	89
Figura 41 - Colagens com plantas desidratadas.....	89
Figura 42 - Matriz com tipos móveis pronta.....	90
Figura 43 - Processo de hot stamping.....	91
Figura 44 - Resultados obtidos hot stamping.....	91
Figura 45 - Teste impressão papel Lumipaper Rosa.....	92
Figura 46 - Teste impressão papel Sirio Pearl Red Fever.....	93
Figura 47 - Preparação da matriz serigráfica.....	93
Figura 48 - Resultados em serigrafia.....	94

Figura 49 - Peça "Se Deus quiser"	97
Figura 50 - Peça "Se Deus quiser"	98
Figura 51 - Peça "Se Deus quiser"	99
Figura 52 - Peça "Beijos, toque e despedida"	100
Figura 53 - Peça "Beijos, toque e despedida"	101
Figura 54 - Peça "Beijos, toque e despedida"	102
Figura 55 - Peça "Beijos, toque e despedida"	103
Figura 56 - Peça "Em memória"	104
Figura 57 - Peça "Em memória"	105
Figura 58 - Peça "Em memória"	106
Figura 59 - Peça "Mande um sinal"	107
Figura 60 - Peça "Mande um sinal"	108
Figura 61 - Peça "Mande um sinal"	109
Figura 62 - Peça "Cuidado! Frágil!"	111
Figura 63 - Peça "Cuidado! Frágil!"	112
Figura 64 - Peça "Cuidado! Frágil!"	113
Figura 65 - Peça "Anatomia da perda"	114
Figura 66 - Peça "Anatomia da perda"	115
Figura 67 - Peça "Anatomia da perda"	116
Figura 68 - Peça "Anatomia da perda"	117
Figura 69 - Peça "Detalhes"	119
Figura 70 - Peça "Detalhes"	120
Figura 71 - Peça "Detalhes"	121
Figura 72 - Fotografias para peça "Detalhes"	122
Figura 73 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível"	123

Figura 74 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível"	124
Figura 75 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível"	125
Figura 76 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível"	126
Figura 77 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível"	127
Figura 78 - Peça "Presença da ausência"	128
Figura 79 - Peça "Presença da ausência"	129
Figura 80 - Peça "Presença da ausência"	130
Figura 81 - Peça "Presença da ausência"	131
Figura 82 - Peça "Presença da ausência"	132
Figura 83 - Peça "Efêmero"	134
Figura 84 - Peça "Efêmero"	135
Figura 85 - Peça "Efêmero"	136
Figura 86 - Peça "Efêmero"	137
Figura 87 - Peça "Refletido"	138
Figura 88 - Peça "Refletido"	139
Figura 89 - Peça "Refletido"	140
Figura 90 - Peça "Te dedico"	142
Figura 91 - Peça "Te dedico"	143
Figura 92 - Peça "Te dedico"	144
Figura 93 - Artes da peça "Te dedico"	145
Figura 94 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	146
Figura 95 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	147
Figura 96 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	148
Figura 97 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	149
Figura 98 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	150

Figura 99 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	151
Figura 100 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	152
Figura 101 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	153
Figura 102 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	154
Figura 103 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	155
Figura 104 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura"	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise "A história da saudade"	44
Tabela 2 - Análise "Fico à espera"	48
Tabela 3 - Análise "Preciso saber"	52
Tabela 4 - Análise "A Câmara Perphyry"	56
Tabela 5 - Análise "De dentro"	60
Tabela 6 - Análise "Djamila"	63
Tabela 7 - Análise "Não vale a pena"	66
Tabela 8 - Análise "O tempo que o mundo parou"	69
Tabela 9 - Análise "Caderneta"	72
Tabela 10 - Análise "A Lenda de São Julião o Hospitaleiro"	76

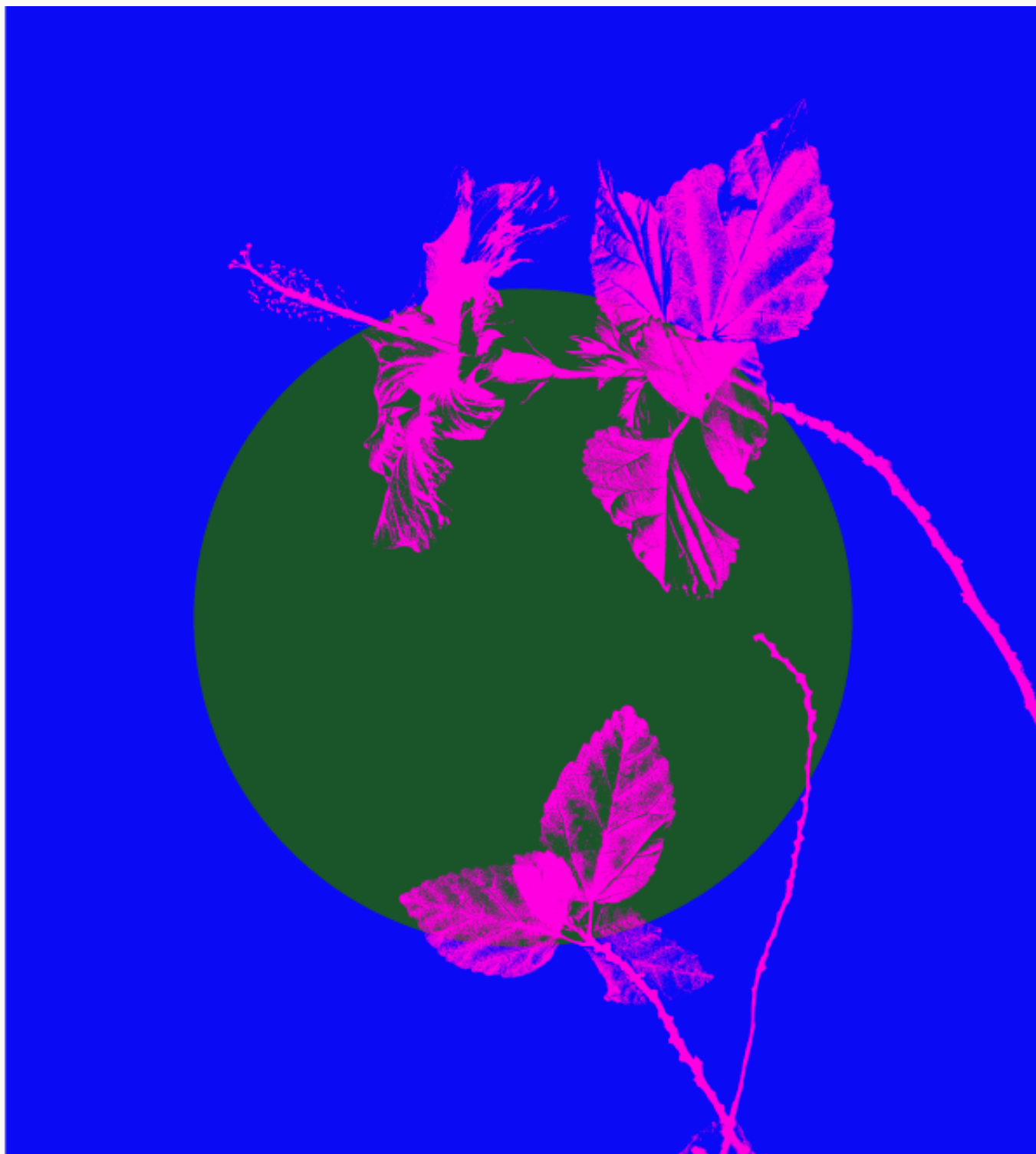
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Contextualização.....	19
1.2 Justificativa.....	20
2 OBJETIVOS.....	22
2.1 Objetivo geral.....	23
2.2 Objetivos específicos.....	23
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
3.1 O luto.....	25
3.1.1 O processo subjetivo do luto.....	26
3.1.2 O luto na infância.....	27
3.1.3 As fases do luto.....	28
3.2 O livro experimental.....	30
3.2.1 O diário gráfico.....	31
3.2.2 O livro de artista.....	31
3.2.3 O livro-objeto.....	33
4 METODOLOGIA.....	35
5 LEVANTAMENTO DE DADOS.....	39
5.1 Livros ilustrados com temática da perda.....	41
5.2 Livros experimentais.....	52
6 DIRETRIZES DO PROJETO.....	76
7 MEMORIAL DESCRITIVO.....	78
7.1 Experimentações.....	81
7.1.1 Colagem com algodão.....	81
7.1.2 Corte e gravação em acrílico.....	84
7.1.3 Desidratação de plantas.....	87
7.1.4 Hot stamping.....	89
7.1.5 Impressão experimental.....	91
7.1.6 Serigrafia.....	92
7.2 Protótipo.....	93
7.2.1 Se Deus quiser.....	96
7.2.2 Beijos, toque e despedida.....	99
7.2.3 Em memória.....	103

7.2.4 Mande um sinal.....	106
7.2.5 Cuidado! Frágil!.....	110
7.2.6 Anatomia da perda.....	113
7.2.7 Detalhes.....	118
7.2.8 Cultivamos o que deu no tempo disponível.....	122
7.2.9 Presença da ausência.....	127
7.2.10 Efêmero.....	133
7.2.11 Refletido.....	137
7.2.12 Te dedico.....	141
7.2.13 O que é o luto, se não o amor que perdura?.....	145
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
REFERÊNCIAS.....	159



1 INTRODUÇÃO



A morte ainda é um tema tabu na sociedade atual devido ao medo do desconhecido e do misterioso. É um fenômeno que evoca sentimentos de medo, tristeza e desamparo, desencadeando o processo de luto. De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra "luto" tem sua origem em "luctus" e é traduzida para o Português como dor, pesar e aflição. John Bowlby (1985) argumenta que o sofrimento do luto está diretamente relacionado ao grau de apego ao "objeto" perdido.

O luto não é um estado transitório e linear, com início, meio e fim bem definidos. Apesar de ser uma experiência universal, cada indivíduo lida com o luto de maneira única, o que torna essa trajetória de sentimentos um processo de tempo indeterminado. Elisabeth Kübler-Ross (1969), uma psiquiatra suíço-americana conhecida por suas pesquisas emocionais relacionadas à morte, identifica cinco estágios individuais e não lineares do luto: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

A maior parte das representações e registros sobre esse tema, encontrados durante a pesquisa, são tradicionais, frequentemente na forma de livros narrativos, ilustrados ou não. No entanto, este projeto propõe uma abordagem diferente, focando na representação do luto de maneira mais íntima e poética, afastando-se dos padrões convencionais. Dessa forma, o resultado do projeto não se propõe a ser um guia didático e pedagógico, ou mesmo uma história narrativa, mas sim um universo autônomo, oferecendo um possível refúgio aos leitores que buscam traduzir seus sentimentos reais de forma humanizada.

Portanto, o presente trabalho busca compreender o luto de forma mais profunda e representar, por meio da arte, da experimentação e do design, tal experiência universal de forma simbólica, sensível e humanizada, traduzida para o físico como um livro experimental.

1.1 Contextualização

Para aqueles que vivenciam a perda, existe um processo necessário e intrínseco ao ser humano: o luto. De acordo com John Bowlby (1985), o luto pode ser desencadeado pela perda de entes queridos, mas também pela perda de bens, memórias e momentos da vida, como, por exemplo, a infância. Essa teoria é reafirmada por Freud em seu livro "Luto e Melancolia" (1914), que descreve o luto como a reação de um indivíduo diante da perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que represente algo, como liberdade ou pátria. Portanto, nenhum indivíduo é "imune" ao processo de luto, e, por isso, manifesta-se e comporta-se de maneira subjetiva ao longo dessa jornada.

No âmbito das expressões artísticas sobre o tema, observam-se diversas abordagens no mercado, que vão de livros ilustrados a jogos e filmes. A reação do indivíduo em relação a essa temática é influenciada pela faixa etária, e, portanto, nota-se a carência de criações mais profundas e interativas voltadas ao público infantil. Isso ocorre devido à persistência do preconceito de que as crianças são incapazes de compreender o tema devido à sua complexidade e seriedade, o que pode levar a questionamentos desconfortáveis.

Nesse contexto, a pesquisa surge como uma forma de criação experimental direcionada a todos os públicos. Através de um desenvolvimento multidisciplinar, o projeto visa estimular a conversação entre todos os indivíduos, independentemente de terem vivenciado o luto ou não, e que a partir de uma mesma experiência, surjam diferentes interpretações, sentimentos e discussões sobre o tema.

O design desempenha um papel fundamental nessa pesquisa, sendo uma ferramenta de organização, criação e estruturação que culmina na criação do objeto físico: o livro experimental. Os produtos e materiais gráficos desenvolvidos

têm como objetivo representar o luto de maneira mais humana e imersiva, combinando texto, imagem e experimentação.

Para a concepção deste trabalho, foram exploradas áreas de conhecimento externas ao campo de atuação do design, com destaque para o estudo do campo da psicologia, como o objetivo de melhor compreender o luto, suas fases e, a partir disso, representar o tema de forma humanizada e delicada, buscando desenvolver um livro acessível a todos.

1.2 Justificativa

A escolha do tema se deu devido à vivências pessoais da autora, que teve seu primeiro contato com a morte e o luto em 2006, com o falecimento de sua mãe, e posteriormente em 2011 e 2013, com a partida de sua avó e avô, respectivamente. Assim, desde a infância convive com o luto, buscando compreendê-lo melhor e expressar de outras formas tantas palavras não ditas e questões não debatidas.

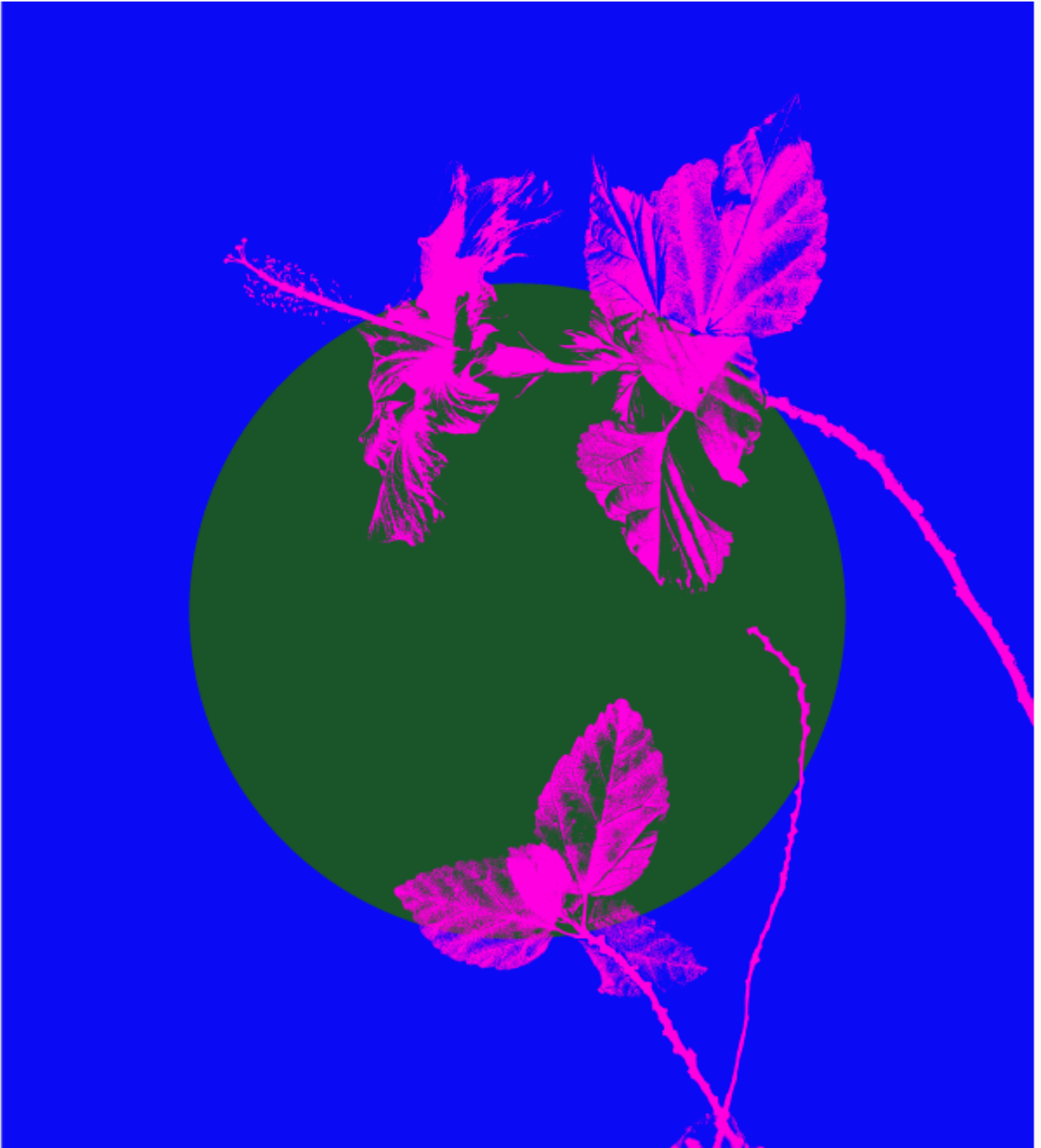
Por muito tempo, os sentimentos surgidos com essas vivências não foram discutidos em seus círculos familiares e de amizades, e, portanto, o projeto nasce da necessidade de criar, curar e promover a conversação sobre esse tema. Dessa forma, as decisões projetuais se baseiam em seus próprios sentimentos e vivências, retratando-os de forma subjetiva e intimista, ao mesmo tempo que universal, gerando sentimentos e reflexões em todos aqueles que entrem em contato com a obra.

Ao longo dessa trajetória, muitos são os questionamentos levantados, desde perguntas mais literais que brotaram durante a infância, como "Ela se transformou em uma estrela?", até questões mais profundas que emergiram com o amadurecimento pessoal.

A partir dessas vivências, surge o desejo da construção de um livro que, ao mesmo tempo que retratasse a temática de forma profunda e entendível, fosse artístico e comovente. No mercado atual, a representação desse tema é escassa em forma de livros experimentais, que trazem o luto de maneira mais imersiva, experimental e tátil. Portanto, o projeto também surge como uma resposta à necessidade de representar o luto de forma humanizada e inovadora no campo do design.



2 OBJETIVOS



2.1 Objetivo geral

Representar o luto a partir da união entre arte, experimentação e design, ocasionando na criação de um produto físico, tátil, humanizado e interativo: o livro experimental.

2.2 Objetivos específicos

1. Entender e definir o que é diário gráfico, livro de artista e livro objeto, o que os compõem e suas semelhanças e diferenças;
2. Compreender mais a fundo o luto e suas fases;
3. Conhecer as possibilidades experimentais na concepção do livro experimental;
4. Fazer uma análise de similares de produtos criativos que abordam a temática;
5. Realizar um protótipo do livro.



3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



3.1 O luto

O luto normalmente é um processo associado somente à perda de uma pessoa com a qual fortes vínculos foram estabelecidos, contudo também pode se derivar da perda de situações significativas, caracterizadas como “mortes simbólicas”. Assim, independente do “objeto” perdido, o luto é um vínculo que se rompe de forma irreversível.

Atualmente o luto é considerado como crise da existência presente em várias fases de desenvolvimento, porém, por muito tempo foi considerado uma doença devido à presença de sintomas físicos e psíquicos. Parkes (1998) afirma que o luto não é um conjunto de sintomas que se inicia após a perda e sim um processo com quadros que se misturam, afetando o sistema imunológico, e podendo levar ao desenvolvimentos de doenças e depressão.

Tal experiência é vivida por todos os seres humanos e, de acordo com Maria Julia Kovács (1998), algumas perdas podem se caracterizar como “festivas”, enquanto outras como “dolorosas”. As perdas festivas são assim denominadas pois trazem consigo sentimentos de alegria, mas também podem provocar medo e tristeza pelo desconhecido, como por exemplo em situações de formatura, casamento, entre outras.

Já as consideradas dolorosas, trazem consigo o sentimento de perda, como por exemplo em situações de separações, doenças e, mais comumente, de morte. Contudo, mesmo entre as perdas dolorosas pode-se haver a reestruturação e crescimento pessoal do ser afetado. Assim, o presente projeto foca na representação da perda dolorosa com foco na morte e na evolução do ser humano a partir de tal vivência.

3.1.1 O processo subjetivo do luto

O luto vivido não é somente uma difícil experiência de perda, também traz consigo a dura realidade da nossa condição mortal, assim como da inevitabilidade e irreversibilidade da morte. Dessa forma, seus aspectos ontológicos (quando, do ponto de vista filosófico, aborda questões relacionadas ao ser) tornam seu enfrentamento mais árduo.

Franco (2002) define o luto como o lado público do pesar, envolvendo assim a expressão dos sentimentos experienciados e seu compartilhamento com quem se vive, podendo gerar situações de avaliação e julgamento a depender da cultura em que se vive o indivíduo.

Na sociedade moderna em que vivemos, percebe-se cada vez mais que não há espaço para o sofrimento, uma vez que este acaba sendo associado à baixa produtividade e falta de capacidade de lidar com os próprios sentimentos, portanto, é negado aos enlutados a vivência da perda e sua ressignificação.

De acordo com Ariès (1977), dentro da mentalidade morte interdita, não há espaço para expressão dos sentimentos desencadeados pela perda. Nos tempos da morte romântica, a dor e o sofrimento eram cultuados e cantados em verso e prosa, contudo no momento presente tal culto aos sentimentos é condenado e retratado como sinais de fraqueza, dessa forma, se preza a rapidez, a discrição e neutralização do desconforto e da dor psíquica, bem como a ocultação como forma de negação da morte. Assim, a não expressão do luto pode acarretar consequências psicológicas, desencadeadas pelo luto mal elaborado. Um exemplo de tal negação é a imposição da volta ao trabalho após somente sete dias, como se houvesse um período determinado para a superação de tal experiência.

Segundo Kovács (1992), a vivência do luto e seu tempo são variáveis, existindo casos em que nunca há fim. Para a autora, não é possível generalizar

esta experiência de vida, uma vez que deve-se levar em consideração as causas e circunstâncias da perda, bem como a proximidade e vínculo com o falecido.

3.1.2 O luto na infância

Devido ao primeiro contato da autora com a morte ter se dado ainda durante a infância, considera-se importante estudar e pontuar o luto durante essa fase da vida na presente pesquisa.

Por vezes, os adultos responsáveis pela criança optam por ocultar seus sentimentos crendo que dessa forma estão a protegendo. Outra crença errônea é de que as crianças irão superar seus sentimentos de dor e tristeza mais rapidamente, distraíndo-se com suas brincadeiras.

As crianças precisam ser informadas de que a morte é irreversível, uma vez que ainda não possuem tal conhecimento. Bowlby (1985) aponta que as crianças também passam pelo processo de luto, tendo por principal modelo os adultos presentes em sua vida, dessa forma, sonegar informações pode gerar grandes problemas e conflitos. A criança tem ciência de que algo aconteceu, e busca informações para compreender o que está acontecendo, porém tal busca solitária pode causar medo, insegurança e sentimentos de culpa.

As crianças passam pelas mesmas fases do luto que o adulto, embora não comuniquem seus sentimentos da mesma maneira que um adulto faz. Contudo, é importante perceber outras formas de comunicação e expressão por parte delas, como por exemplo os registros nos desenhos ou em outras atividades lúdicas que indicam o processo subjetivo pelo qual estão passando.

3.1.3 As fases do luto

Diversos autores estudam e classificam o luto em fases, contudo para a presente pesquisa escolheu-se representar a abordagem de dois estudiosos: Elisabeth Kübler-Ross (1969) e John Bowlby (1985).

Para a psiquiatra suíço-americana Elisabeth Kübler-Ross (1969), cinco são as fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Fase 01 – Negação: Após uma perda significativa, a maioria dos seres humanos entram em um estado de negação, total ou parcial. Ela funciona como um pára-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, assim, comumente é uma fase temporária, e após ela vem uma aceitação parcial dos acontecimentos. A negação assumida nem sempre está relacionada ao aumento direto da tristeza e demais sentimentos dolorosos, muitas vezes é acionada para manter o “equilíbrio” pessoal. É uma fase de dor intensa e dificuldade para lidar com a perspectiva da ausência.

Fase 02 – Raiva: Quando não é mais possível manter o estágio de negação, surgem sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento. A raiva sentida pode se propagar em todas as direções a partir da pessoa enlutada, muitas vezes sem um acontecimento específico ou razão plausível. O indivíduo se sente injustiçado após a percepção de que não é possível reverter o acontecimento.

Fase 03 – Barganha: O terceiro estágio, muitas vezes menos retratado, surge da necessidade de entrar em acordo com algo que adie o inevitável, portanto é acompanhado do pensamento de que um prêmio será oferecido a partir da realização de uma “boa ação”. É uma tentativa de aliviar a dor e buscar soluções possíveis para sair daquela realidade. Normalmente, relaciona-se a uma conjuntura religiosa e promessas a um Deus.

Fase 04 – Depressão: Durante esse período o indivíduo se isola do mundo externo e se considera impotente frente ao ocorrido. É importante permitir que o

indivíduo exteriorize seu pesar, podendo acarretar em uma melhor aceitação do momento vivido. Comumente é a fase mais duradoura, porém se permanecer por tempo demais pode se tornar um luto patológico.

Fase 05 – Aceitação: A aceitação se caracteriza como a última fase do luto, nela o indivíduo começa a enxergar a realidade da forma que é, tendo ciência da irreversibilidade do ocorrido e por fim aceitando-a. Não há mais o desespero inicial diante da morte, contudo a aceitação não significa o fim dos sentimentos dolorosos, mas enfim consegue iniciar seu processo de cura, prosseguindo na vida de maneira saudável depois de aceitar sua dor.

Já na visão de John Bowlby (1985), o processo de luto ocorre em quatro fases: do choque, de busca, de desorganização e desespero e de reorganização.

Fase 01 – Do choque: Momento em que o indivíduo enlutado toma conhecimento da perda, nessa fase podem ocorrer das mais diversas reações, desde uma anestesia até o total descontrole das emoções.

Fase 02 – De busca: Após o choque inicial, se inicia um processo de constante busca pela pessoa perdida, esse momento também é caracterizado pelo contato com a realidade na qual se processa a perda e a sua irreversibilidade. O indivíduo convive com dois processos: a certeza da perda e a esperança de que pode não ter ocorrido de fato. Pode-se vivenciar a ilusão de que a pessoa não tenha partido de fato, e de que tudo não passa de um pesadelo. Alguns sentimentos são característicos dessa fase, como por exemplo raiva, culpa, medo ou tristeza. A raiva sentida pode afetar as pessoas próximas, e o sentimento de culpa surge por se ainda estar vivo, ou por acreditar que a perda poderia ter sido evitada.

Fase 03 – De desorganização e desespero: Nessa fase a perda já é aceita como realidade. Pode-se viver duas situações contraditórias: a vontade de manter tudo que é referente a pessoa por perto, ou de se desfazer rapidamente

de tudo que possa lembrá-lo. Também nessa fase pode surgir uma depressão reativa mais duradoura.

Fase 04 – De reorganização: Por fim, o indivíduo enlutado aceita a perda e sua nova realidade, e começa um processo de reorganização da vida sem a presença daquele que partiu. Novas habilidades terão que ser aprendidas e novos relacionamentos interpessoais podem surgir.

Dada essa visão geral de dois estudos, percebe-se semelhanças entre eles, uma vez que, apesar do uso de diferentes denominações, surgem diversas semelhanças quanto a ordem dos acontecimentos e sentimentos surgidos ao longo de tal vivência.

Conclui-se portanto que o processo de luto nunca está realmente concluído, embora vá se retomando aos poucos a vida, se reestabilizando, criando novas relações e reinvestindo a energia psíquica. Entretanto, mesmo após essa retomada de normalização da rotina, há épocas em que a tristeza e o sentimento de perda retornam. Para Cassorla (1991) esses períodos se caracterizam por “reações de aniversário”, uma vez que comumente ocorrem em datas importantes para o indivíduo, como por exemplo aniversário de nascimento ou de morte, ou festas em que a lembrança da pessoa perdida fica mais forte.

3.2 O livro experimental

Para a definição do produto a ser materializado ao fim desta pesquisa, faz-se necessário o estudo das variadas categorias de livros, para a partir disso se coletarem dados e características relevantes para o desenvolvimento do produto.

Dessa forma, o presente estudo terá por foco as seguintes categorias de criação: diário gráfico, livro de artista e livro-objeto.

3.2.1 O diário gráfico

Eduardo Salavisa (2008), em seu livro “Diários de Viagem: desenhos do cotidiano”, afirma que, apesar do diário gráfico possuir algumas similaridades com o livro de artista e livro-objeto, as diferenças entre eles são substanciais.

Dessa forma, o diário gráfico (ou de viagem) carrega consigo uma forte carga intimista, uma vez que é executado para proveito próprio, sem a pretensão de ser mostrado ou compartilhado, ainda que possa ser revelado a quem se quiser mostrar. Esse formato está fortemente ligado à viagem ou à ideia dela, captando-se referências a partir do mundo exterior.

Contudo, o diário gráfico pode se tornar, ou originar, um livro de artista, a partir do momento em que se agrupa e os edita em um livro, ainda que mantendo o tamanho e o formato dos desenhos originais.

3.2.2 O livro de artista

Salavisa (2008) descreve que, durante a década de 60, o livro de artista tornou-se um fenômeno em expansão. Uma das causas de tal popularização foi o aparecimento da fotocópia, tornando o processo de reprodução de imagens mais fácil e autônomo.

Em 1978, a revista Umbrella é fundada por Judith Hoffberg, que afirma que o surgimento do livro de artista promove uma democratização ao acesso da arte e uma alternativa às galerias e museus, uma vez que os livros são portáteis e práticos, podendo ser enviado, por exemplo, pelo correios. Além disso, a partir de tal facilidade de envio, cria-se uma relação pessoal e mais intimista entre o consumidor final e o criador.

Segundo Paulo Pires, no livro “Lourdes Castro / Todos os livros” (2015), juntamente ao pensamento de democratização ao acesso da arte retratado

anteriormente, surgiu a desmaterialização da arte. Contudo, tal desmaterialização conduziu muitos artistas à materialidade do livro. Tal materialidade buscava aproximar o espectador, tornando-o ativo, portanto, o livro como obra final não devia se manter à distância, e sim manuseado.

Ainda de acordo com Salavisa, o livro de artista não é um livro com reproduções dos trabalhos do artista, muito menos uma espécie de registro biográfico. Tal livro começa e termina em si mesmo, sendo uma obra plástica autônoma que é concebido de forma que permita a reprodução, gerando edições limitadas ou não.

Clive Phillpot, em seu livro "Booktrek" (2013), apresenta um diagrama criado em 1982 que tem por objetivo representar as intersecções e conexões entre os seguintes temas: arte, livros e livro de artista. Tal diagrama foi adaptado pela autora para melhor compreensão, como mostrado ao lado.

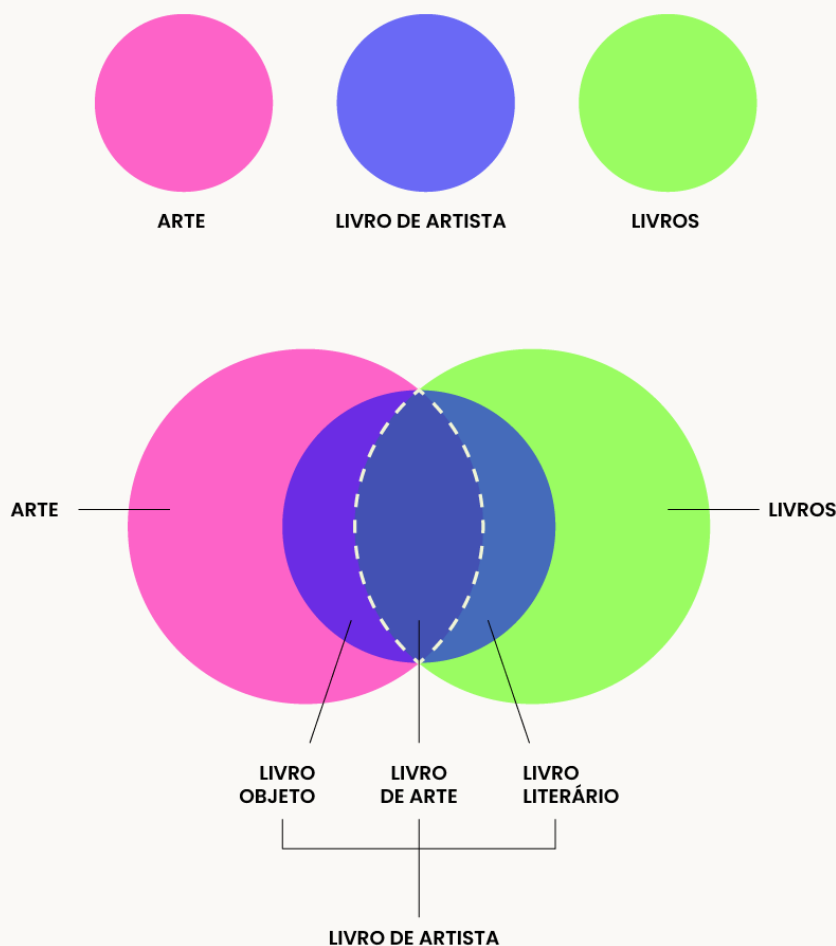


Figura 1 – Diagrama adaptado de Clive Phillpot.
Fonte: Produzido pela autora.

Ana Paula Paiva, em seu livro "A aventura do livro experimental" (2010), afirma que o livro de artista é puramente um produto artesanal da arte contemporânea. Esse formato testa de tudo, até chegar ao estatuto da escultura, forma objeto, lúdica ou sensorial, se contrapondo ao formato clichê e linear dos livros. Dessa forma, não é facilmente reproduzido por processos mecanizados, uma vez que necessita da participação ativa do criador.

Ainda segundo a autora,

Arte dita espontânea, que pode estar despojada do figurativo, criando discurso enunciativo abstrato. O resultado é um livro tátil, sensorial, performático, charmoso, original, de personalidade, com funções práticas e mágicas. Livro de vanguarda, atento a inovações formais e conceituais, aberto à experimentação dos meios de comunicar e interagir com o leitor. (ANA PAULA PAIVA, 2010, p.86)

Dessa forma, observa-se a valorização da fusão entre arte e técnica, dando-se uma atenção especial à escolha do suporte de leitura, acabamentos e efeitos especiais, engenharia do papel, colagens, costuras, mesclas de pinturas, fotografias, entre outros.

3.2.3 O livro-objeto

Ainda em consonância com o pensamento de Salavisa, o que distancia o livro-objeto do livro de artista é a possibilidade deste último de ser reproduzido em série, dessa forma o livro-objeto é um produto único, sem possibilidade de reprodução.

De acordo com José Tomás Féria (2007, p.28),

(...) não se prendem a padrões de forma ou funcionalidade, extrapolam o conceito de livro rompendo as fronteiras comumente atribuídas aos livros de leitura para se assumirem como objeto de arte. São objetos de percepção. Normalmente são obras raras, muitas vezes únicas ou com tiragem bastante reduzidas. (...) a

narrativa literária é substituída por uma narrativa plástica; a estrutura do livro dá lugar à estrutura plástica, nascendo uma outra forma expressiva.

Uma boa exemplificação desse formato é o livro “Brandenburg Sand III” (1976) de Anselm Kiefer, artista plástico alemão, no qual, em sua concepção são utilizados dos mais diversos materiais, desde chumbo até areia, cinzas e carvão. Dessa forma, esse livro é uma peça única, sem possibilidade de reprodução e que se encontra no limite do que pode ser considerado um livro.

Segundo Ana Paula Paiva (2010), esse formato permite que o leitor passe a atuar como agente, aquele que atualiza a obra. Essa função é afirmada quando permite-se que se imagine vida onde há matéria, ao se encantar com a subjetividade da poesia visual que se está em mãos.

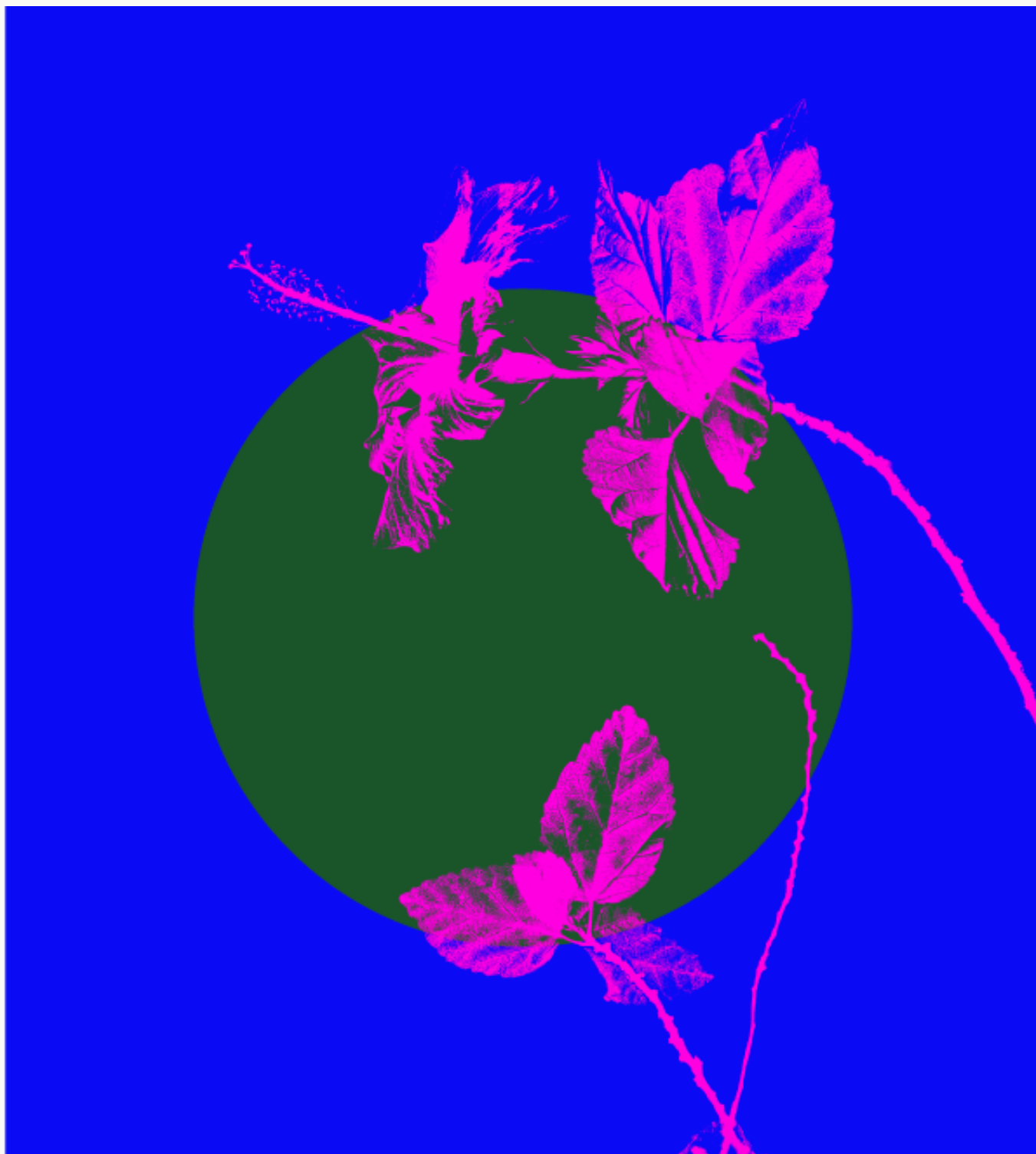
Ainda segundo a autora,

A poesia dos livros lúdicos existe em versos mas também num tempo decisivo. Ritmo de cena, aparição, tradução de encantamento e envolvimento com o leitor. Poesia do movimento de folhear as páginas, descobri-las. Estímulo visual e interiorizado. Duração que marca pausas e intervalos nos contínuos da leitura prevista. (ANA PAULA PAIVA, 2010, p.94)

Dessa forma, afirma-se que a participação e mobilização do leitor tem papel fundamental na experiência subjetiva de cada indivíduo, uma vez que instaura um tempo de ruptura na sequência corrida, acentuando assim a possibilidade de diálogo autor-leitor. Essa troca permite que a poesia saia do livro e mude a forma de comunicação, uma vez que passa a encantar também fora do livro, tocando e atravessando o leitor desde o primeiro contato, despertando assim funções antes inimagináveis em um livro.



4 METODOLOGIA



De acordo com Bruno Munari (1981), para o designer, o método de projeto não é absoluto nem definitivo. Ele incentiva o projetista a empregar o método, possibilitando a descoberta de maneiras de aprimorá-lo, potencialmente tornando-o útil para os outros. Portanto, a presente pesquisa tem por base uma adaptação da metodologia desenvolvida por Munari em seu livro “Das coisas nascem coisas” (1981), dividida por ele em 12 etapas, representadas conforme a figura a seguir.

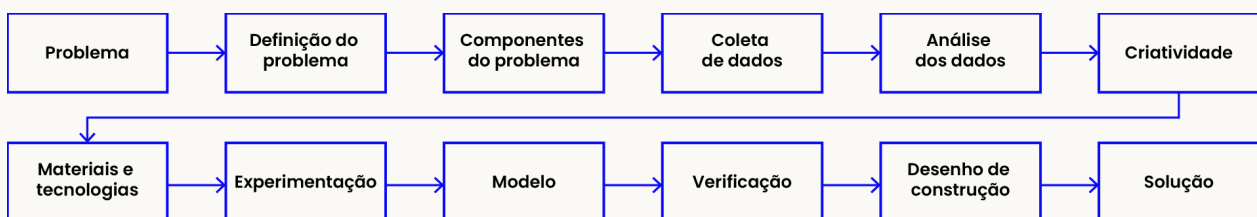


Figura 2 – Metodologia de Bruno Munari.

Fonte: Produzido pela autora.

Buscando dimensionar tal metodologia para o projeto proposto, ela foi reduzida a 7 etapas de análise, síntese e desenvolvimento: definição do problema, coleta de dados, análise dos dados, criatividade, materiais e tecnologia, experimentação e modelo. A partir disso, cada etapa foi detalhada em procedimentos e produto.

ETAPAS	PROCEDIMENTOS	PRODUTO
Definição do problema	Contextualização, justificativa da pesquisa e objetivos	Definição do problema
Coleta de dados	Reunião do material a ser analisado	Síntese dos textos lidos e categorização dos dados
Análise dos dados	Análise estética, material e narrativa do material coletado (similares)	Criação de gráficos para estudo dos elementos compositivos e definição das diretrizes projetuais
Criatividade	Definição da narrativa, formato, e montagem do livro	Memorial descritivo das ideias a serem desenvolvidas
Materiais e tecnologias	Testes com os materiais disponíveis por meio de técnicas manuais e digitais	Seleção dos materiais e técnicas a serem usadas
Experimentação	Desenvolvimento das artes por meio das técnicas aprendidas	Artes finais
Modelo	União das artes e montagem do livro	Livro experimental finalizado

■ FASE 01 – TEÓRICA ■ FASE 02 – ANÁLISE ■ FASE 03 – DESENVOLVIMENTO

Figura 3 – Adaptação do método de Bruno Munari.

Fonte: Produzido pela autora.

A partir da definição das etapas e seus desdobramentos, elas foram divididas em 3 fases de criação: teórica, de análise e desenvolvimento.

Fase 01 – Teórica

A fase teórica é o ponto de início e abrange a definição do problema. Nesta etapa, ocorre a contextualização, justificativa da pesquisa e a formulação dos objetivos, tanto gerais como específicos. O resultado desse processo é uma compreensão aprofundada do problema a ser investigado. Essa fase desempenha um papel crucial, orientando o desenvolvimento subsequente do projeto, e deve ser sempre consultado em caso de dúvidas.

Fase 02 – Análise

Na fase de análise, ocorre a coleta de dados, que será posteriormente submetida a uma análise detalhada. Esses dados englobam uma ampla gama de fontes, desde livros, teses e artigos científicos que abordam os temas de interesse (luto e livro experimental), até materiais que serão submetidos a uma análise comparativa, que considera aspectos estéticos, narrativos e de construção, abrangendo elementos como a qualidade dos materiais, a diagramação e o encadernação, entre outros.

Fase 03 – Desenvolvimento

Por fim, o desenvolvimento é constituído por 4 etapas projetuais: criatividade, materiais e tecnologia, experimentação e modelo. Essa fase se caracteriza pela materialização do projeto proposto.

Ela se inicia com a etapa de criatividade, na qual serão definidos os aspectos formais do livro a ser criado. Nesse estágio, ocorre o estudo das possíveis narrativas, formatos e montagem final, tendo por objetivo criar um memorial descritivo das ideias a serem desenvolvidas, que funcionará como guia para a montagem da narrativa.

Após isso, se iniciam as etapas de materiais e tecnologia e experimentação, nas quais serão realizados testes com os materiais disponíveis e estudos de técnicas manuais e digitais resultando no desenvolvimento das artes e peças finais contidas no livro. Por fim, ocorre a criação do modelo, na qual todas as artes e peças produzidas são reunidas e o livro é montado.



5 LEVANTAMENTO DE DADOS



A fase de levantamento de dados é fundamental para auxiliar no desenvolvimento do projeto e para definir as diretrizes projetuais que irão guiar o processo criativo do livro a ser materializado.

Importante perceber que após uma vasta pesquisa, a autora não encontrou livros que unissem as duas temáticas abordadas na presente pesquisa, confirmando assim ausência de livros experimentais que abordam a temática do luto no mercado criativo atual. Assim, foram estabelecidos dois critérios para a seleção dos livros a serem analisados. O primeiro foi escolher obras que abordassem a vivência do luto, podendo ser retratado de forma narrativa ou não. O segundo critério foi a seleção de livros experimentais das mais variadas temáticas, com o objetivo de ampliar a percepção da autora em relação às possibilidades criativas para a concepção do livro proposto.

As obras a serem analisadas serão divididas em dois grupos de temática. O primeiro grupo será formado por livros ilustrados que retratam a temática da perda, já o segundo grupo será composto por livros experimentais, das mais variadas temáticas.

Para uma melhor visualização e comparação dos dados coletados, a autora buscou sistematizá-los a partir da criação de uma tabela que deverá ser preenchida ao longo da análise dos livros coletados. A tabela é dividida em aspectos estéticos, narrativos e funcionais, especificados em subcategorias de análise.

Os aspectos estéticos são caracterizados pelo estilo de arte (realista, cartoon, abstrata, entre outros) criado, bem como as mídias utilizadas no livro (tintas, lápis, marcadores, giz, entre outros). Também se insere nessa categoria a análise da paleta de cores utilizada.

Já os aspectos narrativos irão descrever se há presença de texto (isolado ou dinâmico), qual o tipo de tipografia utilizado e se possui alguma forma direta ou indireta de interação com o leitor.

Por fim, os aspectos funcionais trazem questões de funcionalidade e construção, portanto suas subcategorias são: formato do livro (em centímetros), tipo de encadernação (costura utilizada e tipo de capa) e papéis utilizados.

5.1 Livros ilustrados com temática da perda

A) A história da saudade

O livro “A história da saudade” foi criado em 2019 como trabalho de conclusão de curso da Beatriz Barros, quando estudante da Universidade Federal do Ceará.



Figura 4 – Capa do livro “A história da saudade”.
Fonte: Livro “A história da saudade”. Fotografia pela autora.

A história do livro busca retratar a efemeridade da vida e sua narrativa se desenrola a partir do encontro entre três personagens: vida, morte e tempo. A autora optou por retratar tais conceitos abstratos a partir da criação de personagens humanóides.

Com isso, foram criados personagens de aparência amigável de forma a retratar a temática da perda de forma mais leve e descontraída, finalizando a história de forma emocionante e otimista.



Figura 5 – Página dupla do livro “A história da saudade”.
 Fonte: Livro “A história da saudade”. Fotografia pela autora.

A HISTÓRIA DA SAUDADE		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Cartoon
	Mídia	Ilustração digital +Tradicional - aquarela, lápis de cor, giz de cera e nanquim
	Paleta de cores	Cores vibrantes

ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Sem proposta interativa
	Texto	Texto dinâmico; uso esporádico de balão de fala
	Tipografia	Sem serifa, arredondada, divertida e infantil
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Encadernação Simples; Sem capa dura
	Formato	Abertura horizontal; 29,5 X 21,5 cm
	Papel	Miolo - Couchê brilho

Tabela 1 – Análise “A história da saudade”.
 Fonte: Produzido pela autora.

Considerações — A partir da percepção da forma de personificação de conceitos abstratos em seres com aparência humanoide e da construção da narrativa, para o presente projeto, a autora escolhe se distanciar do formato narrativo cronológico e alegórico, uma vez que se preza a vivência do livro de forma pessoal, como protagonista, e não de forma distante como um observador.

B) Fico à espera



Figura 6 – Capa do livro “Fico à espera”.
Fonte: <https://www.bruaa.pt/loja/eu-espero/>

Escrito por Davide Cali e ilustrado por Serge Bloch, o livro retrata a passagem da vida, que é enfatizado por seu formato bastante horizontal. A narrativa retrata momentos cotidianos da vida do personagem principal, desde a espera do fim da chuva até seu casamento.

O livro possui construções experimentais, uma vez que insere imagens de elementos 3D, como por exemplo o fio de lã que está presente durante toda a história, retratando o fio da vida. A presença desse elemento diferenciado que transpassa todo o livro instiga o leitor a continuar sua leitura de forma dinâmica.

A ilustração possui um estilo bastante minimalista, aparentando ser feito de forma tradicional, por meio do uso de uma caneta. O fato do personagem principal ser bastante simples em sua construção imagética, pode gerar uma maior identificação por parte do leitor, uma vez que não há uma face nítida. As

cores são escassas, surgindo somente no fio de lã, que é vermelho, fazendo referência direta à vida.

A relação entre o texto e a imagem é de complementaridade, uma vez que o texto narra o que busca ser retratado por meio dos desenhos. Por fim, o livro se finaliza de forma otimista, retratando em sua última página o surgimento de uma nova vida.

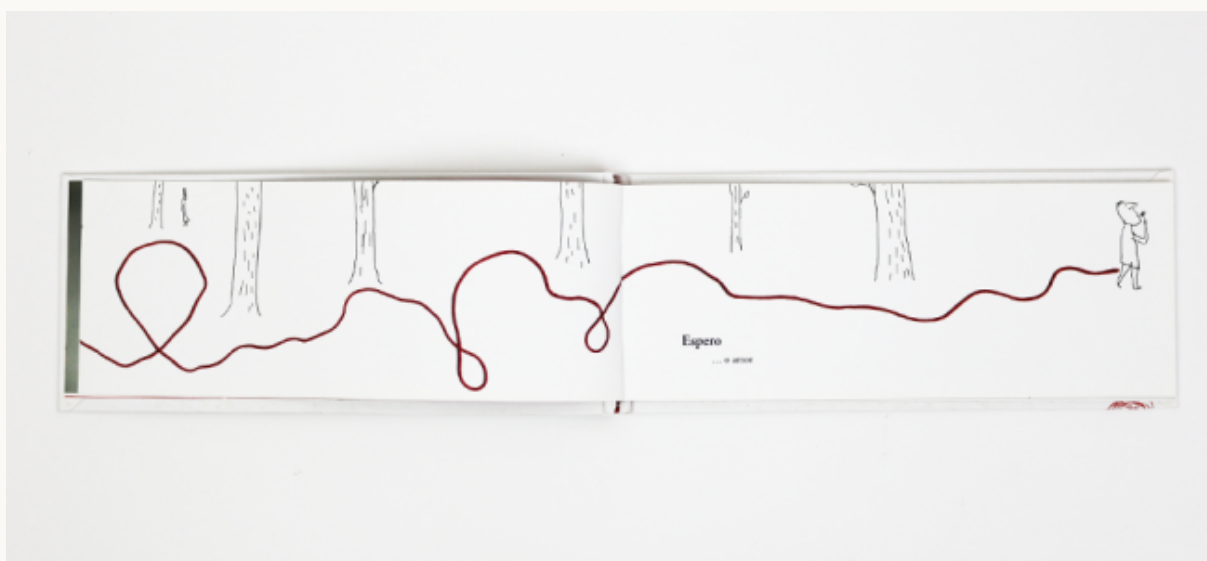


Figura 7 – Página dupla do livro “Fico à espera”.

Fonte: <https://www.bruaa.pt/loja/eu-espero/>

O momento da perda é bastante significativo, uma vez que a ilustração surge em meios a grandes vazios da página, dando espaço ao leitor digerir a carga sentimental retratada. A representação da morte também é bastante emblemática, uma vez que o fio de lã surge pela primeira vez partido e enrolando, simbolizando o fim de um ciclo.

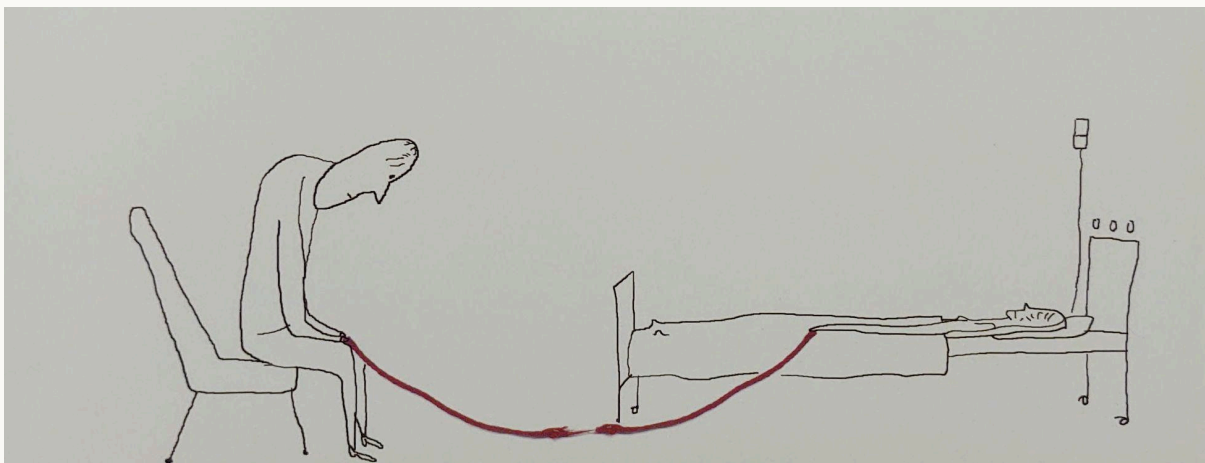


Figura 8 – Representação da perda no livro “Fico à espera”.
 Fonte: Livro “Fico à espera”. Fotografia pela autora.

FICO À ESPERA		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Minimalista / lineart
	Mídia	Não identificado - simula caneta esferográfica
	Paleta de cores	Preto e branco + vermelho (fio de lã)
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Sem proposta interativa
	Texto	Texto isolado
	Tipografia	Serifada

ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Costura simples em linha branca
	Formato	Abertura horizontal; 27,5 X 11 cm
	Papel	Miolo - Couchê fosco

Tabela 2 – Análise “Fico à espera”.

Fonte: Produzido pela autora.

Considerações – Interessante notar a combinação de elementos 2D (ilustração) e 3D (fio de lã). Para o desenvolvimento do livro, preza-se a fusão desses diversos tipos de elementos, texturas e formas de expressão artística.

C) Preciso saber

O livro "Preciso saber" é escrito e ilustrado por Fernanda Cruz e possui parceria com Iana Bezerra, que contribui com a arte do origami. Ambas são psicólogas, e, em conversa com as autoras, elas frisaram a importância de livros sobre a temática da perda voltado ao público infantil, uma vez que tal público pode ser ignorado a partir da premissa de que não entenderiam o que busca ser representado.

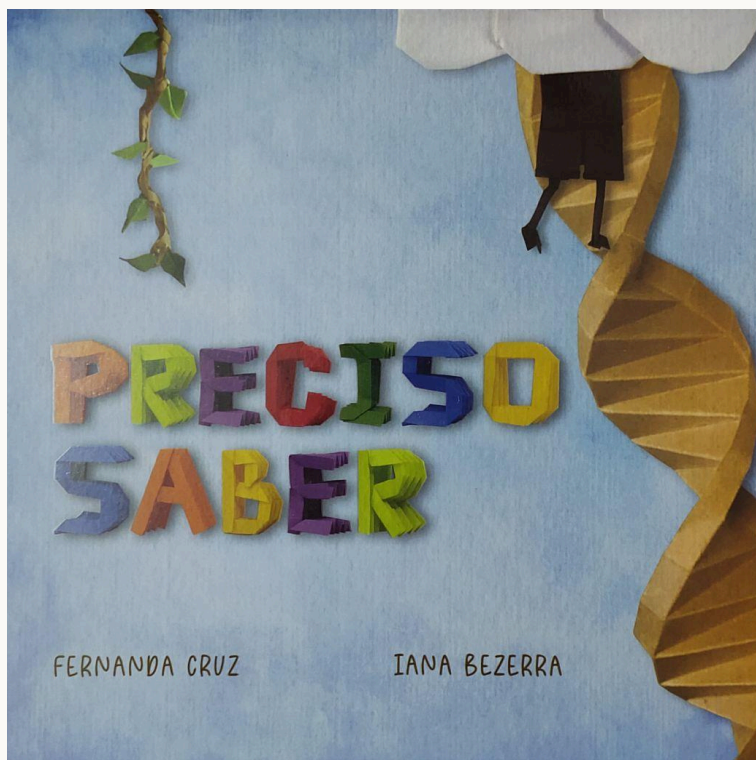


Figura 9 – Capa do livro "Preciso saber".

Fonte: Livro "Preciso saber".

Fotografia pela autora.

A história se desenvolve a partir de uma criança que perde seu pai, e, devido à sua idade, seus familiares optam por não contar o que houve para seu pai não voltar. Contudo, a criança já sentia que havia algo de errado e a omissão de informações a leva a ter sentimentos de culpa e raiva. Assim, a mãe da criança percebe que o não dizer não é saudável e assim diz ao filho que o pai "virou uma estrela". O livro se encerra mostrando a transição da tristeza para a saudade, e por fim a retomada gradual da vida cotidiana.



Figura 10 – Páginas dupla do livro "Preciso saber".
Fonte: Livro "Preciso saber". Fotografia pela autora.

Esse livro se torna um destaque entre os demais devido ao fato das próprias autoras o classificar como "livro experimental". Isso se deve ao fato de que, para a concepção das artes do livro, foi-se utilizado somente de mídias tradicionais, com destaque à aquarela. Além disso, seu grande diferencial é a proposta de trazer a arte do origami para dentro da história. O origami surge por meio de fotografias que destacam seu aspecto 3D, e, ao fim do livro, são disponibilizados papéis e um tutorial para o leitor construir seus próprios origamis, tornando-se assim o único livro dessa primeira parte de análise a propor uma interação direta com quem lê a obra.

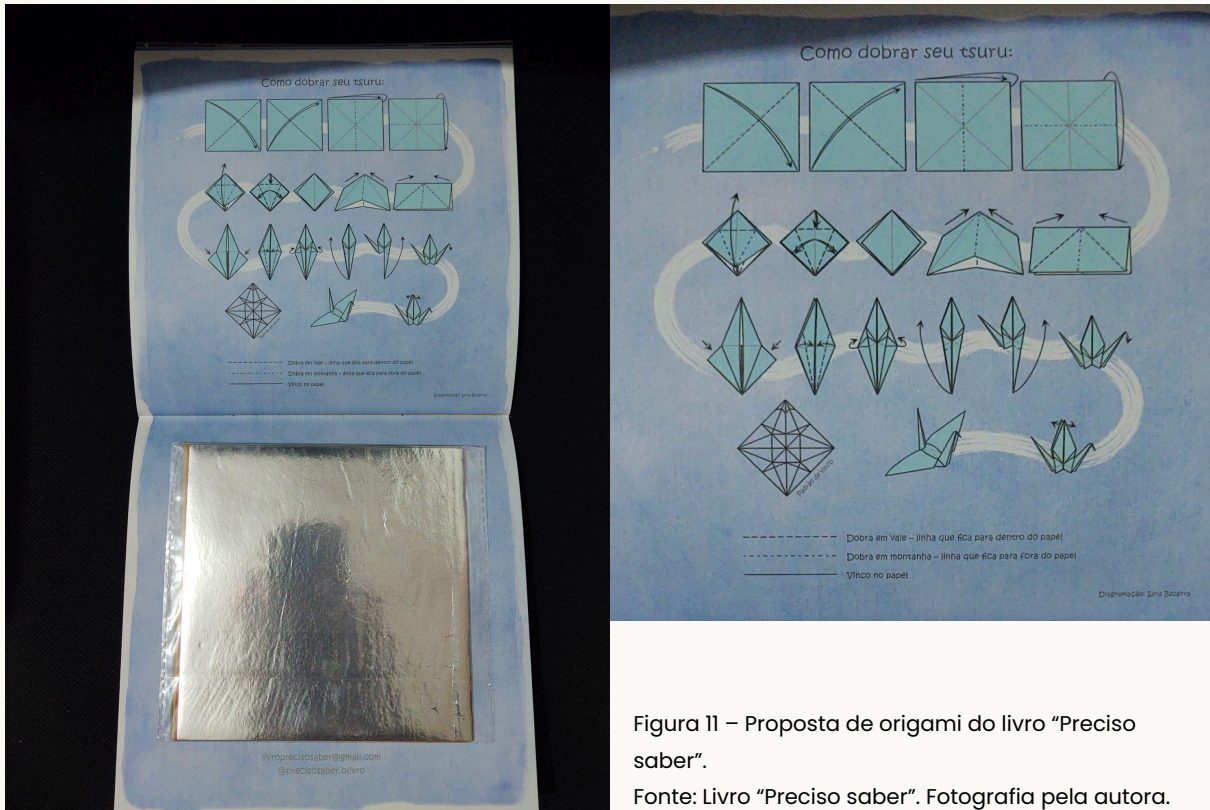


Figura 11 – Proposta de origami do livro “Preciso saber”.
 Fonte: Livro “Preciso saber”. Fotografia pela autora.

PRECISO SABER		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Arte em origami
	Mídia	Tradicional - aquarela + Experimentos em origami
	Paleta de cores	Prevalência de tons neutros e terrosos

ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Interação direta: proposta de criação de origami com tutorial
	Texto	Texto dinâmico
	Tipografia	Sem serifa, arredondada, divertida e infantil
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Encadernação Simples; grampeado
	Formato	Abertura vertical; 21 X 21 cm
	Papel	Capa - Cartão supremo 250g/m ² Miolo - Offset 150g/m ²

Tabela 3 – Análise “Preciso saber”.

Fonte: Produzido pela autora.

Considerações – Como já é de conhecimento, a proposta do livro a ser desenvolvido é representar o luto de forma sensível e humanizada, algo que o livro “Preciso Saber” realiza com maestria. Além disso, é interessante notar como se é integrada a arte 3D do origami, por meio de fotografias, ao livro sem perder sua tridimensionalidade e comprometer sua essência.

5.2 Livros experimentais

Para melhor abranger os livros a serem analisados a seguir, nomeou-se essa sessão de análise de “livros experimentais”. Serão analisados sete livros, sendo cinco deles da artista Cecilia Bichucher, com a qual a autora desta pesquisa teve o prazer de se encontrar pessoalmente. Cecilia contribui consideravelmente para uma melhor compreensão de como as classificações estudadas anteriormente (livro-objeto, livro de artista e diário gráfico) se comportam na vida real.

Por ser artista, Cecilia encontra na categorização “livro de artista” um refúgio, contudo, ela aponta a linha tênue que separa tais categorias. Assim, se mostra aberta às possibilidades e livre de amarras teóricas.

Os outros dois livros a serem analisados são “Caderneta” de Ralph Gehre e “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro de Flaubert”, ilustrado por Amadeo de Souza-Cardoso. Ralph Gehre é um artista brasileiro que em suas obras busca explorar questões relativas à construção do processo de leitura, situando sua pesquisa na relação entre a imagem e a palavra. Já Amadeo de Souza-Cardoso, é um pintor português pertencente à primeira geração de pintores modernistas, considerado o pintor mais representativo do modernismo português do princípio do século XX.

A) A Câmara Perphyry – Cecilia Bichucher

O livro surge a partir do fascínio da autora na história da “Câmara Perphyry”, quarto dentro do palácio real em Constantinopla destinado às mulheres a darem à luz. Esse quarto é bastante característico por ser redondo e vermelho, dando inspiração às obras desenvolvidas pela artista. A partir disso, Cecilia busca retratar o redondo como lugar de segurança, e assim nascem os trabalhos d’A Câmara Perphyry.

Cada arte é única e apresenta padrões abstratos diferenciados pois busca representar a multiplicidade dos indivíduos, em especial às mulheres que se utilizam de um mesmo local para uma mesma finalidade, porém possuem vivências distintas.



Figura 12 – Páginas do livro “A Câmara Perphyry”.
Fonte: Livro “A Câmara Perphyry”. Fotografia pela autora.

As obras componentes desse trabalho compuseram uma exposição temporária no MAUC - Museu de Arte da UFC, na qual a artista fala um pouco mais sobre o projeto desenvolvido:

(...) explora o figurativo num tema sensível: a percepção do feminino. A mulher de hoje quer ter seu direito de ser, sem barreiras físicas e morais paternalistas ou machistas. A mostra expõe mulheres de maneiras diferentes daquelas que foram retratadas na história da arte sobre o jugo olhar masculino. Ao invés de desejada, idolatrada ou confrontada, mostra um momento íntimo e particular no qual ela se permite estar. (CECÍLIA BICHUCHER, 2021)

As artes possuem medidas de 20 X 20 cm e são reunidas e encadernadas através de uma argola prateada posicionada centralmente na parte superior do papel. Todo o processo de produção foi realizado de maneira totalmente manual, empregando técnicas tradicionais, como tinta acrílica, nanquim e caneta hidrocor. A paleta de cores é bastante emblemática e está presente não só nos desenhos, como também nos próprios papéis utilizados, que exibem uma variada gama de tons de vermelho.

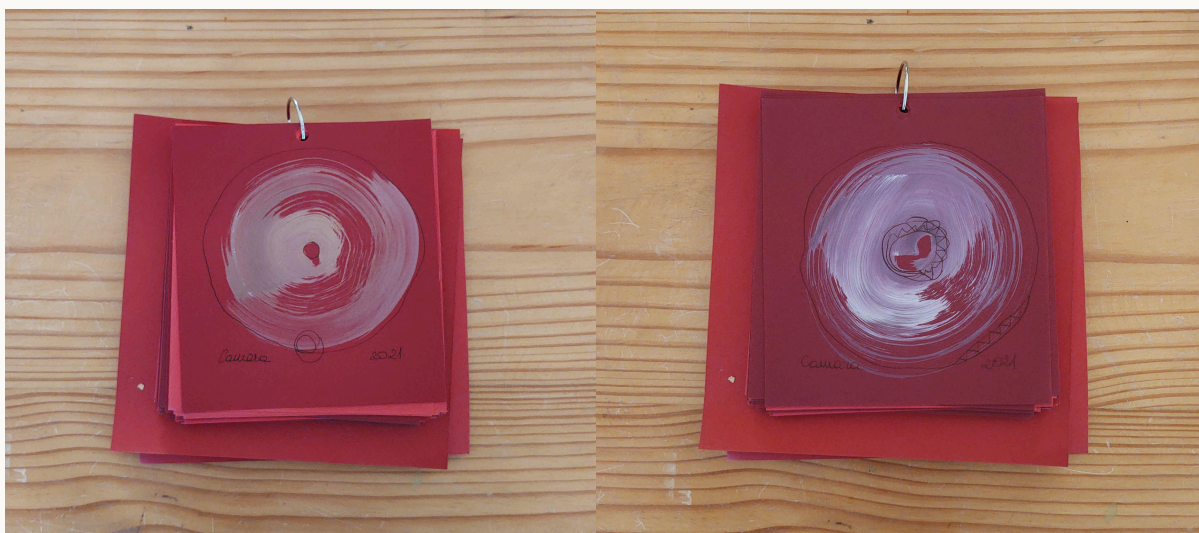


Figura 13 – Páginas do livro “A Câmara Perphyry”.
Fonte: Livro “A Câmara Perphyry”. Fotografia pela autora.

A CÂMARA PERPHYRY		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Arte abstrata, focado em formas arredondadas
	Mídia	Tradicional - acrílica, nanquim e caneta hidrocor
	Paleta de cores	Papéis em tons avermelhados e arte em diversos tons e misturas de branco, roxo e rosa
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Sem proposta interativa
	Texto	Sem presença de texto
	Tipografia	-
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Artes unidas por argola prateada na parte superior do papel
	Formato	Abertura vertical; 20 X 20 cm
	Papel	Color Plus 200g/m ²

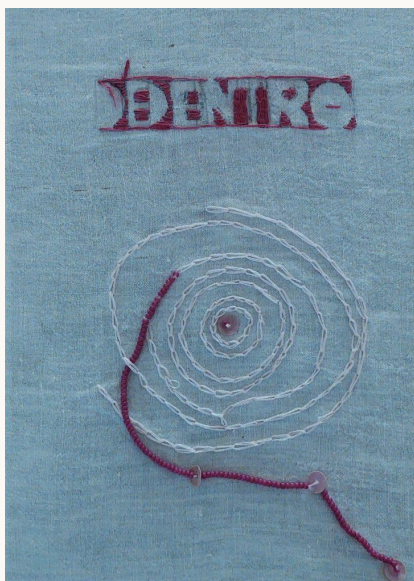
Tabela 4 – Análise “A Câmara Perphyry”.

Fonte: Produzido pela autora.

Considerações — Embora todos os desenhos sejam semelhantes em sua forma circular, cada um é único. Ao se unirem, formam um livro aberto a

diferentes interpretações sobre seu significado e a mensagem que se pretende transmitir com a obra como um todo. É de extrema importância observar essa diversidade interpretativa para o desenvolvimento do livro proposto.

B) De dentro – Cecilia Bichucher



Como o próprio nome indica, o livro surge de uma percepção intimista por parte da artista. A obra se manifesta como uma expressão que busca retratar as experiências vividas durante a pandemia, período em que o confinamento domiciliar foi necessário por vários meses.

Figura 14 – Capa do livro "De dentro".

Fonte: Livro "De dentro". Fotografia pela autora.

O livro foi criado tendo por base páginas de um livro de romance, as quais passam por um processo de intervenção objetivando o apagamento de grande parte das palavras já existentes

Dessa forma, permanecem à vista apenas algumas palavras isoladas que, ao se conectarem, formam frases que capturam os sentimentos experimentados pela autora durante esse período específico.



Figura 15 – Páginas dupla do livro “De dentro”.
Fonte: Livro “De dentro”. Fotografia pela autora.

Diversas são as intervenções criadas, todas executadas manualmente. Entre as técnicas empregadas, incluem-se recortes em tecido, colagem, caneta hidrocor, entre outras. O livro, com dimensões de 17x24 cm, é inteiramente encadernado à mão, apresentando uma capa dura costurada com linha branca. A capa é confeccionada com papel paraná revestido de tecido, adornada com bordados de desenhos e o título da obra. O miolo tem por base o papel pólen do livro usado de suporte e a paleta de cores empregada é vibrante e diversificada.



Figura 16 – Páginas dupla do livro “De dentro”.
Fonte: Livro “De dentro”. Fotografia pela autora.

DE DENTRO		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Majoritariamente formas abstratas, com alguns desenhos figurativos
	Mídia	Tradicional - Caneta hidrocor, tinta guache; recortes em tecido; colagem
	Paleta de cores	Paleta colorida e viva
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Interação indireta: intervenções no livro em camadas, possibilitando a descoberta de diferentes informações
	Texto	Frases escritas a mão e brincadeira com as palavras do texto do livro de suporte
	Tipografia	Tipografia do texto de base serifada; intervenções escritas à mão
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Encadernação manual; capa dura com costura branca
	Formato	Abertura horizontal; 17 X 24 cm
	Papel	Papel pólen (livro de suporte)

Tabela 5 – Análise “De dentro”.
Fonte: Produzido pela autora.

Considerações – Interessante observar a forma única de interação com o leitor por meio de diferentes camadas presentes em uma mesma página,

deixando à curiosidade do leitor a decisão de explorá-las ou não. Essa abordagem é relevante para o presente projeto, uma vez que prioriza o protagonismo do leitor, permitindo-lhe tomar decisões livremente.

C) Djamila – Cecilia Bichucher



A obra se caracteriza por ser uma série de intervenções tendo por base o livro "Lugar de fala" da filósofa e escritora Djamila Ribeiro, surgindo daí o nome do livro de Cecilia.

Figura 17 – Capa do livro "Djamila".

Fonte: Livro "Djamila". Fotografia pela autora.

Segundo a artista, seu livro surge decorrente de um processo notavelmente orgânico, originado enquanto ela estava imersa na leitura da obra de Djamila. Durante esse processo, ela interveio com suas próprias reflexões e interpretações, traduzindo-as por meio de sua expressão artística. Como resultado, a forma final de "Lugar de Fala" é transformada pela presença de recortes, pinturas e colagens de outras obras literárias.

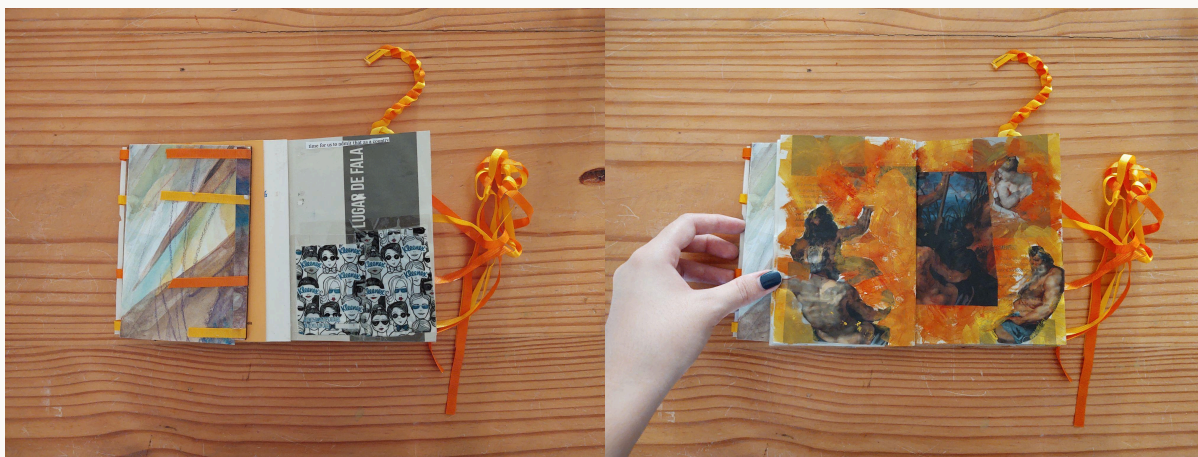


Figura 18 – Páginas dupla do livro “Djamila”.
Fonte: Livro “Djamila”. Fotografia pela autora.

Não houve modificações na encadernação do livro de suporte “Lugar de fala”, somente a criação de uma sobrecapa dura unida por fitas coloridas, nos tons de laranja e amarelo.



Figura 19 – Páginas dupla do livro “Djamila”.
Fonte: Livro “Djamila”. Fotografia pela autora.

DJAMILA		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Intervenções abstratas e colagens
	Mídia	Tradicional - Caneta hidrocor, tinta acrílica; colagem
	Paleta de cores	Tons de amarelo e laranja
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Interação indireta: intervenções no livro em camadas, possibilitando a descoberta de diferentes informações
	Texto	Texto do livro de suporte + anotações em caneta esferográfica
	Tipografia	Tipografia do texto de base serifada; intervenções escritas à mão
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Encadernação original (livro de suporte) + sobrecapa dura unida por fitas
	Formato	Abertura horizontal; 11,5 X 17 cm
	Papel	Papel pólen (livro de suporte)

Tabela 6 – Análise “Djamila”.
Fonte: Produzido pela autora.

Considerações — Assim como na obra anterior, “Djamila” traz a interação com base no grau de interesse do leitor em explorar a obra, uma vez que esta também se utiliza do mecanismo da construção de camadas de intervenção no livro base. Essa abordagem é relevante para o presente projeto, uma vez que o leitor se torna agente do descobrimento da própria obra.

D) Não vale a pena — Cecilia Bichucher



A obra surge da necessidade de destacar a limitação das palavras, que por si só não são suficientes para abarcar toda a complexidade da vida e descrever integralmente a experiência humana. Ela é composta por duas partes distintas e dependentes: um caderno de jornal e uma base de penas pretas, fazendo referência direta ao seu título.

Figura 20 – Capa e base do livro “Não vale a pena”.
Fonte: Livro “Não vale a pena”. Fotografia pela autora.



Figura 21 – Capa e base do livro “Não vale a pena”.
Fonte: Livro “Não vale a pena”. Fotografia pela autora.

O conteúdo do jornal está completamente apagado com tinta branca, deixando somente alguns rastros de palavras antes existentes, gerando uma ânsia no leitor para compreender o que está tentando ser mostrado.



Figura 22 – Detalhes do livro “Não vale a pena”.
Fonte: Livro “Não vale a pena”. Fotografia pela autora.

A base possui medidas de 71x63 cm, criada a partir de papel paraná e  revestida de veludo preto e recoberta por penas pretas. O caderno de jornal possui abertura horizontal e tem por medidas 33x55,5 cm.

NÃO VALE A PENA		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Intervenção sobre jornal
	Mdia	Tradicional - tinta acrílica
	Paleta de cores	Branco e preto
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Interação indireta - interação sensitiva proposta pelo material da base
	Texto	Sem presença de texto
	Tipografia	-
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Caderno de jornal
	Formato	Abertura horizontal; Jornal - 33 X 55,5 cm Base - 71 X 63 cm
	Papel	Papel jornal 48,8g/m ²

Tabela 7 – Análise “Não vale a pena”.

Fonte: Produzido pela autora.

Considerações — A obra suscita várias reflexões, especialmente sobre a capacidade de transmitir tanto com poucas, ou quase nenhuma palavra. Isso é particularmente relevante para o projeto, pois ele não seguirá uma narrativa descritiva, mas sim se concentrará em evocar sentimentos e estimular interpretações diversas nos leitores.

E) O tempo que o mundo parou — Cecilia Bichucher



Figura 23 – Totalidade do livro “O tempo que o mundo parou”.

Fonte: Cecilia Bichucher.

A obra se caracteriza por ser um livro rolo, criado em 2020 durante a pandemia. O livro possui uma gravação contínua que sofre pequenas variações e adições de elementos no desenrolar do papel. Como o nome sugere, a obra surge em um momento delicado, no qual o mundo mudou e nos obrigou a parar.

Seu formato horizontal e as grandes dimensões da obra, que possui 10 metros em seu desenrolar, fazem com que o espectador se torne também agente, uma vez que passa a se relacionar diretamente com a obra e o desenrolar do tempo.

O livro é criado a partir de gravuras unidas perfeitamente, sem possuir lacunas, reforçando a ideia de passagem do tempo. A gravura possui por base uma ilustração em cinza e aos poucos surgem novos elementos em amarelo, laranja, vermelho, verde, azul e preto.

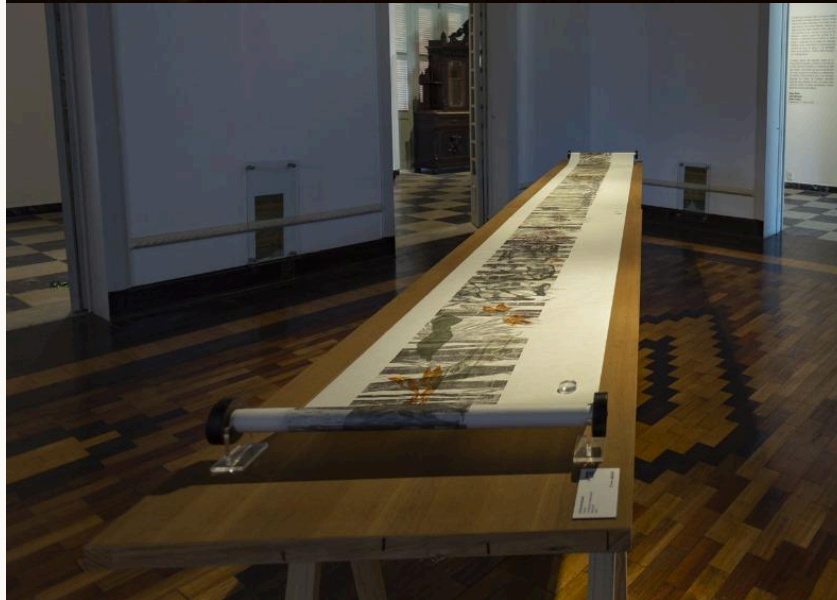
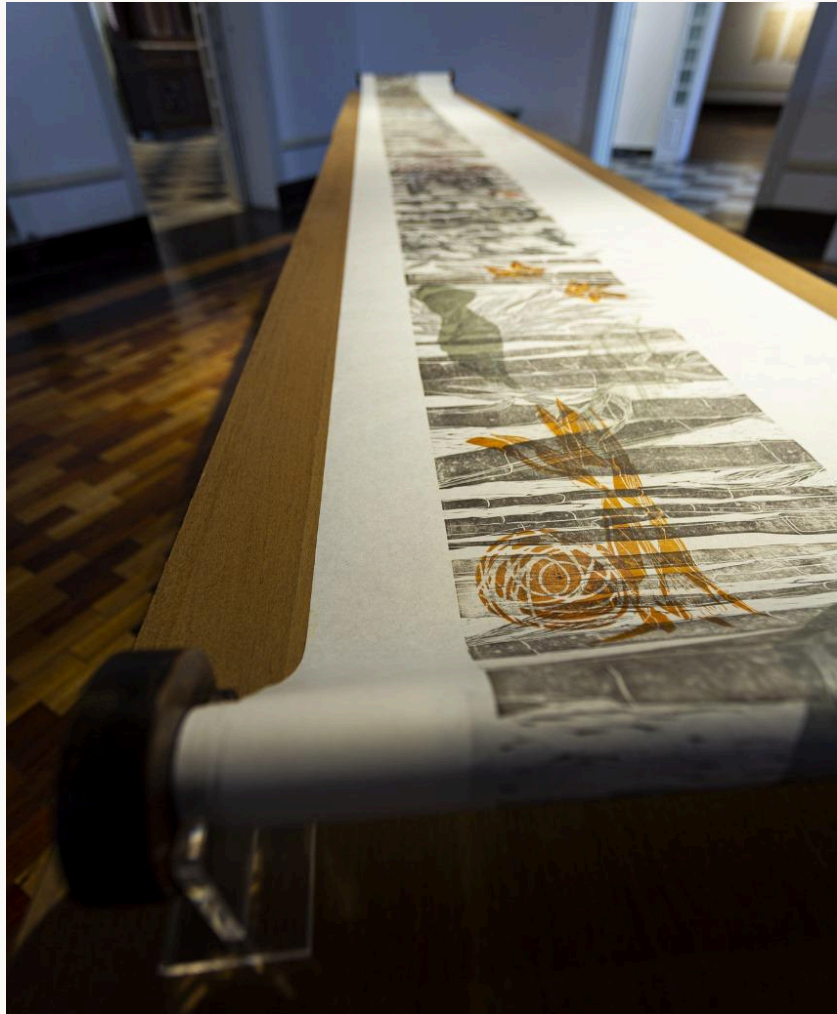


Figura 24 – Detalhe do livro “O tempo que o mundo parou”.

Fonte: Cecília Bichucher.

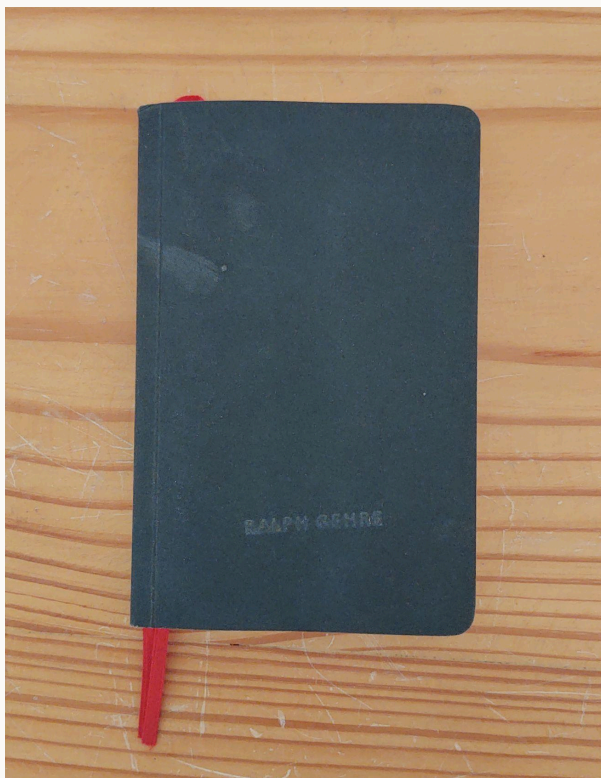
O TEMPO QUE O MUNDO PAROU		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Gravura
	Mídia	Tradicional - gravura
	Paleta de cores	Cinza + amarelo, laranja, vermelho, verde, azul e preto
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Interação direta: manuseio de engrenagem para a revelação completa da obra
	Texto	Sem presença de texto
	Tipografia	-
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	-
	Formato	Rolagem horizontal; 40 cm X 10 m
	Papel	Não identificado

Tabela 8 – Análise “O tempo que o mundo parou”.
Fonte: Produzido pela autora.

Considerações – A obra teve um grande impacto na percepção da autora em relação à categoria de livro, uma vez que, além de não possuir uma narrativa

cronológica bem definida, também apresenta um formato bastante não convencional. A expressão artística por meio da gravura também é algo de interesse a ser explorado no livro a ser desenvolvido.

F) Caderneta – Ralph Gehre



O livro "Caderneta" de Ralph Gehre se caracteriza por ser originado a partir de um diário pessoal, dessa forma o livro tem artes e textos totalmente escritos à mão, se utilizando somente de grafite, nanquim e lápis de cor.

Figura 25 – Capa do livro "Caderneta".
Fonte: Livro "Caderneta". Fotografia pela autora.

Essa obra é a única dessa análise que tem por característica surgir de um diário, sem a pretensão inicial de ser publicado, e se tornar uma publicação seriada. É um livro pequeno, de dimensões 9,3x14 cm, possui uma paleta colorida, mas não tão vibrante e possui uma capa preta que une alguns cadernos costurados e colados.

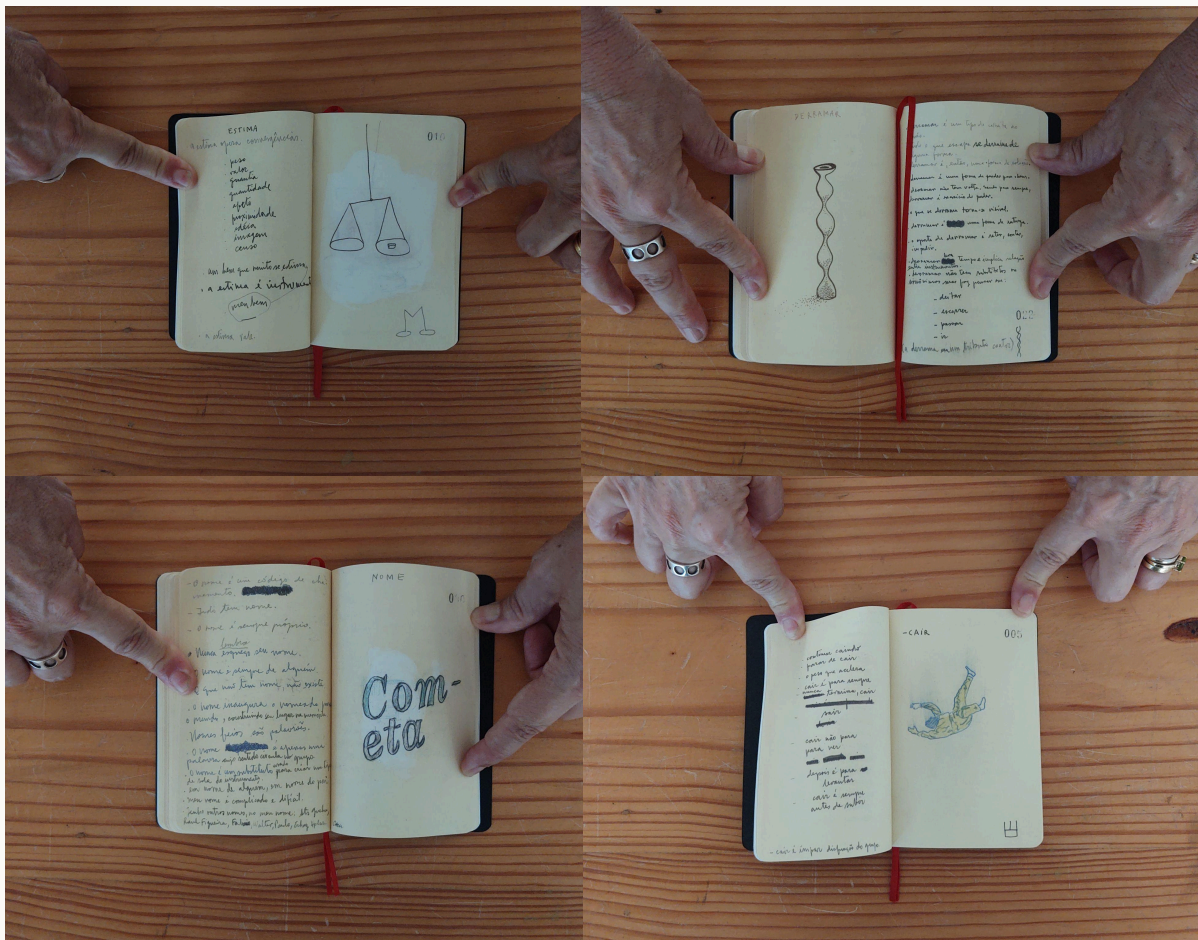


Figura 26 – Páginas dupla do livro “Caderneta”.
 Fonte: Livro “Caderneta”. Fotografia pela autora.

CADERNETA		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Figurativa, estilo pessoal
	Mídia	Tradicional - grafite, nanquim e lápis de cor
	Paleta de cores	Colorida, mas não muito vibrante
ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Sem proposta interativa
	Texto	Texto isolado, escrito a mão
	Tipografia	Tipografia cursiva, escrita à mão
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Cadernos costurados e colados
	Formato	Abertura horizontal; 9,3 X 14 cm
	Papel	Papel offset 120g/m ²

Tabela 9 – Análise “Caderneta”.

Fonte: Produzido pela autora.

Considerações – Interessante observar na construção do livro o aspecto mais informal que ele carrega consigo, evidenciado por uma diagramação de

informações mais livres e pela presença de escritas e desenhos feitos de forma manual, utilizando lápis, nanquim e lápis de cor. Dado que o livro a ser desenvolvido terá como uma das características ser mais intimista para com o leitor, esses elementos de construção observados são relevantes para sua criação.

G) A Lenda de São Julião o Hospitaleiro de Flaubert – Amadeo de Souza



Este livro foi publicado por ocasião da exposição “Amadeo de Souza Cardoso 1887-1918”, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Réunion des Musées Nationaux - Grand Palais, em Paris, de 20 de Abril a 18 de Julho de 2016.

Seu grande diferencial é ser um livro totalmente ilustrado a mão por Amadeo de Souza-Cardoso, a partir do texto de Gustave Flaubert, pertencente à coleção do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

Figura 27 – Capa do livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro”.

Fonte: Livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro de Flaubert”. Fotografia pela autora.

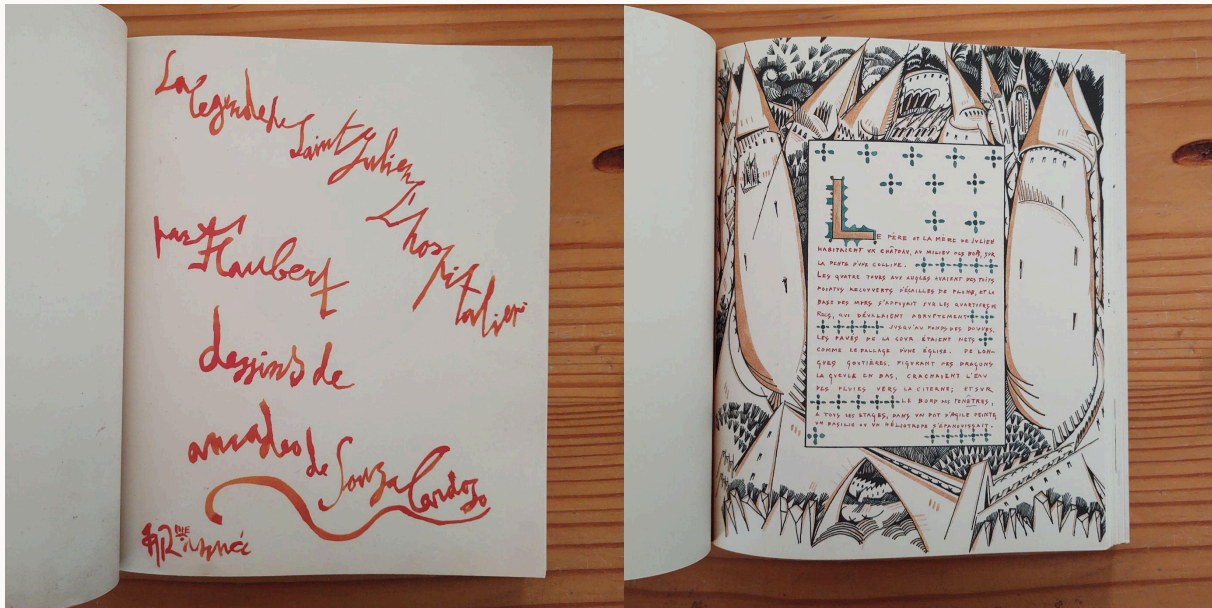


Figura 28 – Páginas do livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro”.
 Fonte: Livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro de Flaubert”. Fotografia pela autora.

O imaginário medievalista desta história, inspirada nos vitrais da catedral de Ruão, deu origem a uma ópera em Paris cujo sucesso público chegou aos dias de Amadeo. A luxuosa versão de Amadeo impõe-se pela sua singularidade, ao experimentar novas soluções gráficas na relação do texto e imagem, em tudo pioneira entre os primeiros livros de artista do modernismo.



Figura 29 – Páginas do livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro”
 Fonte: Livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro de Flaubert”. Fotografia pela autora.

O livro tem por dimensão 22x27 cm, e possui uma paleta de cores viva e alegre, com predominância de amarelo, azul, vermelho e preto, acompanhada de ilustrações emblemáticas do artista, deixando claro um estilo próprio bastante icônico.

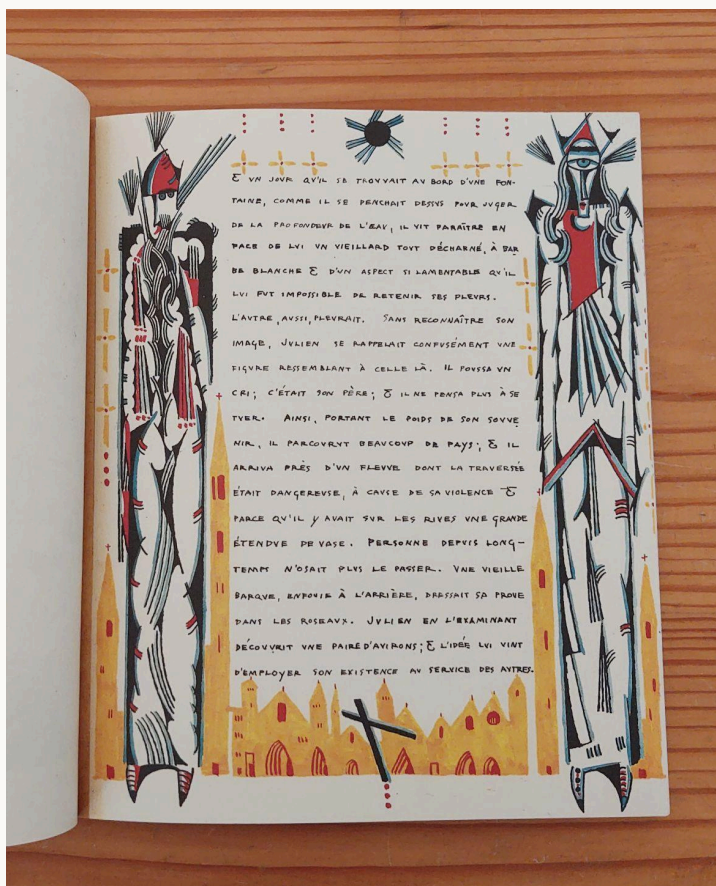


Figura 30 – Página do livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro”

Fonte: Livro “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro de Flaubert”. Fotografia pela autora.

A LENDA DE SÃO JULIÃO O HOSPITALEIRO		
ASPECTOS ESTÉTICOS	Estilo de arte	Figurativa e abstrata; estilo pessoal
	Mídia	Tradicional - nanquim e aquarela
	Paleta de cores	Predominância de amarelo, azul, vermelho e preto

ASPECTOS NARRATIVOS	Interação	Sem proposta interativa
	Texto	Texto isolado, escrito a mão
	Tipografia	Tipografia cursiva, escrita à mão
ASPECTOS FUNCIONAIS	Encadernação	Cadernos costurados e colados; presença de sobrecapa
	Formato	Abertura horizontal; 22 X 27 cm
	Papel	Papel offset 180g/m ²

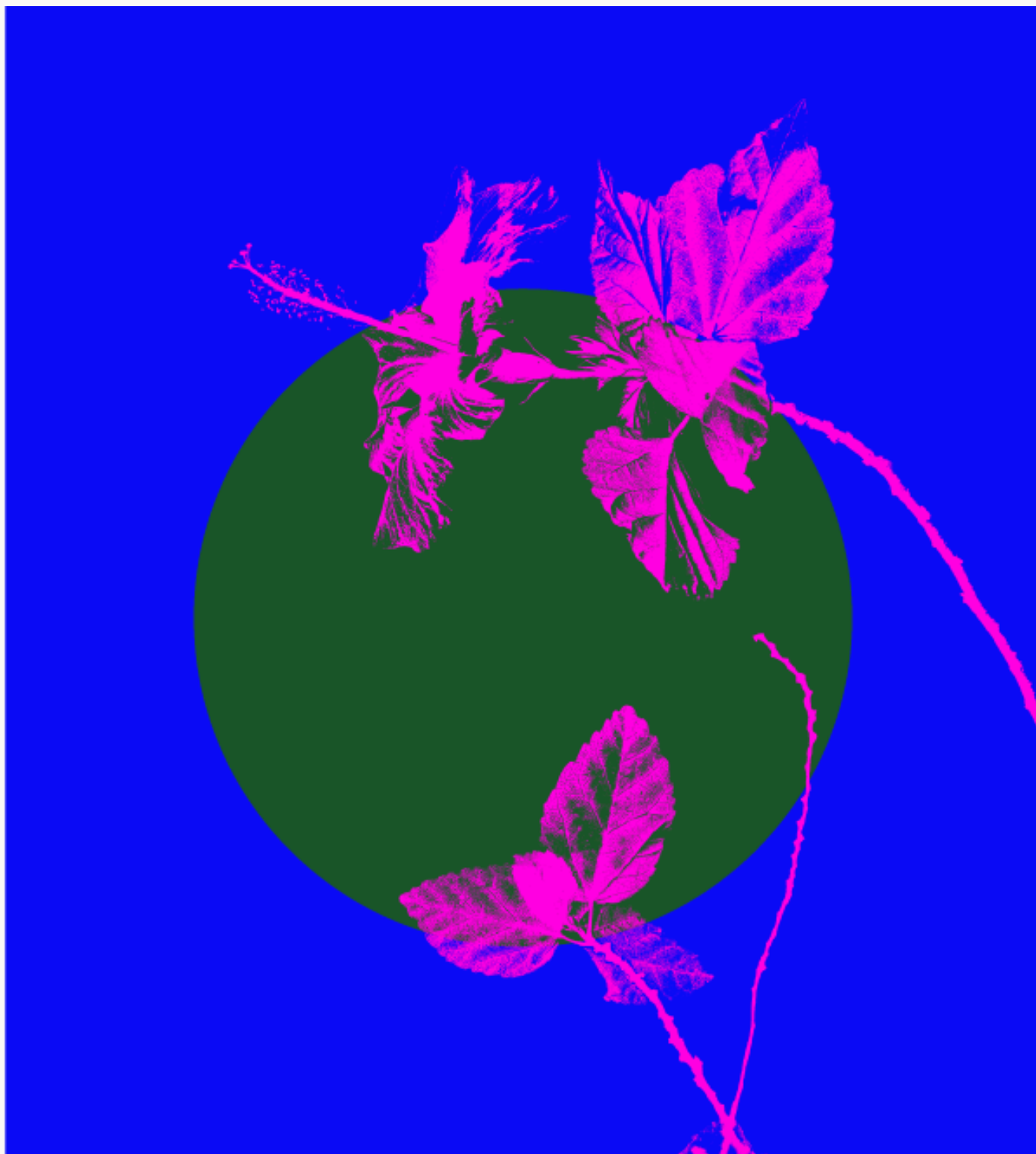
Tabela 10 – Análise “A Lenda de São Julião o Hospitaleiro”.

Fonte: Produzido pela autora.

Considerações — Apesar de conter uma quantidade significativa de texto, o livro mantém uma leitura leve devido à sua diagramação mais fluida e à presença de ilustrações únicas. Embora as ilustrações não interajam diretamente com o texto, é interessante observar como elas se integram a ele, às vezes formando uma moldura ou invadindo o espaço quadrado destinado ao texto.



6 DIRETRIZES DO PROJETO



Utilizando-se dos conhecimentos adquiridos por meio do estudo abordado na fundamentação teórica e no levantamento de dados e das considerações realizadas, foram identificados e selecionados alguns parâmetros específicos. Esses parâmetros irão desempenhar um papel crucial na seleção e aprimoramento de ideias, para melhor guiar o projeto a ser materializado, como descrito abaixo.

1. Criar uma narrativa envolvente, que evoque sentimentos nos leitores;
2. Propor elementos interativos;
3. Testar diferentes técnicas e mídias para a criação das artes;
4. Explorar as possibilidades de composição;
5. Criar um protótipo do livro experimental proposto.



7 MEMORIAL DESCRITIVO



Após a etapa de pesquisa e a definição das diretrizes projetuais, iniciou-se um processo mais livre de reflexões sobre o que se desejava retratar e compartilhar com o público. Nesse estágio inicial, foi fundamental reservar um tempo para introspecção, e só então após esse momento, houve a listagem das possíveis ideias a serem desenvolvidas.

Após essa listagem inicial, percebeu-se um forte apego à ideia de um livro tradicional. Embora a autora classificasse o projeto como "livro experimental", a palavra "livro" acabou assumindo um peso excessivo, direcionando a idealização para uma materialidade no formato convencional, onde as artes seriam apresentadas em folhas unidas por encadernação, seguindo o modelo tradicional de um livro.

A partir dessa percepção, surgiu o desejo de se afastar da ideia tradicional de livro, o que deu início a uma nova fase de reflexões e possíveis alternativas. Assim, surge a ideia do livro desconstruído traduzido ao físico em uma caixa de memórias. Essa ideia nasceu das vivências da autora e das trocas realizadas com pessoas próximas. Decidiu-se que a materialidade do projeto seria uma caixa contendo diversas peças, predominantemente de autoria própria, mas com a possibilidade de incluir outras peças complementares, selecionadas por meio de uma curadoria.

Após essa virada conceitual, começou-se a detalhar as possibilidades de materialização de cada ideia. Paralelamente, foi realizado o levantamento dos materiais e técnicas adequados para a confecção de cada peça. Essa lista foi ajustada ao longo do tempo, à medida que algumas ideias se transformavam em outras ou davam origem a novas criações. Durante um período, o processo foi quase cíclico, até que a seleção final das peças fosse concluída, gerando um descritivo mais detalhado que serviu como guia para o desenvolvimento.

Aa Descritivo	📅 Conclusão	🌟 Status
📖 O que é o luto, se não o amor que perdura?	9 de agosto de 2024	● Concluído
📄 Beijos, toque & despedida	4 de setembro de 2024	● Concluído
📷 Fotografia documental Detalhes	9 de setembro de 2024	● Concluído
🖼️ Interferência em fotos Presença da ausência	3 de setembro de 2024	● Concluído
🌱 Cultivamos o que deu no tempo disponível	2 de setembro de 2024	● Concluído
🖼️ Porta retrato Refletido	11 de agosto de 2024	● Concluído
📀 CD Te dedico,	31 de agosto de 2024	● Concluído
🕊️ Se Deus quiser	11 de setembro de 2024	● Concluído
🕊️ Mande um sinal	2 de setembro de 2024	● Concluído
🕊️ Em memória	4 de setembro de 2024	● Concluído
🕯️ Caixa de fósforos Efêmero	31 de agosto de 2024	● Concluído
🕯️ Velas Efêmero	31 de agosto de 2024	● Concluído
💓 Cuidado! Frágil!	4 de setembro de 2024	● Concluído
📖 Anatomia da perda	2 de setembro de 2024	● Concluído

Figura 31 – Listagem final das peças.
Fonte: Produzido pela autora.

Desde o início da concepção e dos testes de materialidade, houve uma preocupação com a diversidade das peças. Inspirando-se em caixas de memória reais, percebeu-se que a escolha de guardar determinados objetos é motivada pelas memórias e pelo apego emocional. Assim, a curadoria do conteúdo da caixa é guiada pelo sentimentalismo, e não pela estética das peças. Devido a isso, priorizou-se a diversidade de materiais, texturas e estéticas, garantindo uma variedade que reflete o caráter pessoal de cada item.

Essa escolha resultou no afastamento da busca por uma unidade visual, com paleta de cores e estética bem definidas. Essa decisão foi essencial, pois além de tornar o processo de experimentação mais livre, trouxe mais leveza e diversão ao desenvolvimento das peças. Para a autora, isso acrescentou ainda mais significado, já que pôde se basear em objetos do dia a dia e em itens de seu acervo pessoal.

Além das peças desenvolvidas pela autora, foi realizada uma curadoria de peças complementares. Esse processo ocorreu de forma orgânica, à medida que a busca por referências e materiais em sua própria casa se mostrou extremamente enriquecedora. Essa exploração proporcionou trocas de experiências e trouxe à tona memórias há muito esquecidas, adicionando profundidade ao projeto.

7.1 Experimentações

É importante destacar que a transformação das ideias em materialidade foi guiada pelos campos do sensível e da experimentação. A experimentação surgiu como uma maneira de romper com a seriedade e sobriedade inerentes à temática, tornando o processo mais leve e fluido. Embora houvesse uma idealização dos resultados a serem alcançados, o processo também foi uma experiência de aprendizado, com erros e imperfeições que acabaram enriquecendo o projeto como um todo.

No projeto, buscou-se explorar uma ampla variedade de técnicas ao alcance da autora, o que gerou muitos novos aprendizados. No entanto, nem todas as experimentações e técnicas realizadas foram aplicadas nas peças finais. A seguir, serão descritas algumas dessas experimentações realizadas ao longo do processo.

7.1.1 Colagem com algodão

A experimentação com o algodão surgiu da vontade de retratar mofo de forma artística. O material que mais remetia a esse fenômeno de decomposição natural era o algodão, e inicialmente foram feitos testes para entender as possibilidades do material. Após a decisão de prosseguir com o algodão, foi

realizada uma pesquisa com o objetivo de descobrir se essa já era uma forma representativa utilizada por alguém, e assim, descobriu-se o trabalho do artista plástico Guilherme Borsatto, residente de São Paulo.

O trabalho de Guilherme busca representar a decomposição por meio da memória e afeto, conversando bastante com o projeto em desenvolvimento. Foi tentado um contato direto com o artista por meio das redes sociais, porém infelizmente sem sucesso. Apesar disso, seu trabalho foi extremamente inspirador e desencadeou novas ideias e testes.



Figura 32 – Obra de Guilherme Borsatto.
Fonte: Guilherme Borsatto (@gui.borsatto).

A colagem do algodão se deu em uma superfície de vidro, e com o uso de uma cola de silicone para artesanato, chegou-se a um resultado satisfatório. Junto do algodão também foram coladas peças para artesanato.



Figura 33 – Testes com algodão.
Fonte: Produzido pela autora.

7.1.2 Corte e gravação em acrílico

Decidiu-se que a caixa destinada a armazenar as peças do projeto seria feita de acrílico, escolhido pela transparência do material. A partir dessa definição, foram estudadas as possibilidades de personalização. O acrílico utilizado foi obtido a partir de sobras de chapas da Oficina Digital da UFC. Com o material em mãos, desenhou-se o formato da caixa e iniciaram-se os testes, que envolveram corte, dobragem e gravação.

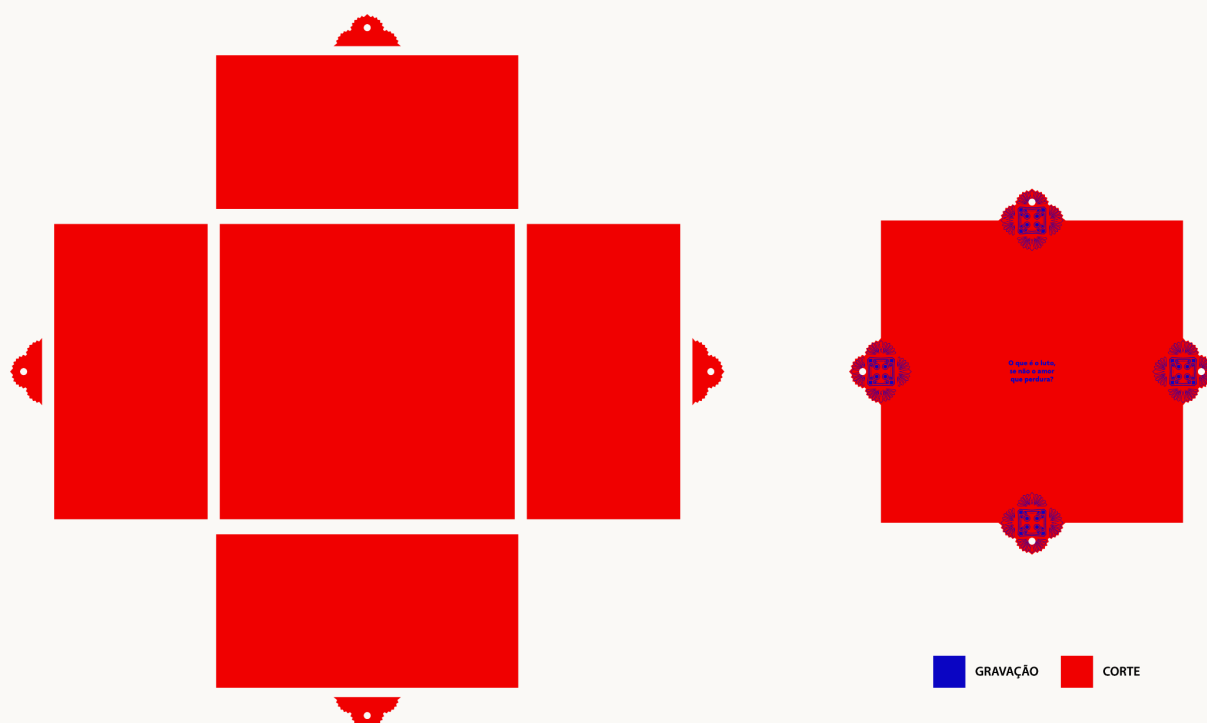


Figura 34 – Arquivo final caixa.

Fonte: Produzido pela autora.

Devido às dimensões da caixa, os testes foram realizados em escala reduzida, resultando em um protótipo. Com base nos resultados, descartou-se a opção de dobrar o material para o fechamento da caixa, pois foi difícil obter uma dobra perfeita de 90°. Optou-se, então, por seguir apenas com o corte e a gravação. As peças cortadas foram unidas utilizando uma cola específica para acrílico.

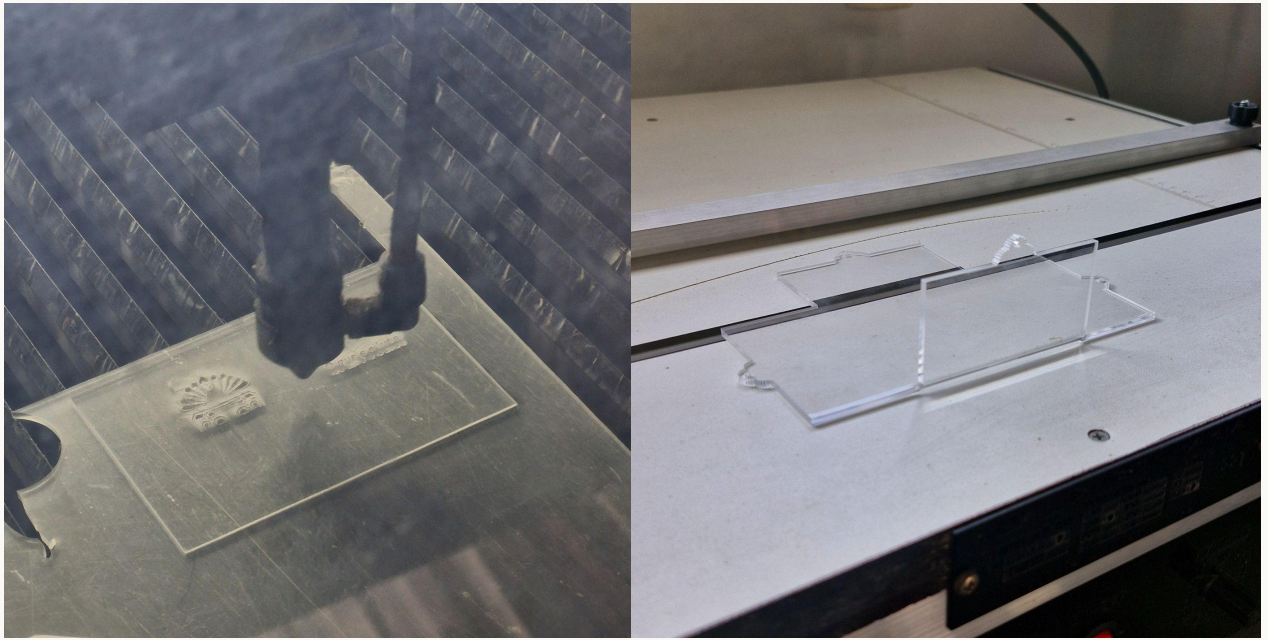


Figura 35 – Processo de gravação, corte e dobragem em acrílico.
Fonte: Produzido pela autora.

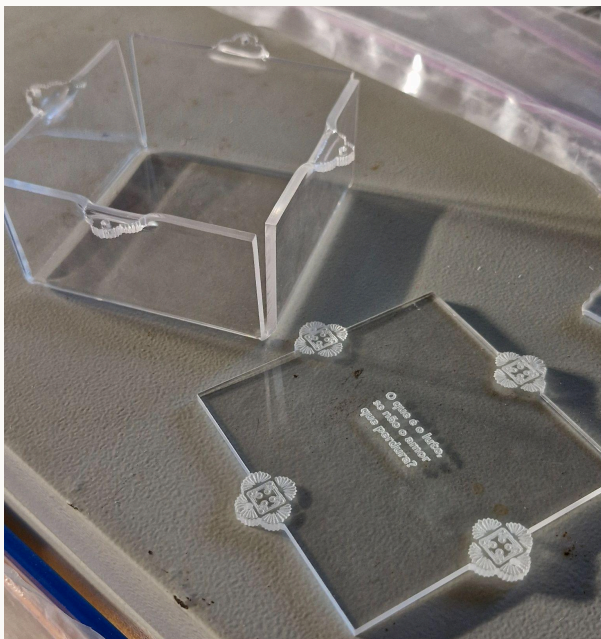


Figura 36 – Protótipo da caixa.
Fonte: Produzido pela autora.

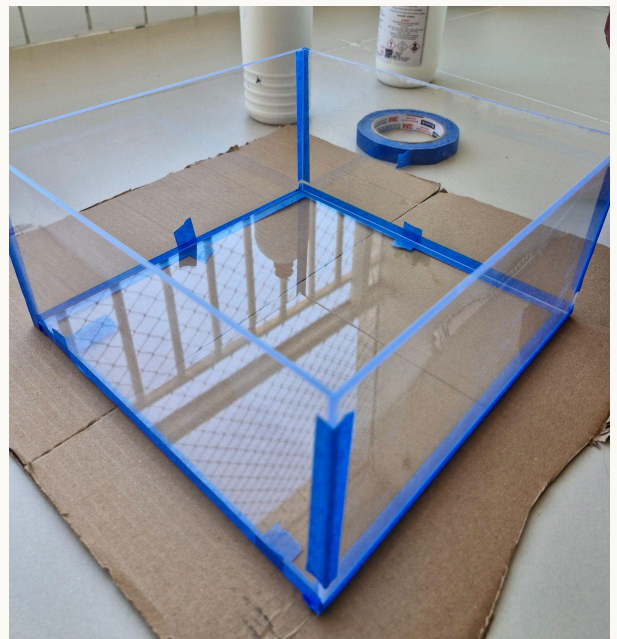


Figura 37 – Processo de colagem da caixa.
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 38 – Gravação em tamanho real.
Fonte: Produzido pela autora.

7.1.3 Desidratação de plantas

A experimentação com plantas já era um grande interesse da autora antes do desenvolvimento do projeto, por isso foi uma das primeiras técnicas exploradas. O objetivo era criar colagens com folhas e flores, o que exigia que elas passassem por um processo de desidratação.

Tradicionalmente, esse processo é realizado colocando as plantas entre as páginas de livros antigos, pressionadas por algo pesado, onde costumam permanecer por cerca de um mês. No entanto, devido ao tempo limitado para o desenvolvimento da peça final, foi necessário buscar uma alternativa mais rápida.

Testes foram realizados utilizando o micro-ondas para desidratar as plantas. Elas foram colocadas em um recipiente adequado para micro-ondas, e o tempo ideal para o processo foi identificado como cerca de um minuto. Um tempo maior aumentava o risco de queima das plantas, o que poderia causar acidentes. Assim, o processo foi conduzido com bastante atenção e cuidado. As plantas desidratadas foram, então, utilizadas para a criação das colagens.



Figura 39 - Plantas desidratadas.

Fonte: Produzido pela autora.



Figura 40 – Processo de desidratação.
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 41 – Colagens com plantas desidratadas.
Fonte: Produzido pela autora.

7.1.4 Hot stamping

A técnica de hot stamping foi viabilizada pelo equipamento disponível no Ateliê de Impressos. O processo consiste em pressionar uma chapa quente contra um material, utilizando uma fita de hot stamping entre eles. Para aplicar a técnica, foi necessário criar uma matriz com tipos móveis. Com a matriz pronta, iniciaram-se os testes com diferentes fitas.



Figura 42 - Matriz com tipos móveis pronta.
Fonte: Produzido pela autora.

O resultado variava conforme a temperatura da máquina, a pressão aplicada e o tipo de fita utilizado. Nas primeiras tentativas, a impressão ficou bastante falhada. Foram então realizados ajustes na temperatura e experimentadas diferentes pressões. Após várias tentativas e ajustes, foi possível alcançar um resultado satisfatório.

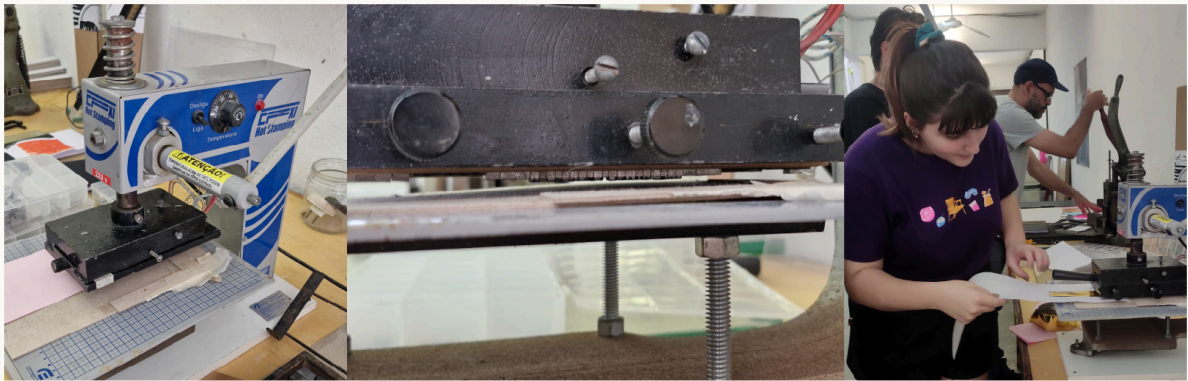


Figura 43 - Processo de hot stamping.
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 44 - Resultados obtidos hot stamping.
Fonte: Produzido pela autora.

7.1.5 Impressão experimental

A autora possui grande afinidade com experimentações no campo da impressão de materiais gráficos. Dada a limitada variedade de papéis disponíveis na maioria das gráficas rápidas, surgiu a necessidade de testar a impressão em papéis geralmente indisponíveis nesses locais.

Para isso, foram adquiridos alguns papéis para experimentação, e as impressões foram realizadas de forma caseira, utilizando uma impressora jato de tinta convencional. Os papéis testados foram o Lumipaper Rosa de 90g/m² e o Sirio Pearl Red Fever 250g/m². Apesar da impressão ser na cor preta, o efeito obtido foi bastante interessante, influenciado pela textura, cor e características metálicas do papel.

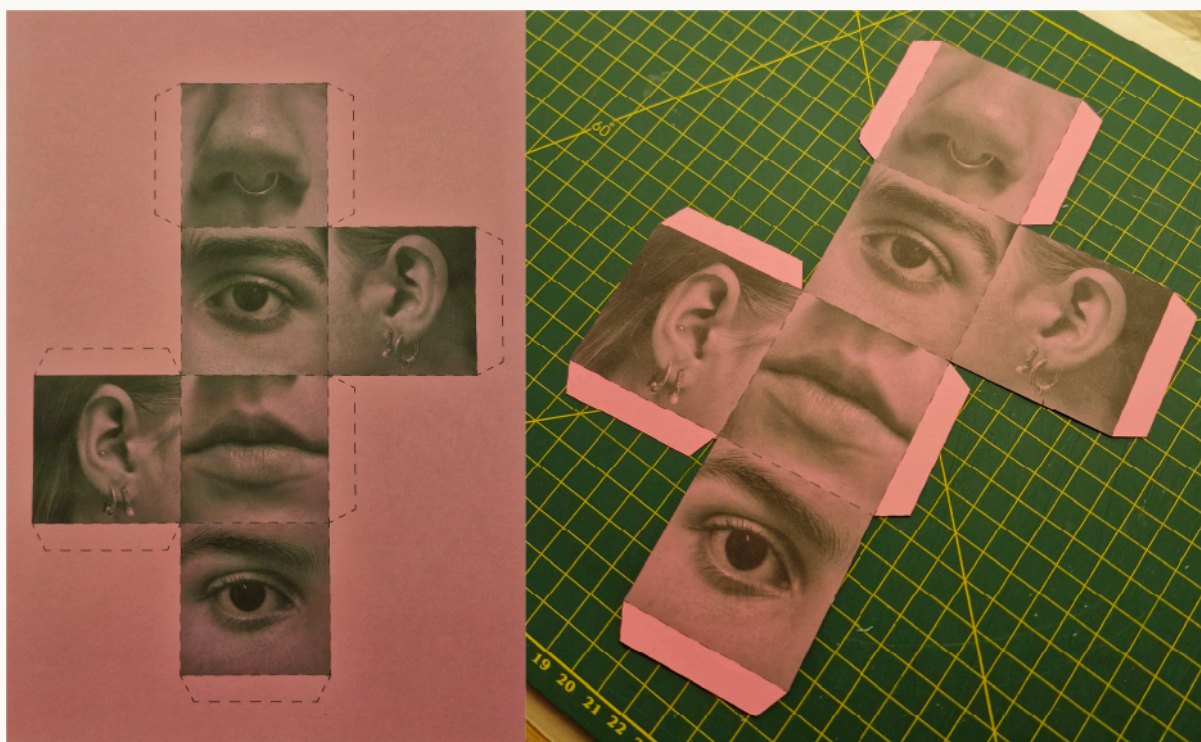


Figura 45 - Teste impressão papel Lumipaper Rosa.
Fonte: Produzido pela autora.

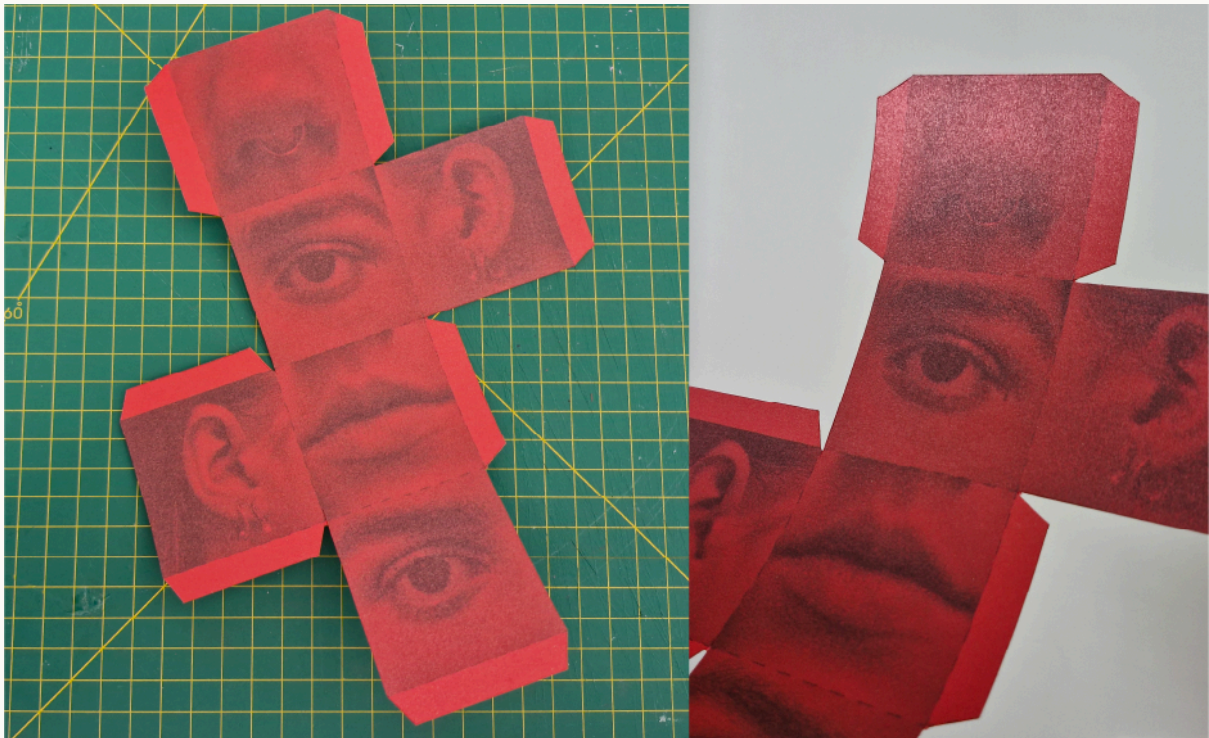


Figura 46 – Teste impressão papel Sirio Pearl Red Fever.

Fonte: Produzido pela autora.

7.1.6 Serigrafia

Assim como no hot stamping, os testes de serigrafia foram viabilizados pelo equipamento do Ateliê de Impressos. A serigrafia é uma técnica de impressão que consiste em transferir tinta por meio de uma tela, utilizando um rodo ou puxador. Para aplicá-la, é necessário criar uma matriz serigráfica, cuja preparação leva pelo menos dois dias.

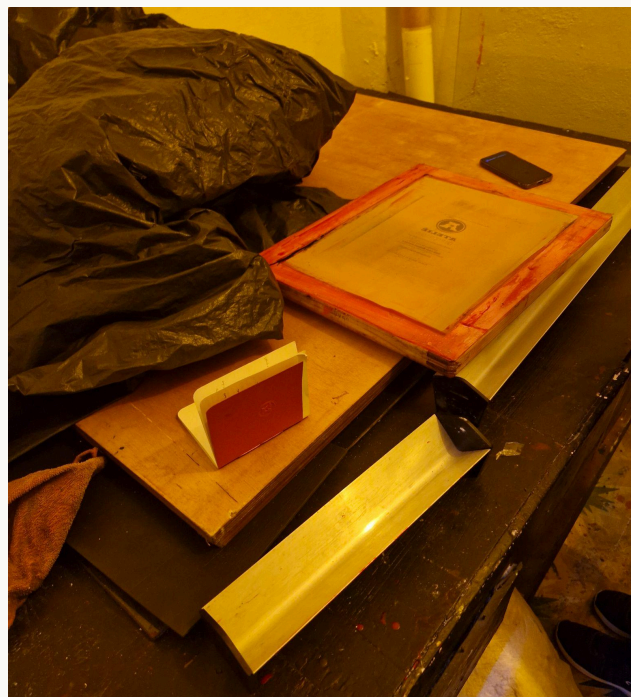


Figura 47 – Preparação da matriz serigráfica.

Fonte: Produzido pela autora.

Devido à complexidade e ao tempo necessário para cada etapa desse processo, a técnica de serigrafia não foi utilizada no desenvolvimento final de nenhuma das peças do projeto.

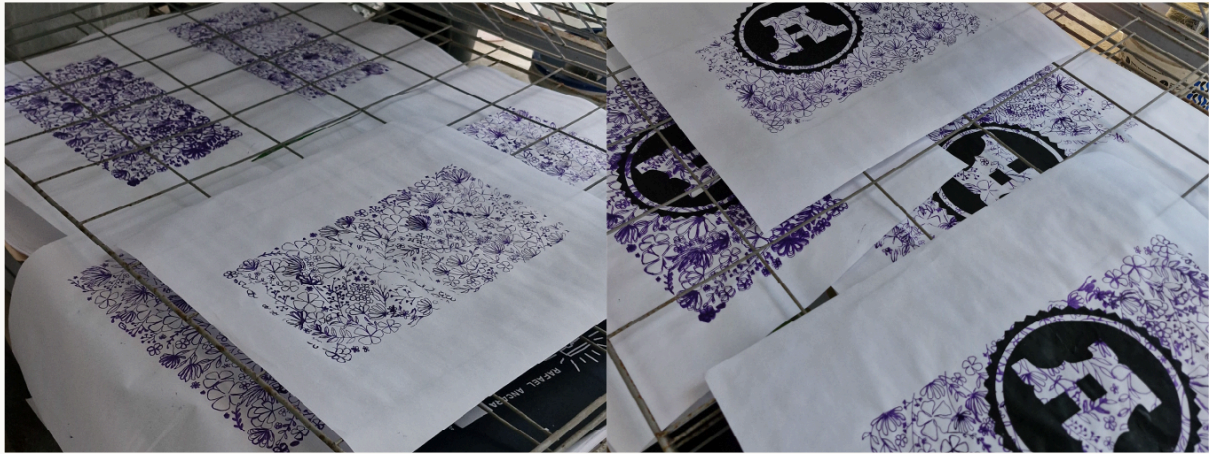


Figura 48 - Resultados em serigrafia.
Fonte: Produzido pela autora.

7.2 Protótipo

No total, foram desenvolvidas 13 peças, cada uma com um título específico.

As peças são, em ordem alfabética:

1. Anatomia da perda
2. Beijos, toque & despedida
3. Cuidado! Frágil!
4. Cultivamos o que deu no tempo disponível
5. Detalhes
6. Efêmero
7. Em memória
8. Mande um sinal
9. O que é o luto, se não o amor que perdura?
10. Presença da ausência
11. Refletido

12. Se Deus quiser

13. Te dedico

As peças desenvolvidas foram organizadas em grupos, denominados pela autora de "atos". A criação desses atos ocorreu de maneira bastante orgânica, à medida que se observou uma conexão entre certas peças, que abordavam temas semelhantes. Ao todo, foram definidos cinco atos:

- ★ Ato I - Perda
- ★ Ato II - Sentimento
- ★ Ato III - Presença da ausência
- ★ Ato IV - Efêmero
- ★ Ato V - Memória e afeto

ATO I

PERDA

O início de tudo.

7.2.1 Se Deus quiser

Sobre as relações entre luto e fé.

Para a autora, luto e fé estão profundamente entrelaçados, já que a fé pode servir como um dos pilares para enfrentar e aceitar a perda. A figura de Deus, muitas vezes, pode ser colocada como decisora dos acontecimentos futuros, através de expressões cotidianas como "Se Deus quiser...". Assim, ao se nutrir a expectativa de evitar a perda por meio dessa interseção, quando o resultado não é o esperado, surgem questionamentos sobre o papel decisório de Deus: se esse poder existe, por que Ele não quis?

Materiais

- Chaveiro de São Miguel em metal
- Envelope em papel Color Plus Tóquio 180g/m²
- Papel vergê 120g/m²



Figura 49 -Peça
"Se Deus
quiser".
Fonte:Produzido
pela autora.

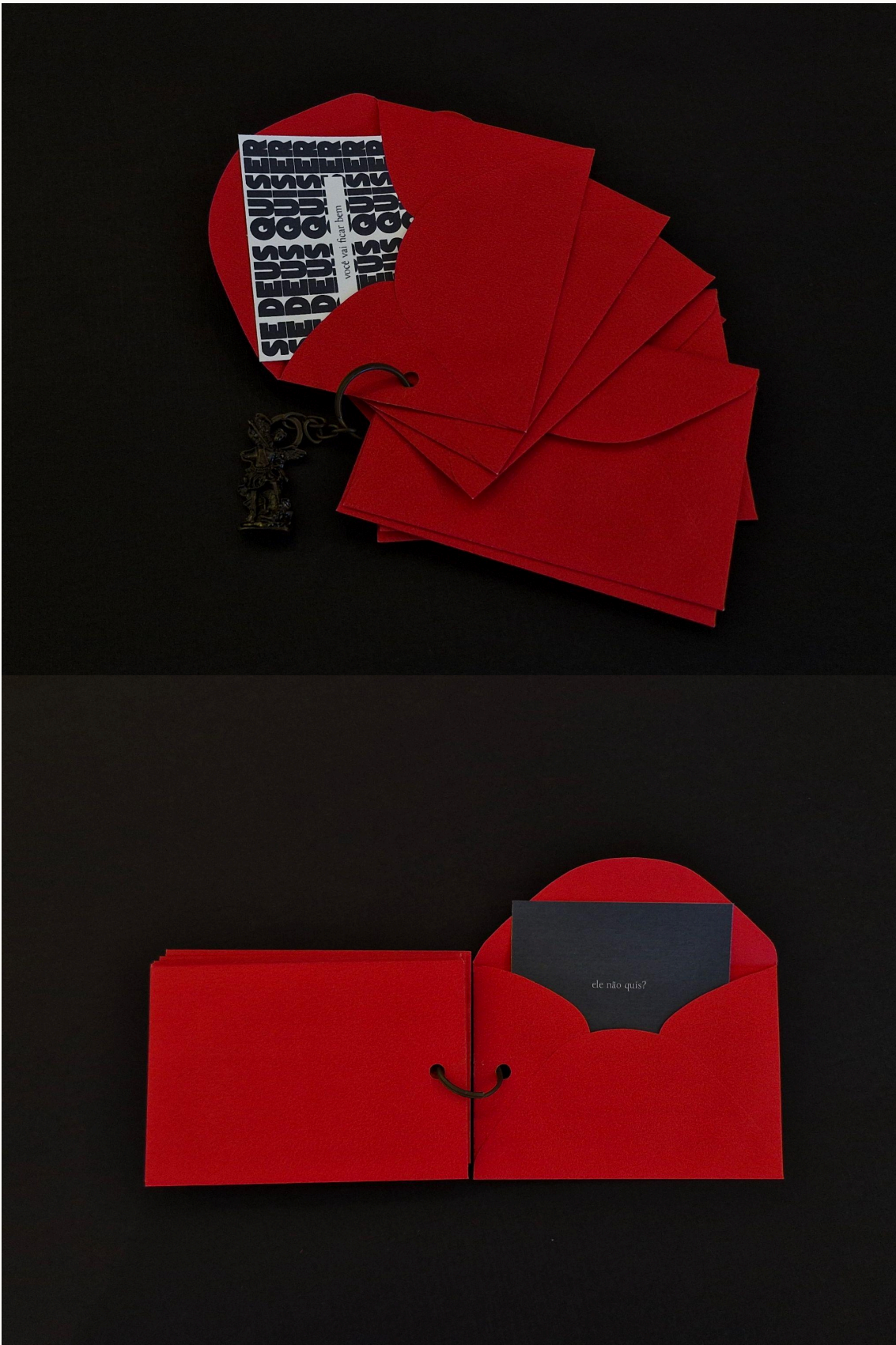


Figura 50 - Peça "Se Deus quiser".
Fonte: Produzido pela autora.

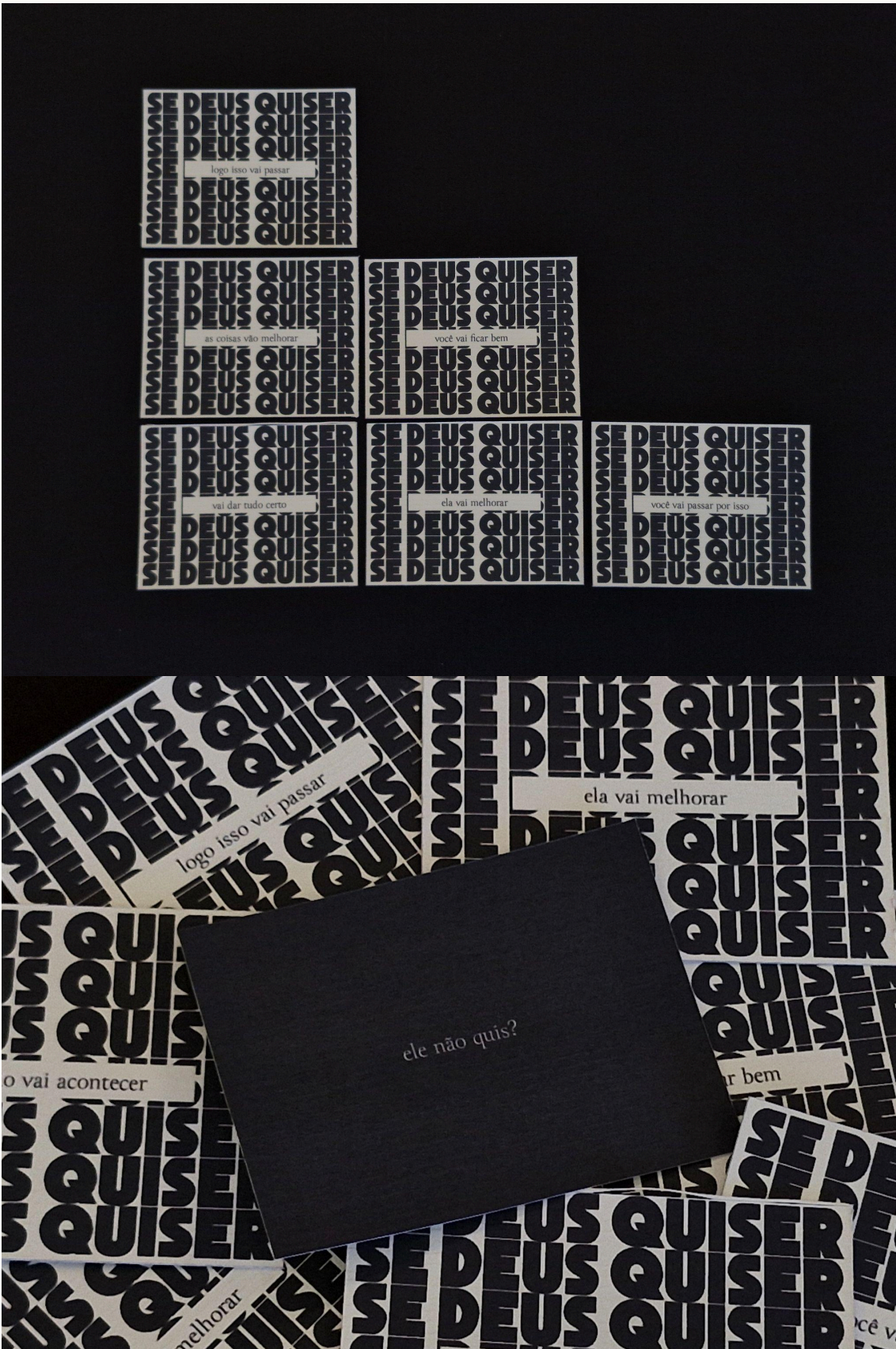


Figura 51 - Peça "Se Deus quiser".

Fonte: Produzido pela autora.

7.2.2 Beijos, toque e despedida

Sobre perdas graduais e despedidas indiretas.

Em algumas perdas, a pessoa enlutada não tem a oportunidade de se despedir adequadamente do falecido, o que gera um profundo vazio causado pela ruptura abrupta da realidade e dos hábitos cotidianos.

Materiais

- Binder
- Papel Color Plus Milano 180g/m²

Técnicas

- Carimbagem com uso de batom



Figura 52 - Peça "Beijos, toque e despedida".

Fonte: Produzido pela autora.



Figura 53 - Peça "Beijos, toque e despedida".
Fonte: Produzido pela autora.

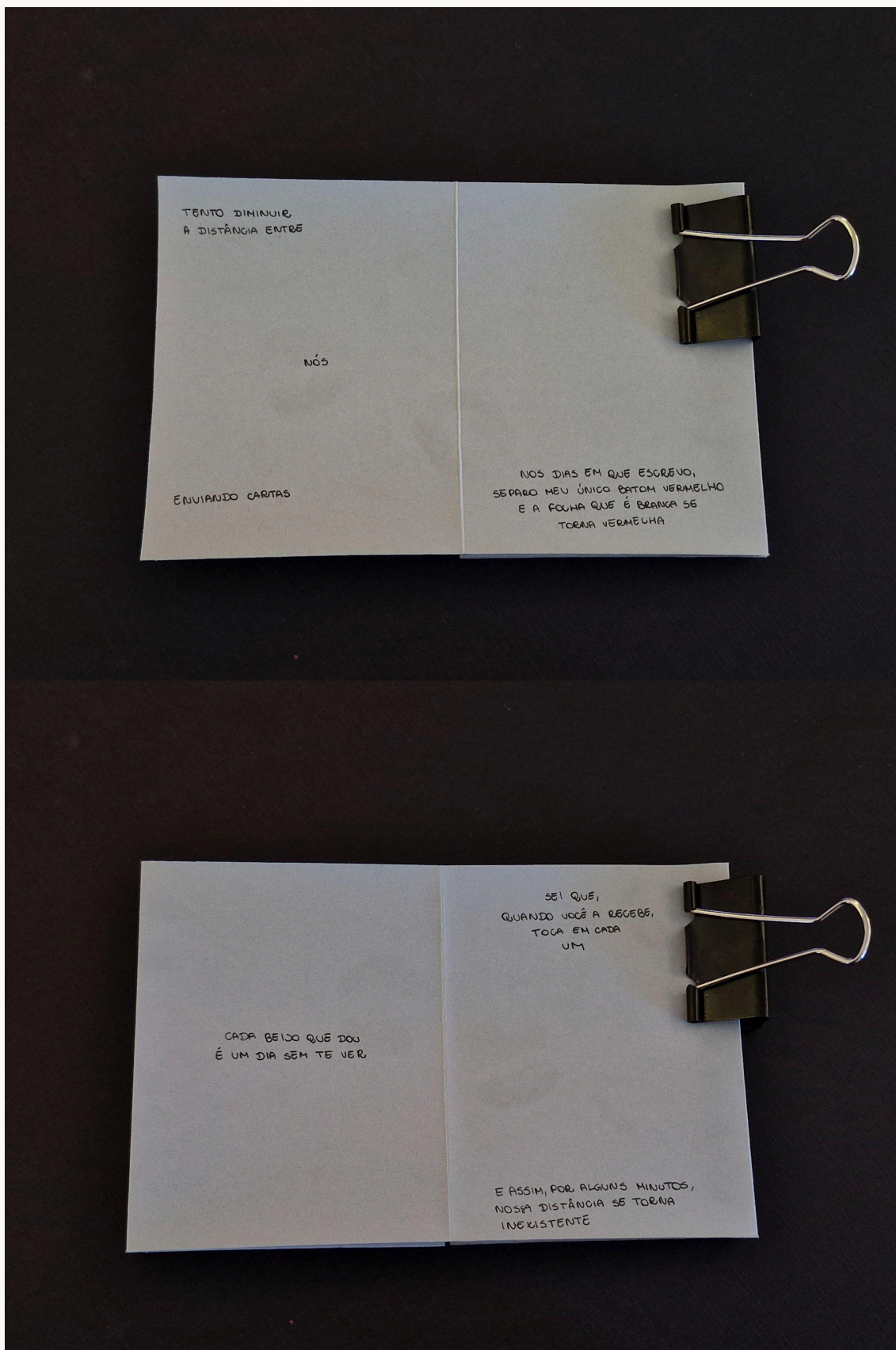


Figura 54 - Peça "Beijos, toque e despedida".

Fonte: Produzido pela autora.

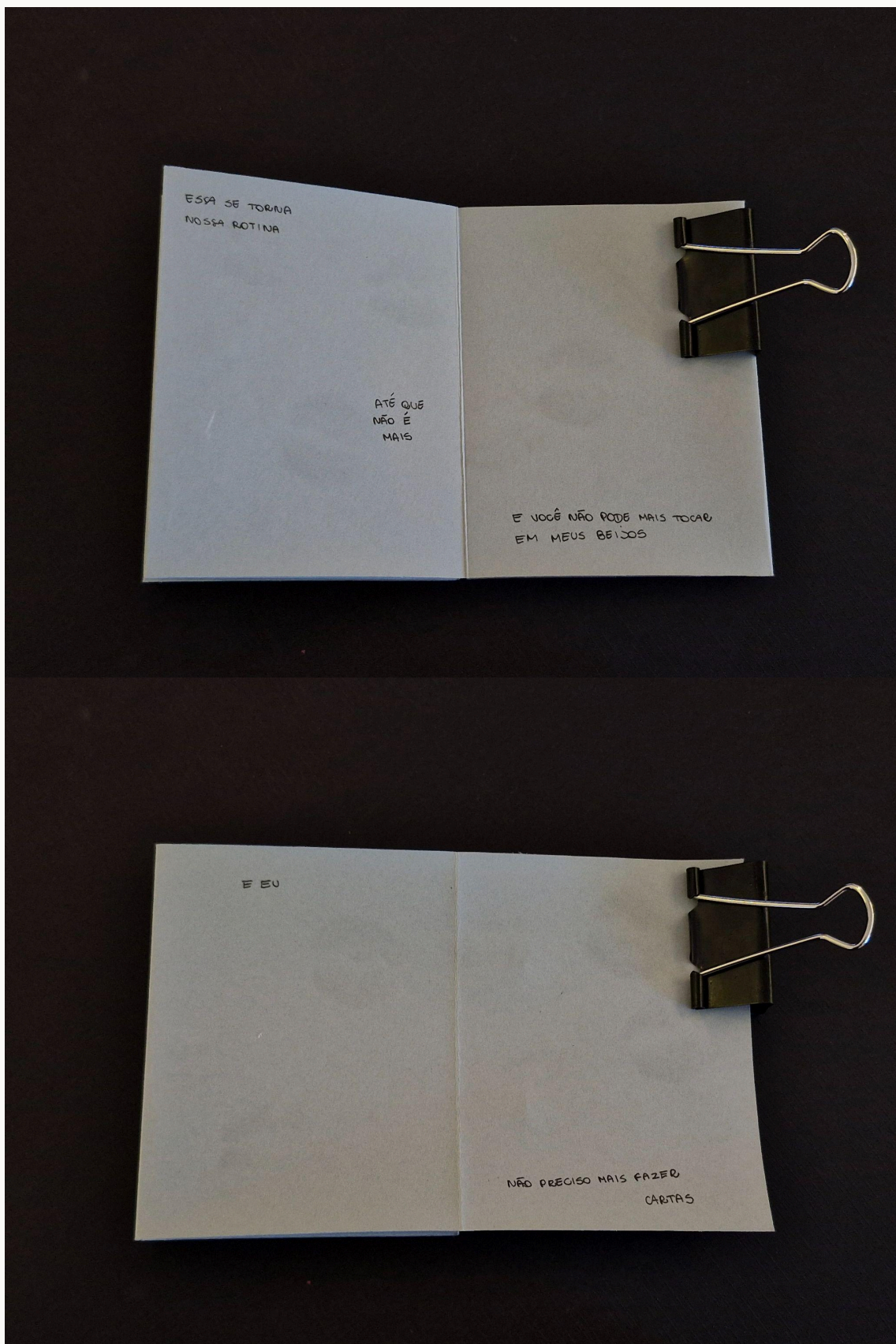


Figura 55 - Peça "Beijos, toque e despedida".
Fonte: Produzido pela autora.

7.2.3 Em memória

Sobre a estranheza em ganhar seu primeiro Santinho.

Receber um santinho torna o que está acontecendo palpável, forçando o indivíduo a confrontar a realidade dos eventos e a encarar o presente. A peça busca intensificar essa sensação de estranheza por meio de uma estética que se desvia completamente do formato tradicional dos santinhos convencionais.

Materiais

→ Envelope em papel Vergê 120g/m²

Técnicas

→ Impressão a laser em papel Duo Design 300g/m²



Figura 56 – Peça “Em memória”.

Fonte: Produzido pela autora.

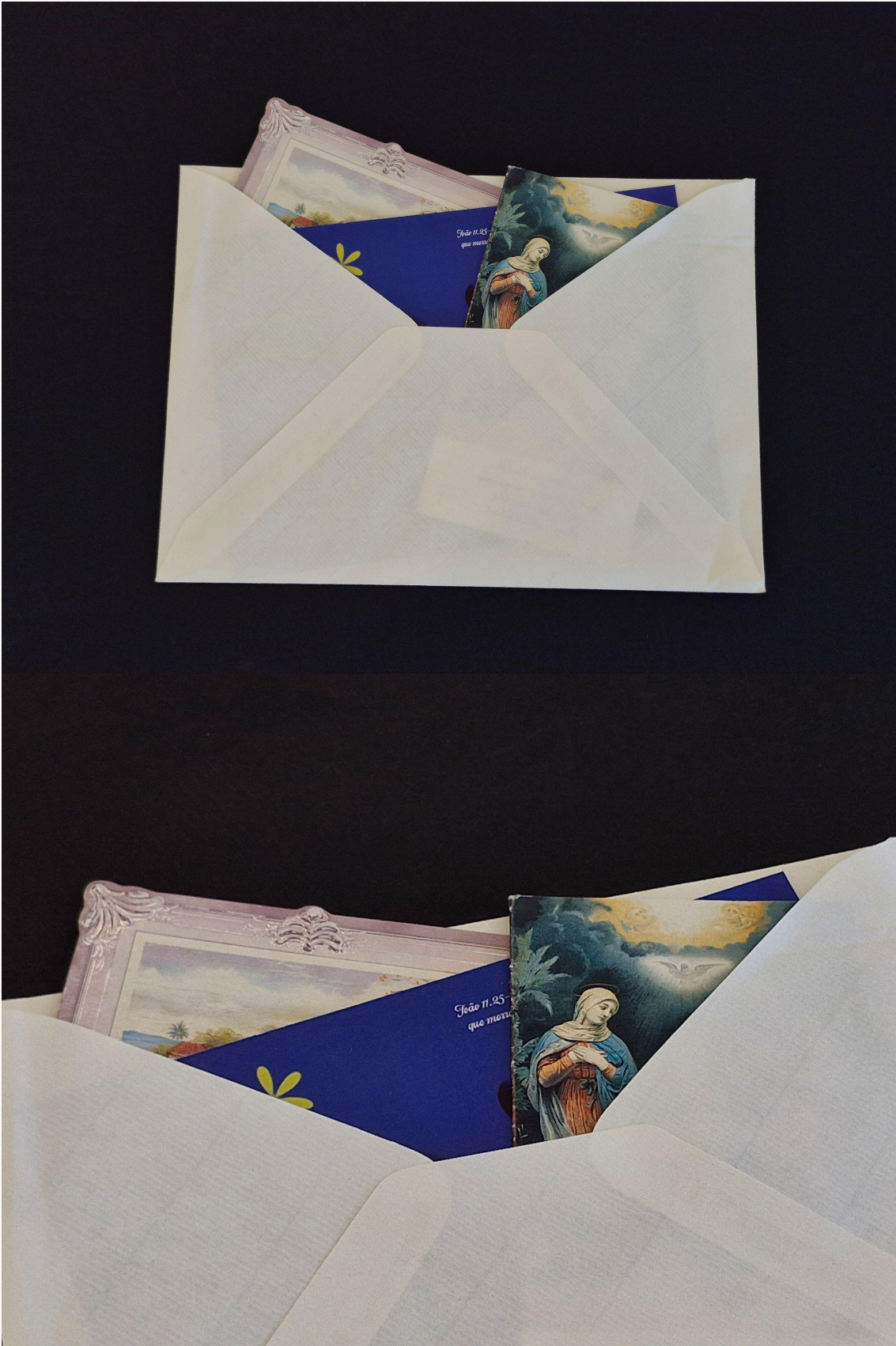


Figura 57 - Peça "Em memória".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 58 – Peça “Em memória”.

Fonte: Produzido pela autora.

7.2.4 Mande um sinal

Sobre lidar com novas e estranhas emoções.

O luto pode ser especialmente confuso para as crianças, que muitas vezes precisam de explicações claras e diretas. Quando não recebem essas explicações necessárias, onde irão buscar as respostas para entender o que está acontecendo?

Materiais

- Papel sulfite pautado
- Canetas coloridas



Figura 59 - Peça "Mande um sinal".

Fonte: Produzido pela autora.

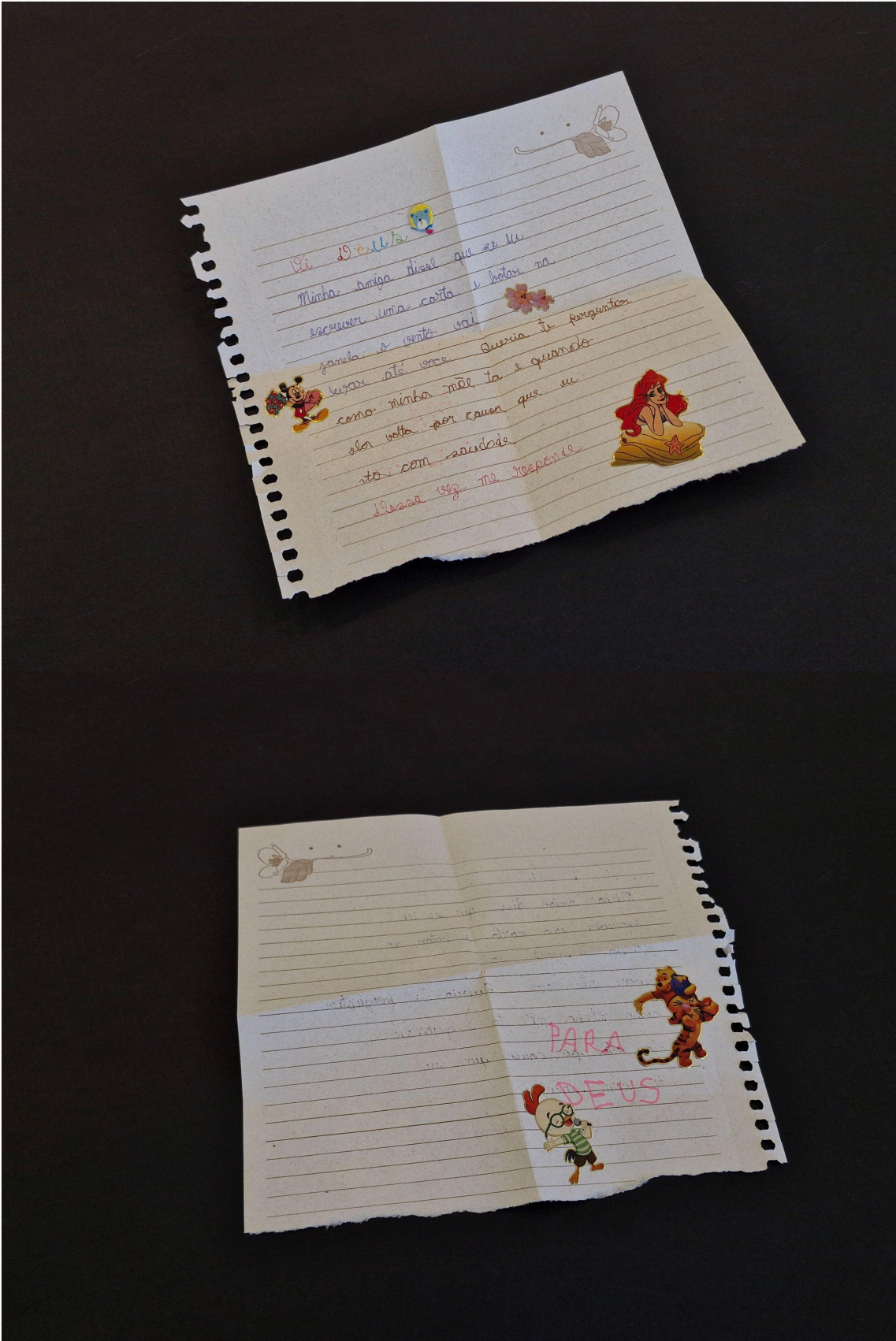


Figura 60 - Peça "Mande um sinal".

Fonte: Produzido pela autora.

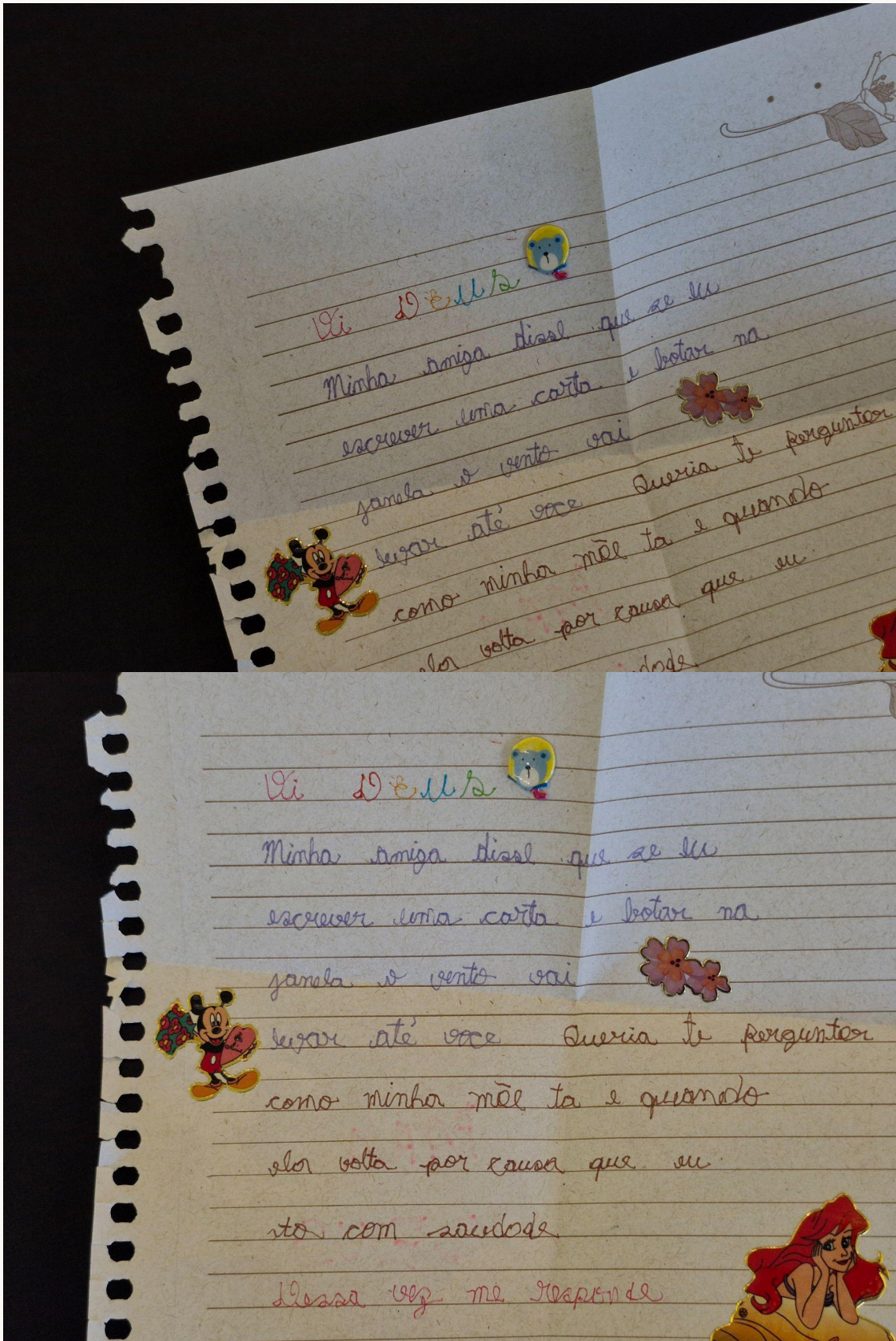


Figura 61 - Peça "Mande um sinal".

Fonte: Produzido pela autora.

ATO II

SENTIMENTO

Onda avassaladora que obscurece
temporariamente a visão e a razão.

7.2.5 Cuidado! Frágil!

Sobre vulnerabilidade.

Durante o luto, os sentimentos podem predominar sobre a razão, tomando conta da rotina. É um momento em que a vulnerabilidade parece exposta, como se todos pudessem ver a dor que se carrega no coração.

Materiais

- Linha encerada rosa
- PLA biodegradável a base de cana de açúcar
- Plástico bolha

Técnicas

- Impressão 3D

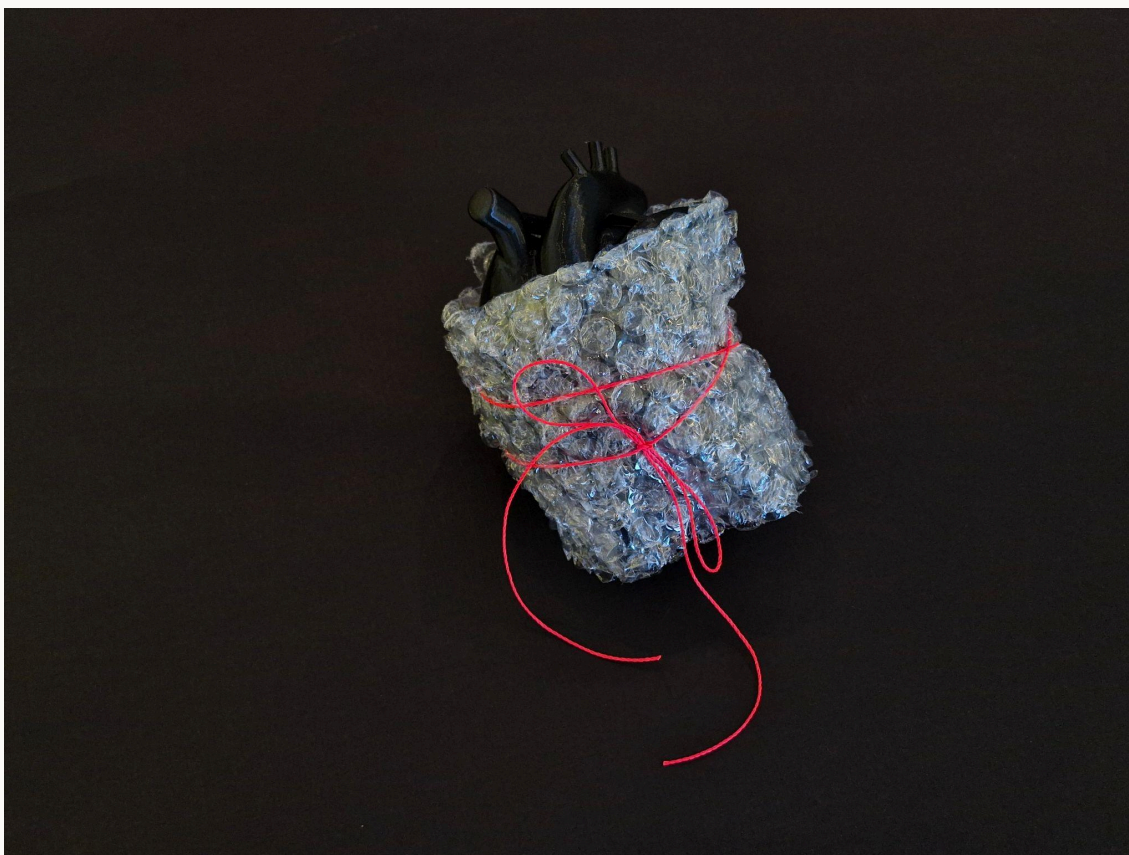


Figura 62 – Peça “Cuidado! Frágil!”.

Fonte: Produzido pela autora.

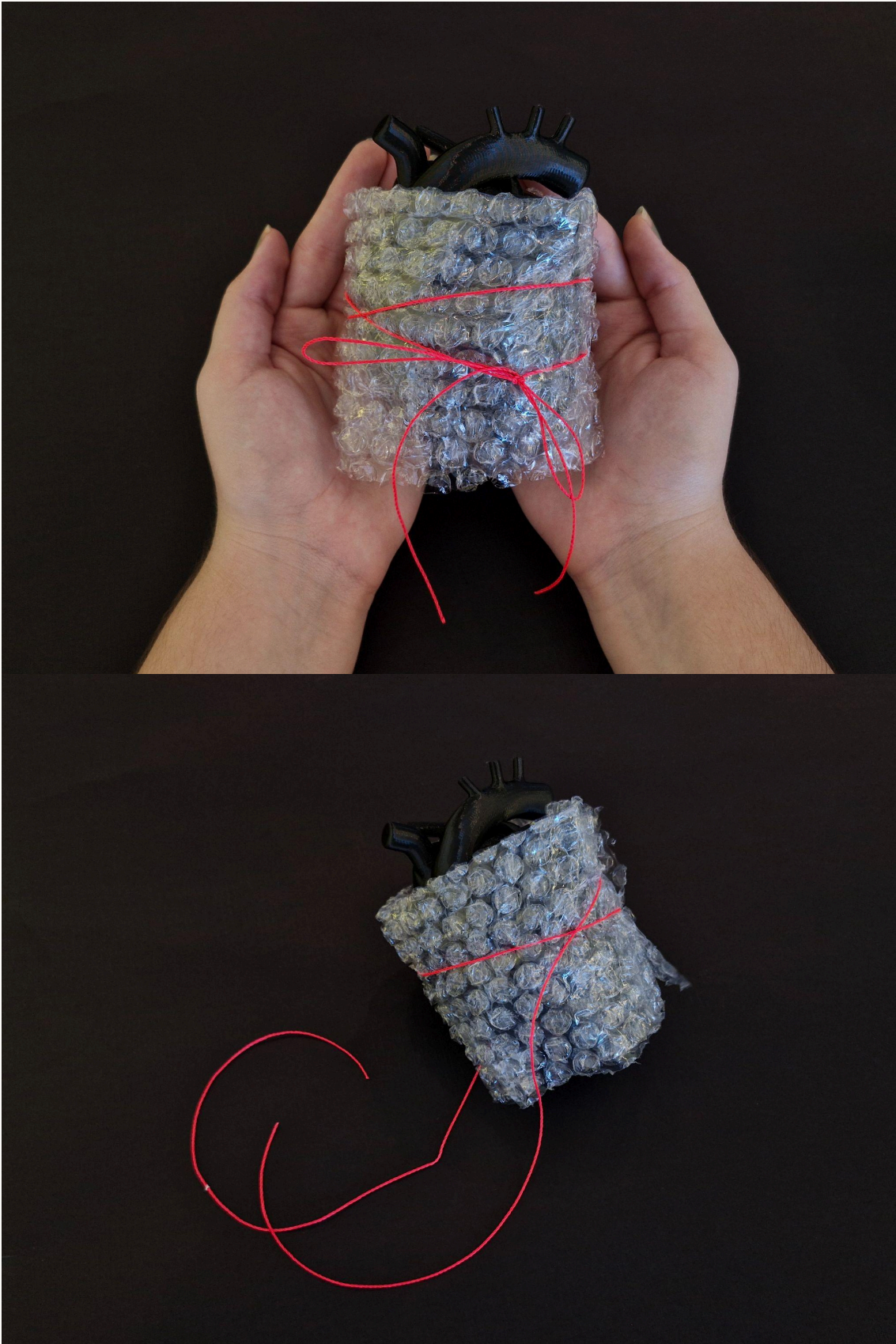


Figura 63 - Peça "Cuidado! Frágil!".
Fonte: Produzido pela autora.

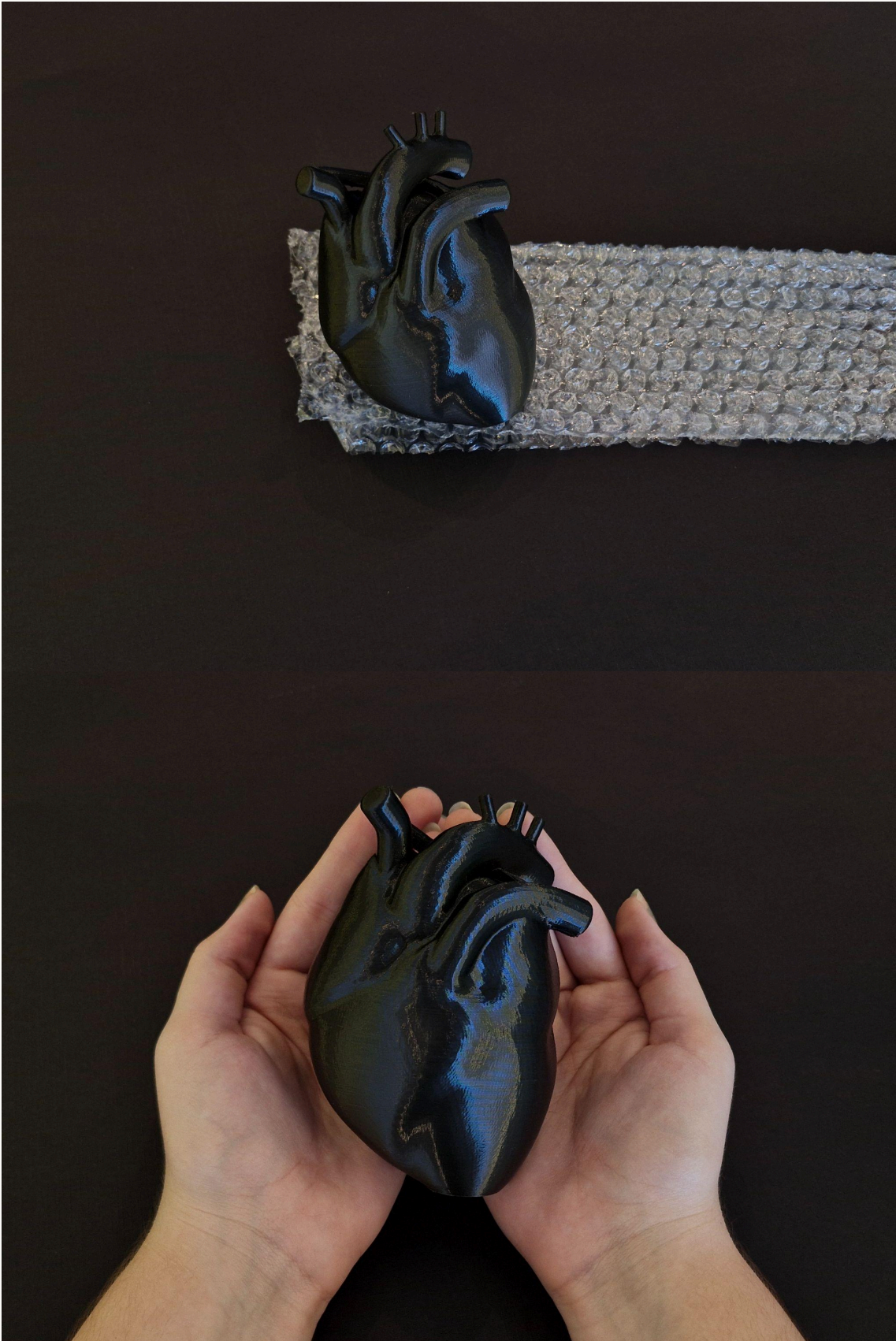


Figura 64 - Peça "Cuidado! Frágil!".
Fonte: Produzido pela autora.

7.2.6 Anatomia da perda

Sobre acolhimento e identificação.

Compartilhar o luto com outras pessoas é doloroso, mas, ao fazê-lo, cria-se uma rede de apoio única, onde o indivíduo se sente visto e ouvido. Esse acolhimento é essencial durante o caminho a ser trilhado.

Materiais

- Conta de artesanato
- Linha vermelha encerada
- Papel Lumipaper Rosa 90g/m²
- Papel Sirio Pearl Red Fever 250g/m²

Técnica

- Impressão experimental



Figura 65 - Peça "Anatomia da perda".

Fonte: Produzido pela autora.

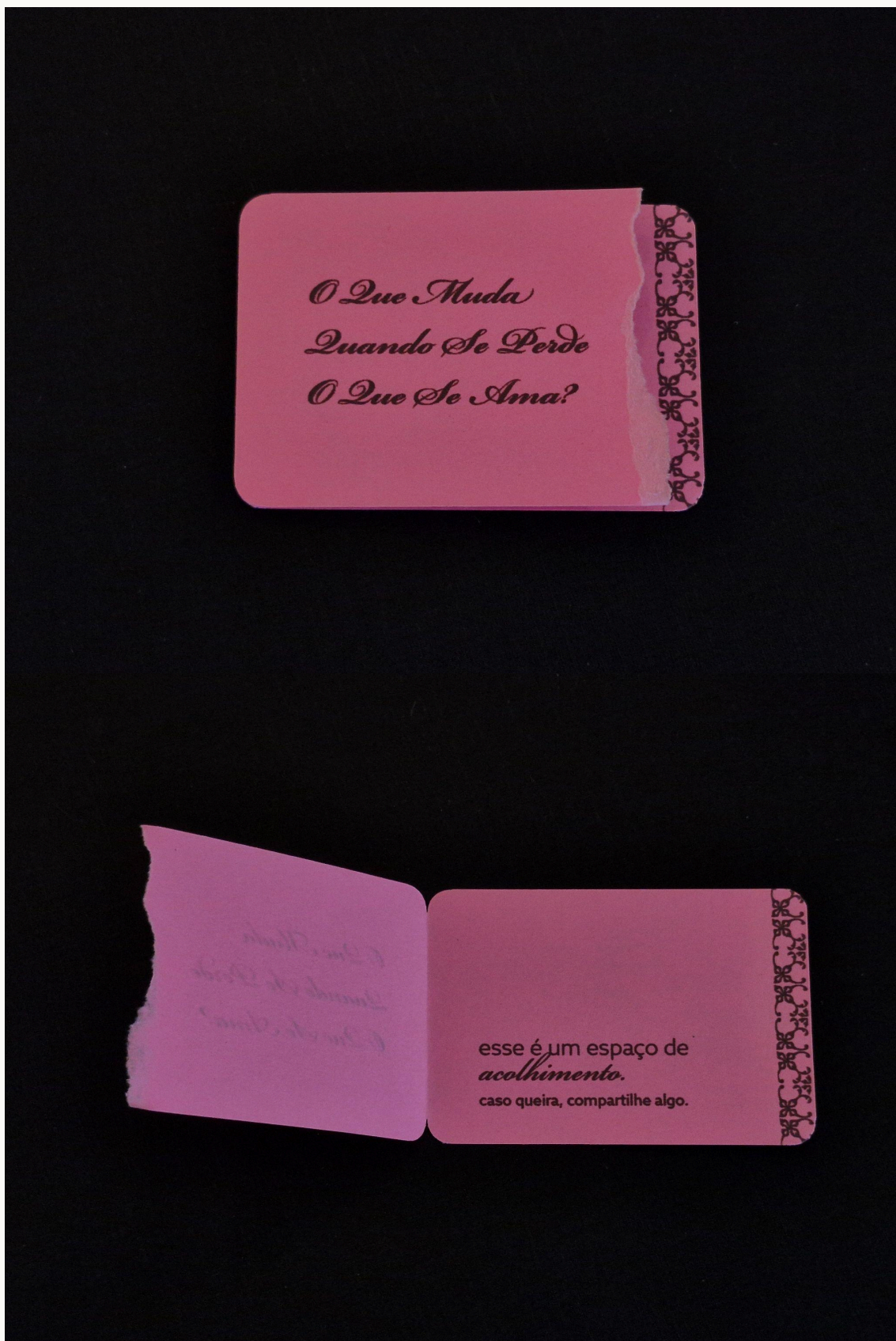


Figura 66 - Peça "Anatomia da perda".
Fonte: Produzido pela autora.

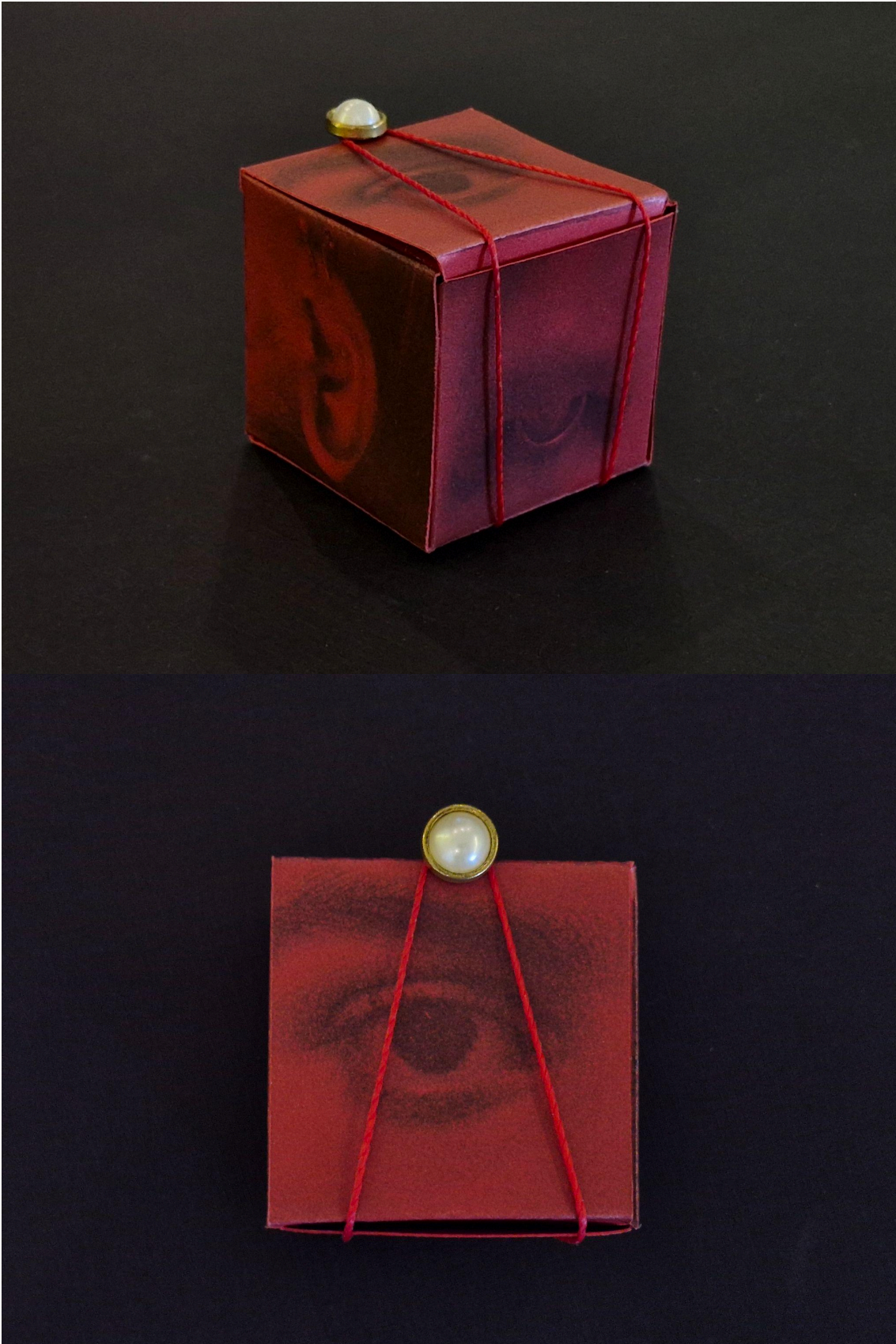


Figura 67 - Peça "Anatomia da perda".
Fonte: Produzido pela autora.

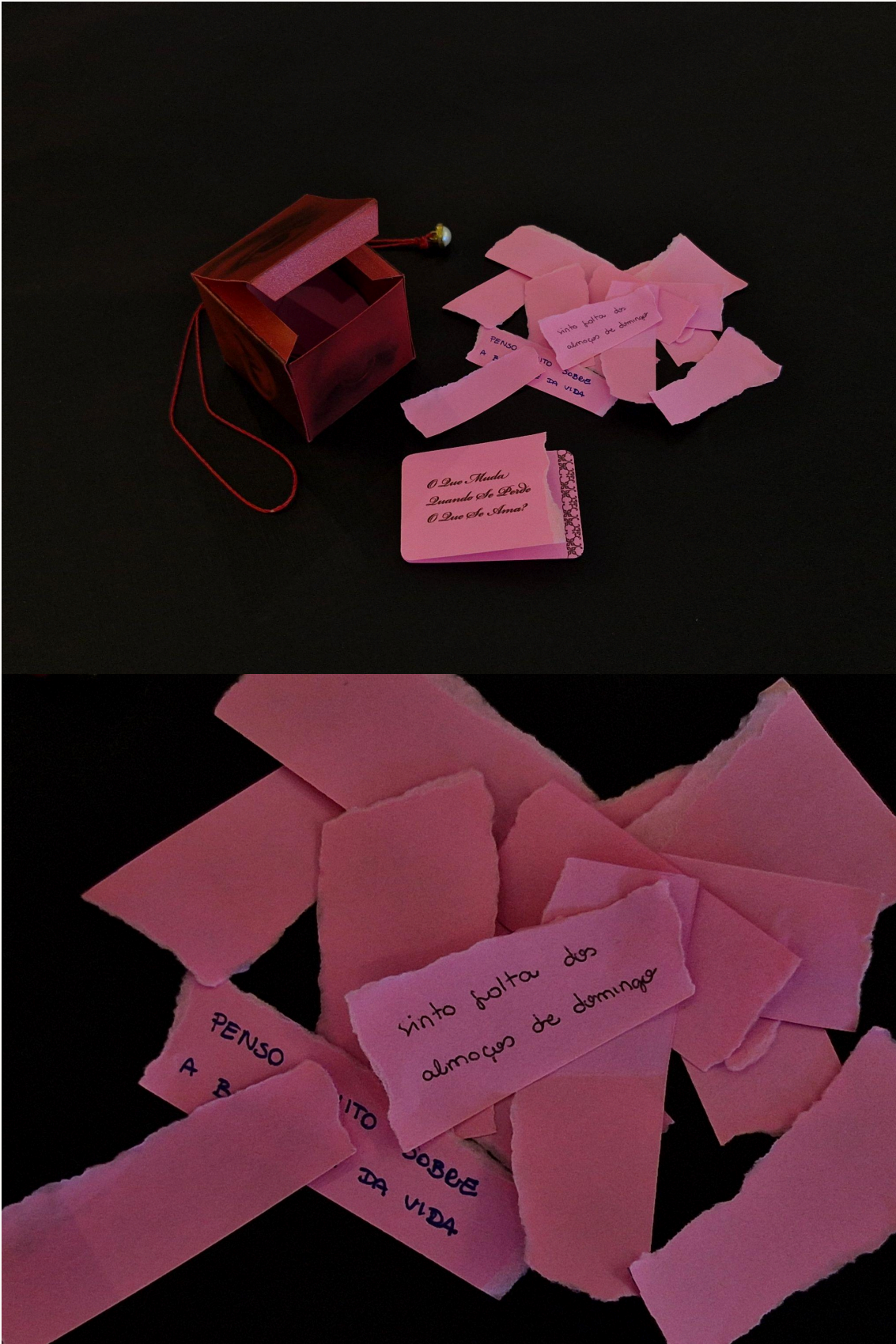


Figura 68 - Peça "Anatomia da perda".
Fonte: Produzido pela autora.

ATO III

PRESENÇA DA AUSÊNCIA

Exercício involuntário de ver a constante ausência.

7.2.7 Detalhes

Sobre percepção e ressignificação de ambientes e rotina.

Com o retorno à rotina habitual, podem surgir momentos em que a perda é temporariamente esquecida. Assim, começa um processo de redescoberta da vida, do cotidiano e do ambiente ao redor. Paralelamente, inicia-se o exercício de perceber a ausência constante nos pequenos detalhes.

Materiais

- Papel Color Plus Los Angeles 150g/m²
- Papel Kraft 250g/m²
- Papel Reciclato 120g/m²

Técnica

- Fotografia documental com câmera analógica

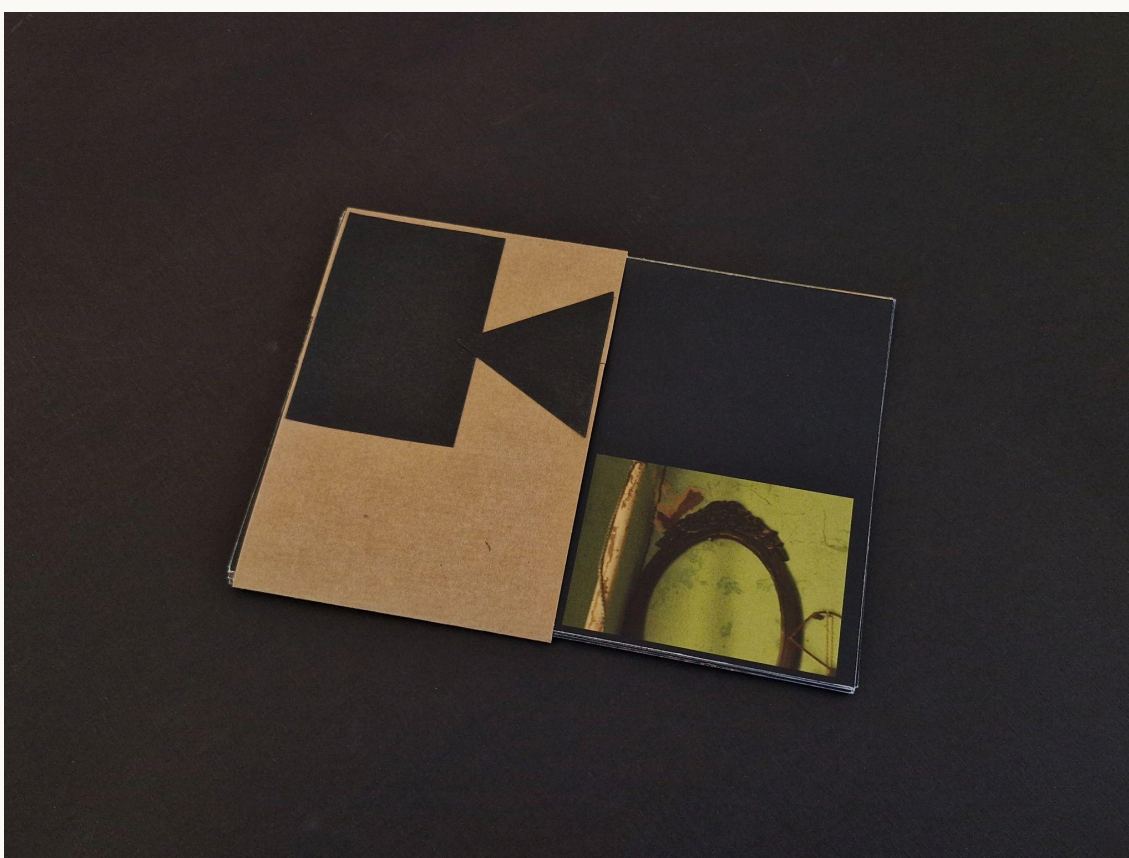


Figura 69 – Peça “Detalhes”.
Fonte: Produzido pela autora.

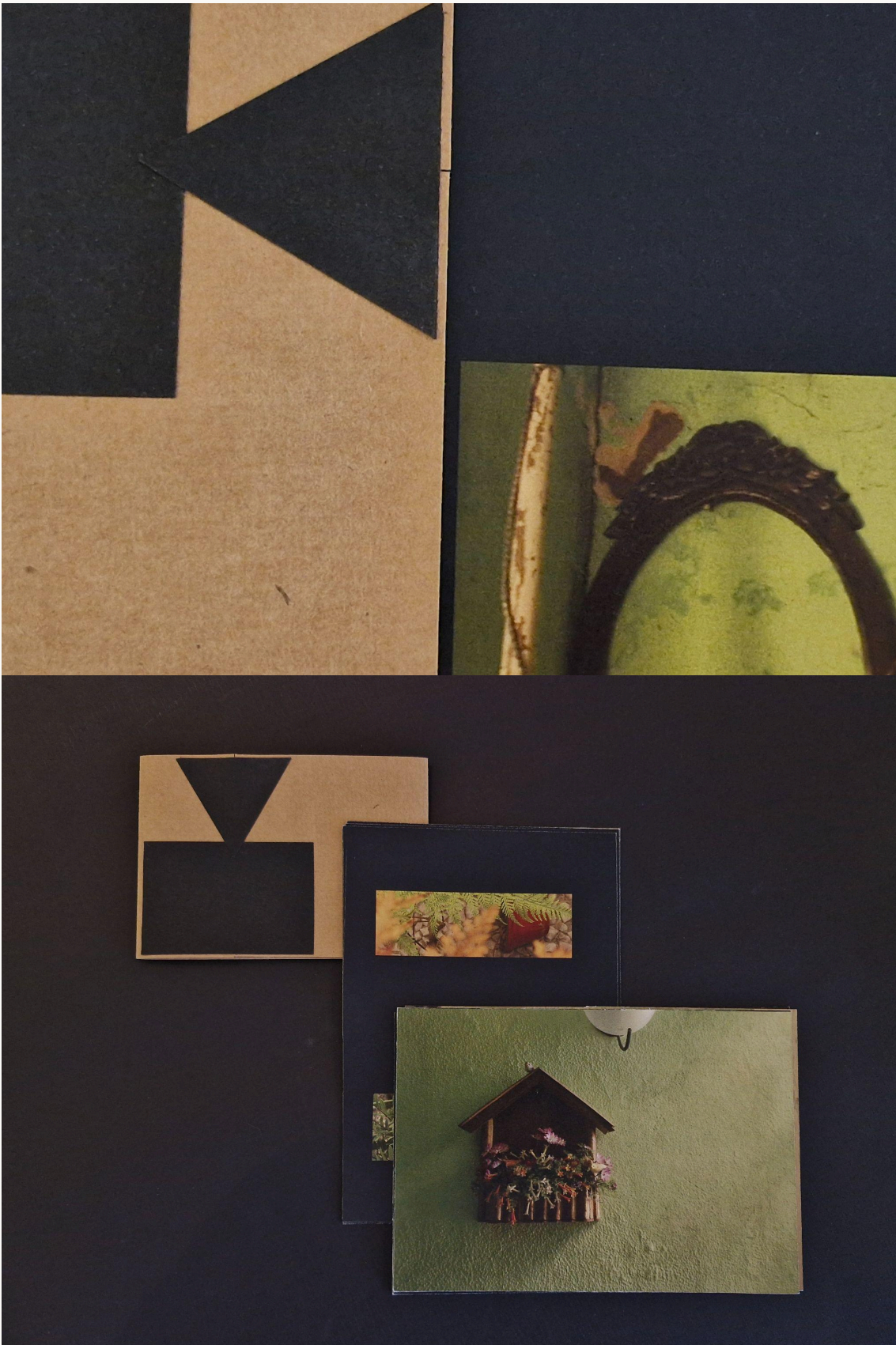


Figura 70 - Peça "Detalhes".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 71 - Peça "Detalhes".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 72 – Fotografias para peça “Detalhes”.
Fonte: Produzido pela autora.

7.2.8 Cultivamos o que deu no tempo disponível

Sobre o tempo que compartilhamos.

Durante o luto, reflexões inevitavelmente surgem. Pode-se pensar muito sobre o tempo que foi compartilhado: será que aproveitaram o suficiente? O que poderia ter sido feito de forma diferente? E, acima de tudo, o que foi cultivado entre eles perdurará?

Materiais

- Linha encerada verde musgo
- Papel Class Color Golden 180g/m²
- Papel Color Plus Los Angeles 150g/m²
- Papel Color Plus Porto Seguro 180g/m²

Técnicas

- Colagem com plantas
- Desidratação de plantas
- Hot stamping



Figura 73 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 74 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 75 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 76 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 77 - Peça "Cultivamos o que deu no tempo disponível".
Fonte: Produzido pela autora.

7.2.9 Presença da ausência

Sobre constante ausência.

Por vezes, um dos movimentos mais desafiadores é o de revisitar lembranças. Rever fotos e registros pode ser especialmente difícil, pois traz à tona uma avalanche de memórias e sentimentos intensos, que estavam adormecidos.

Materiais

- Papel Color Plus Santiago 180g/m²
- Papel Fotográfico Glossy 180g/m²
- Papel Premium Sticker Glossy 150g/m²
- Papel Sirio Pearl Red Fever 250g/m²

Técnicas

- Interferência em fotos



Figura 78 - Peça "Presença da ausência".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 79 - Peça "Presença da ausência".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 80 - Peça "Presença da ausência".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 81 - Peça "Presença da ausência".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 82 - Peça "Presença da ausência".
Fonte: Produzido pela autora.

ATO IV

EFÊMERO

Sobre mortalidade e finitude.

7.2.10 Efêmero

Sobre finitude e respeito.

A vivência do luto traz à tona a mortalidade e a finitude do ser humano, levando à criação de formas de honrar e cuidar da memória dos que partiram. Nesse contexto, a vela assume diversos significados, e o ato de acendê-la pode levar consigo a crença na vida eterna, desejada para aqueles que se foram e para si mesmo.

Materiais

- Caixa de fósforos
- Papel Adesivo 120g/m²
- Terço
- Velas

Técnicas

- Ilustração digital



Figura 83 - Peça "Efêmero".
Fonte: Produzido pela autora.

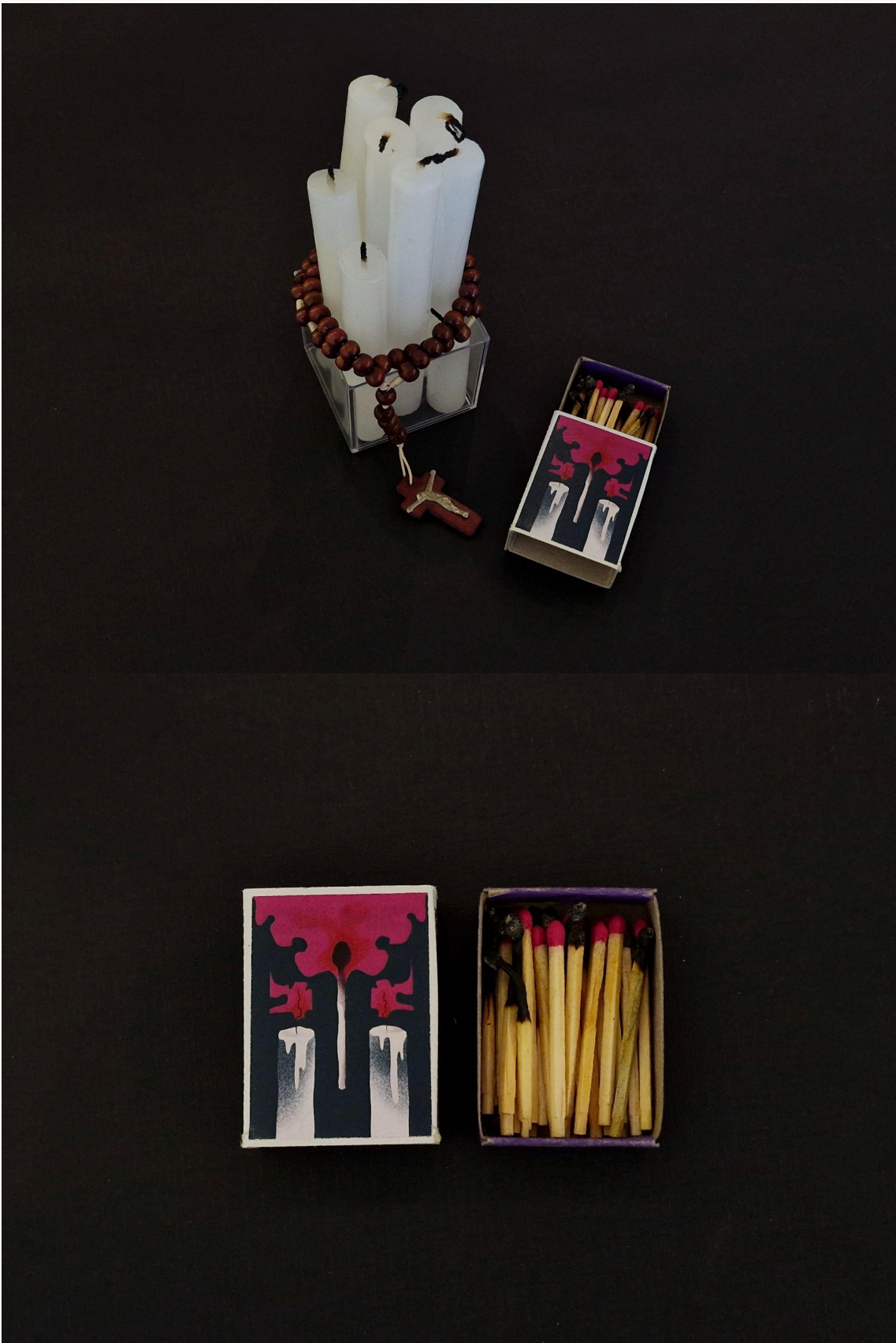


Figura 84 - Peça "Efêmero".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 85 - Peça "Efêmero".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 86 - Peça "Efêmero".
Fonte: Produzido pela autora.

7.2.11 Refletido

Sobre memória e afeto.

O luto pode despertar profundas reflexões sobre a própria finitude. Esses questionamentos, por sua natureza incerta, podem gerar angústia, levando à tentativa de esquecê-los ou de idealizar uma realidade futura mais confortável. Já se imaginou sendo apenas uma lembrança em um porta-retrato?

Materiais

- Algodão
- Contas para artesanato
- Papel Color Plus Santiago 180g/m²
- Porta retrato

Técnicas

- Colagem com algodão e contas de artesanato



Figura 87 - Peça "Refletido".
Fonte:Produzido pela autora.



Figura 88 - Peça "Refletido".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 89 - Testes com reflexo.
Fonte: Produzido pela autora.

ATO V

MEMÓRIA & AFETO

Fim...
ou recomeço?

7.2.12 Te dedico

Sobre dias melhores.

Ao longo da trajetória, busca-se recordar todo o amor e afeto presentes na relação cultivada. Tenta-se preservar tudo o que for possível sobre a pessoa: seu cheiro, seus gostos, hobbies, manias e hábitos. Apegar-se a essas lembranças é uma forma de manter viva a proximidade.

Materiais

- CD
- Papel Conchetto Bianco 250g/m²

Técnicas

- Gravação em CD
- Ilustração digital



Figura 90 - Peça "Te dedico".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 91 - Peça "Te dedico".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 92 - Peça "Te dedico".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 93 - Artes da peça "Te dedico".
Fonte: Produzido pela autora.

7.2.13 O que é o luto, se não o amor que perdura?

Sobre aceitação.

Em determinado momento, o indivíduo passa a se sentir confortável com sua trajetória e com todos os sentimentos vividos, pronto para olhar para trás. Nesse momento, as emoções desencadeadas não são necessariamente tristes, pois predominam as lembranças de afeto e amor. Busca-se preservar os sentimentos gerados por essa vivência única, sejam eles bons ou ruins, protegendo-os e compartilhando-os apenas com aqueles que se deseja.

Materiais

→ Acrílico

Técnicas

→ Corte e gravação em acrílico

→ Desenho vetorial

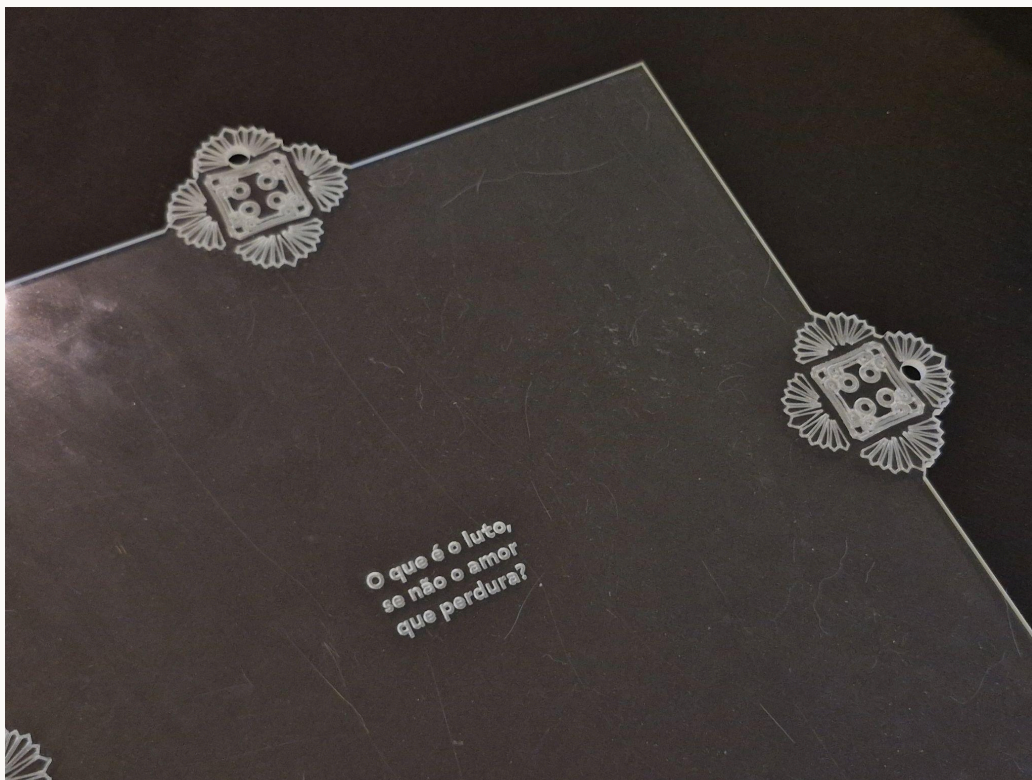


Figura 94 - Peça "O que é o luto, se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 95 – Peça “O que é o luto se não o amor que perdura”.
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 96 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 97 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 98 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 99 - Peça "O que é o luto, se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 100 – Peça “O que é o luto, se não o amor que perdura”.
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 101 – Peça “O que é o luto se não o amor que perdura”.
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 102 – Peça “O que é o luto se não o amor que perdura”.
Fonte: Produzido pela autora.



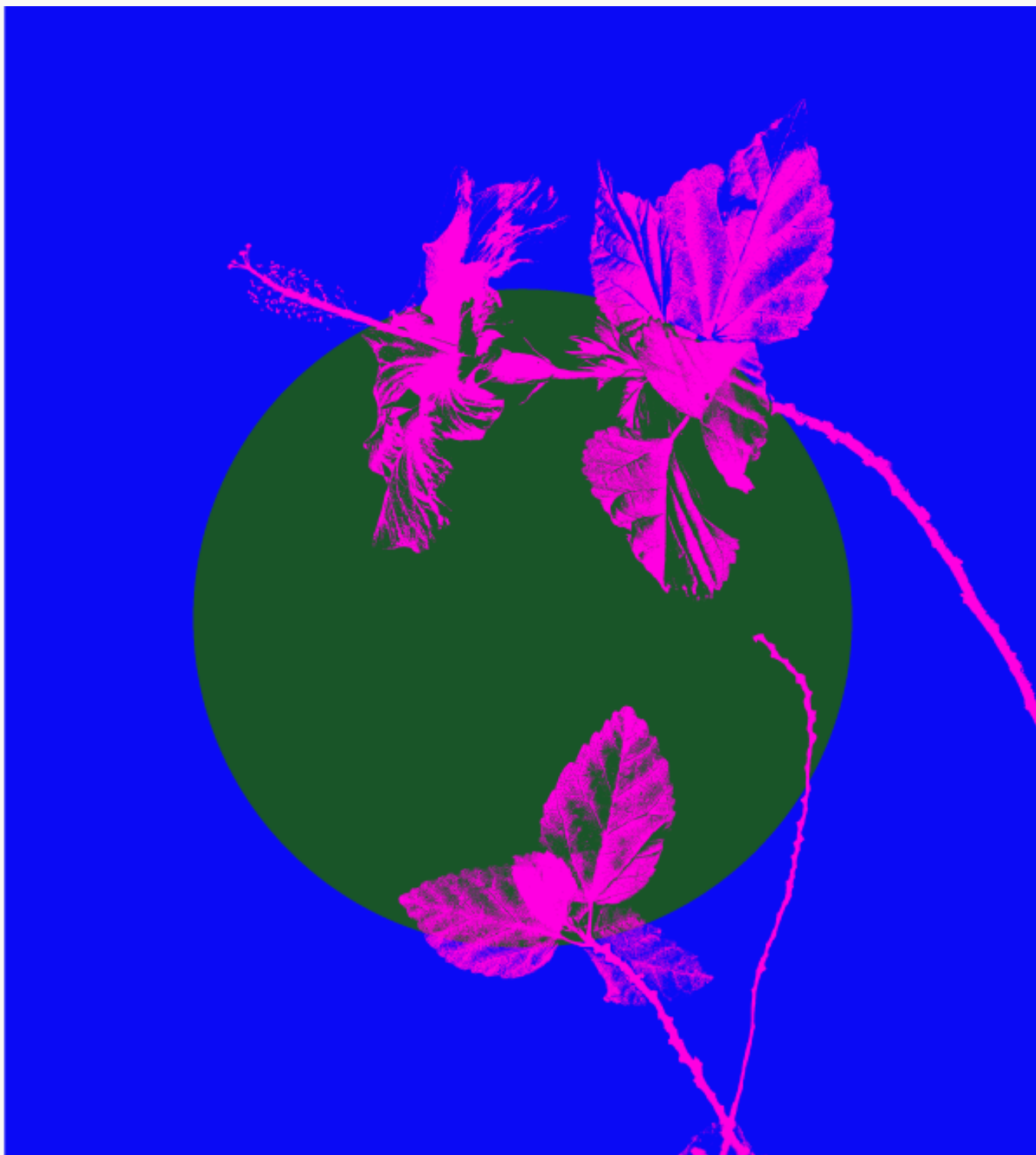
Figura 103 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



Figura 104 - Peça "O que é o luto se não o amor que perdura".
Fonte: Produzido pela autora.



8 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A temática do luto pode ser complexa de materializar, podendo tornar o desenvolvimento de um projeto sobre o tema algo desafiador e intimidador. Diante disso, buscou-se tornar o processo mais fluido, introduzindo a ideia de experimentação como elemento central no desenvolvimento do projeto.

A partir disso, buscou-se no mercado atual, peças criativas que unissem o design e a experimentação para retratar tal temática e percebe-se que ainda é muito escasso em criações com determinada proposta.

Devido à profundidade do tema, tornou-se necessário estudar áreas da psicologia, o que foi fundamental para guiar o projeto com sensibilidade e humanidade. Esse estudo multidisciplinar não só enriqueceu o desenvolvimento do projeto, mas também proporcionou à autora um maior autoconhecimento. No campo do livro experimental, o estudo das formas de fazer e criar expandiu as possibilidades de desenvolvimento. Inicialmente, notou-se um forte apego à ideia de "livro", mesmo sendo classificado como experimental. Essa percepção levou a uma virada conceitual, que a autora considera uma das transformações mais importantes para a pesquisa.

Após isso, inicia-se a catalogação e idealização das peças a serem produzidas, e nessa etapa, a autora se sentiu confiante para desenvolver criações sensíveis, baseadas em experiências reais. No entanto, houve a necessidade de refletir sobre o que seria confortável compartilhar com o público.

Após definir as ideias, a fase de experimentação começou, e essa abordagem se revelou a melhor decisão para o projeto. A experimentação não apenas enriqueceu o produto final, como também tornou o processo de criação mais divertido, além de desafiar a autora a sair de sua zona de conforto e explorar novos espaços dentro e fora da universidade.

Por fim, considera-se que os objetivos foram alcançados e as diretrizes seguidas. O aspecto mais valorizado pela autora foi a possibilidade de partilhar

com o público uma experiência que, espera-se, seja profunda e capaz de evocar sentimentos e diferentes interpretações a partir da vivência com o projeto.

REFERÊNCIAS

BARATA, Ana; VALE, Paulo P. (org.). Lourdes Castro: **Todos os livros: Catálogo comprovado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa: Documenta, 2015.

DE LUCAS, Freitas Joanneliese. **Luto e Fenomenologia: uma Proposta Compreensiva**. Revista da Abordagem Gestáltica: Estudos Fenomenológicos, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735557010>. Acesso em: 2 nov. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

KOVÁCS, Maria Julia. **Perdas e o processo de luto**. In: SANTOS, Franklin; INCONTRI, Dora (org.). A Arte de Morrer – Visões Plurais – Vol. 1. 1. ed. Bragança Paulista: Comenius, 2009.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAIVA, Ana Paula Mathias. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Edusp, 2010.

PHILLPOT, Clive. **Booktrek**. Limmatstrasse: JRP|Ringier, 2013.

SALAVISA, Eduardo. **Diários de Viagem: desenhos do cotidiano: 35 autores contemporâneos**. Lisboa Quimera, 2008.